

Afirmativa

ANO 5 - Nº 26 - R\$ 7,50 - AFROBRAS. SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

plural

COMPORTAMENTO

Adoção de
criança negra

20 DE NOVENBRO
História e conquistas

TURISMO
New Orleans,
a cidade do jazz

O que muda o planeta é consciência. O que cria consciência é educação.

Para nós, tão importante quanto oferecer acessibilidade a serviços bancários é potencializar pessoas. E é isso que a Fundação Bradesco faz há mais de 50 anos.

- Maior programa gratuito, privado, de educação do país.
- 40 escolas em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal.
- Mais de 1,4 milhão de alunos atendidos nos últimos 10 anos.

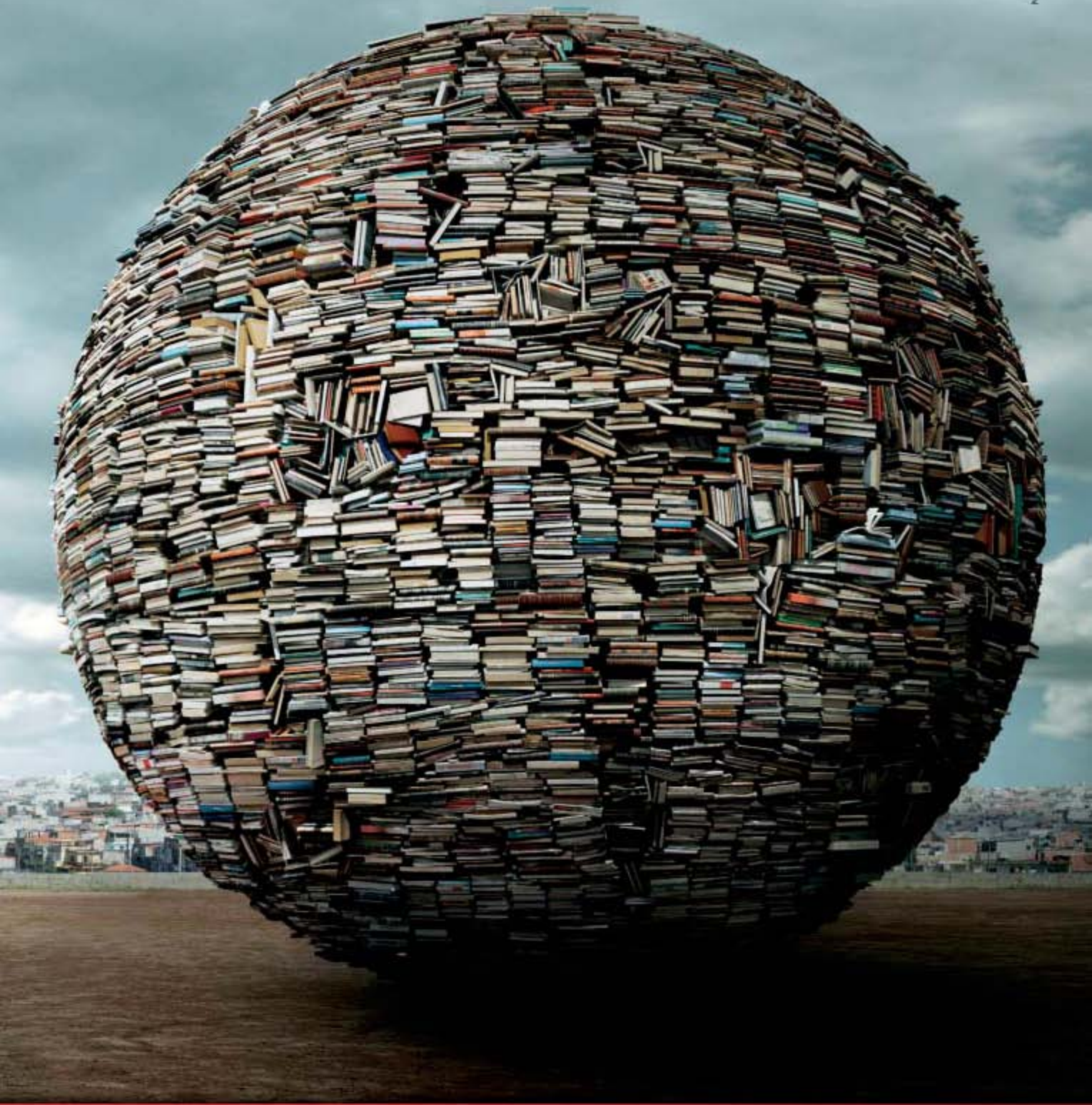
A educação das novas gerações é base indispensável para tornar possível o ideal de sustentabilidade. Porque tão importante quanto plantar árvores e conservar florestas é cultivar idéias e transformá-las em atitudes para um modo de vida sustentável. Conheça mais no site: www.fb.org.br/institucional

Banco do Planeta. Investindo, apoiando e informando.



Bradesco**completo**

www.bradesco.com.br



Banco do
Planeta

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da Livraria Papelaria e Editora Unipalmare Ltda. CNPJ nº: 08.634.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 5, Número 26 – Rua Padre Luís Alves de Siqueira, 640 – Barra Funda – São Paulo/SP – Brasil – CEP 01137-040 – Tel. (55-11) 3392-6005.

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente, Francisca Rodrigues, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Humberto Adami, Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (MTb. 14.845 – Francisca@afrobras.org.br).

EDITORA: Zulmira Felício (MTb.11.316 – Zulmira.felicio@globo.com).

FOTOGRAFIA: J.C.Santos e Divulgação.

COLABORADORES: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinheiro.com.br) e Isabella De Luca.

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Taíse Oliveira (taise@afrobras.org.br).

CAPA: Arquivo pessoal Juca Chaves.

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Alvo Propaganda & Marketing - revistas@alvopm.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Vox Editora.

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras / Centro de Documentação, através da Editora Livraria Papelaria e Editora Unipalmare Ltda. CNPJ nº: 08.634.988/0001-52.

A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

13

ERRATA

A Revista Afirmativa Plural, edição nº 25, matéria Desperdício de Talentos, página 56, publicou erroneamente foto de estagiárias da Educafro como sendo as estagiárias da Zumbi dos Palmares no Banco Itaú.



Perguntar sempre
se é possível
ser melhor,
mais simples,
mais responsável.

O jeito Coca-Cola Brasil
de viver positivamente.



189 milhões de embalagens coletadas no Brasil.

1.300 toneladas de embalagens recolhidas pelo Programa Reciclou, Ganhou em 2007.

900 milhões de litros de água poupados.

Para a Coca-Cola Brasil viver positivamente é buscar maneiras novas e eficientes de participar com responsabilidade do processo produtivo, da vida das comunidades em que atua, das iniciativas cada vez mais urgentes pela proteção do meio ambiente. Saiba tudo de positivo que nós estamos fazendo e também está ao seu alcance. Acesse:

www.cocacolabrazil.com.br

BRASIL
Coca-Cola
VIVA  POSITIVAMENTE



2.600 AGÊNCIAS ITAÚ E ITAÚ PERSONALITÉ

26 MIL CAIXAS ELETRÔNICOS

ITAÚ BANKLINE, O MELHOR BANCO PELA INTERNET

CRÉDITO RÁPIDO PARA O SEU DIA-A-DIA

MANICONTA ITAÚ: MAIS SERVIÇOS, MENOS TARIFAS

CARTÃO PARA MOVIMENTAÇÃO JÁ NA ABERTURA DA CONTA

SEGURO AUTO ITAÚ, ATÉ 20% DE DESCONTO

CONSULTORIA DE INVESTIMENTOS ON-LINE

ITAÚ BANKFONE, 24 HORAS À

O OK MAIS RÁPIDO DO MIER

ITAUCARD, O CARTÃO DE

O MELHOR BANCO BRA

ITAÚ MOBILE, SEU

SUA DISPOSIÇÃO
CADO PARA COMPRAR SEU CARRO OU SUA CASA
CRÉDITO MAIS UTILIZADO DO PAÍS
SILEIRO DOS ÚLTIMOS 20 ANOS
BANCO PELO CELULAR

**Abra uma conta
em uma agência
do Itaú.**
**A melhor relação
custo-benefício.**
**Conheça todos
os benefícios do Itaú
e escolha o que
foi feito para você.**



feito
para
você

www.itaubr.com



12

10 EDITORIAL

Adoção de crianças negras.

12 ENTREVISTA

Benedito Gonçalves, o primeiro negro do Superior Tribunal de Justiça, o Tribunal da Cidadania.

14 CAPA

De 80 a 100 mil crianças que vivem em casas de abrigos 63% são negras.

20 PERFL

Um negro na direção da teledramaturgia brasileira.

24 PERFL

A primeira mulher da história brasileira a chegar ao pódio em uma prova individual de Jogos Olímpicos.

14

26 ESPORTE

Apesar da falta de incentivo ao esporte, atletas brasileiros mostraram garra e determinação em Pequim.

28 CIDADANIA

O universo das grandes empresas brasileiras ainda é um território, por excelência, da exclusão.

34 EMPREENDEDORISMO

Wilson Gomes, músico renomado no exterior e sócio da Tradutora Bureau Translations, recorda-se do tempo em que morava nas ruas.

36 MERCADO DE TRABALHO

O programa de trainees do Banco Real criado especialmente para a Zumbi dos Palmares – em 2006 – começa a dar frutos.

34

40 EDUCAÇÃO

Quase 70% das crianças que estão fora da escola são negras, alerta a oficial de projetos de Educação do Unicef.

44 EDUCAÇÃO

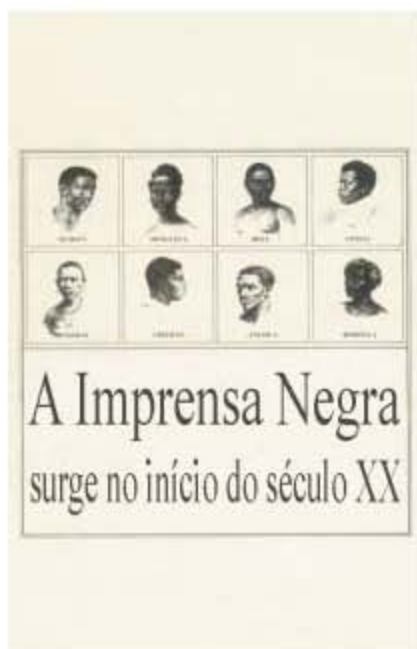
‘Qualidade é a palavra’, diz a secretária de Educação do Estado de São Paulo, Maria Helena Guimarães.

48 ECONOMIA

Chegou a vez do empreendedorismo brasileiro conquistar os países africanos.

52 ECONOMIA

O setor sucroalcooleiro no Brasil se prepara para um novo patamar de crescimento.



40

54 RESPONSABILIDADE SOCIAL
ONG Cosmética, Beleza e Cidadania, muito mais do que oferecer cursos, trabalha a auto-estima da mulher.

57 RESPONSABILIDADE SOCIAL
O Projeto Crescer amplia a oportunidade do jovem descobrir seu potencial para o trabalho.

58 PLURAL
A participação chinesa no desenvolvimento da África.

61 SAÚDE
A visão e o diabetes. Artigo do oftalmologista Leôncio Queiroz Neto.

70

62 SAÚDE
A Luta contra a AIDS na África. Artigo do infectologista David Uip.

66 CULTURA
A afirmação da capoeira. Artigo de Zulu Araújo, presidente da Fundação Cultural Palmares.

70 CONSCIÊNCIA NEGRA
No início do século XX, período pós-abolição, surgiram em São Paulo jornais da chamada Imprensa Negra.

84 TURISMO
Terra natal de Louis Armstrong, personificação do jazz, New Orleans é chamada de 'Salvador' dos americanos.

72

Seções

46 OPINIÃO

64 LIVROS

65 AGENDA CULTURAL

88 AFIRMATMO

90 PRETO & BRANCO



Adoção e Consciência Negra

A capa da nossa Afirmativa Plural trata do tema adoção. Resolvemos discutir esse assunto quando recebemos uma sugestão da assistente social Ana Maria Silveira, autora do livro: *Adoção de Crianças Negras – Inclusão ou Exclusão?* Segundo ela, no Brasil, mais de 80% das pessoas que pretendem adotar buscam crianças brancas.

As adoções interétnicas (ou inter-raciais) estão aumentando, mas somente aquelas de pais brancos e crianças pardas, a adoção de crianças negras ainda é rara. “Há depoimentos que mostram que as pessoas até aceitam um *moreninho*, desde que não seja muito escuro, ou que o cabelo não seja pichaco... o que é constrangedor...”, diz a Pesquisadora no cenário da Adoção

e Família, psicóloga e professora da Universidade Federal do Paraná Lídia Weber.

Quando recebemos o livro de Ana Maria, logo decidimos falar do assunto, não só na revista, mas fizemos também o programa de TV Negros em Foco e levamos o cantor, humorista e compositor Juca Chaves. Quando ele nos mostrou as fotos das duas filhas, nos apaixonamos e todos na redação foram unânimes: “essa foto tem que ser a capa da revista. As meninas são lindas e com certeza balançarão o coração de muita gente”.

Um outro assunto que trazemos é o Dia 20 de Novembro, data em que morreu Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo de Palmares, fundado em 1597 por escravos revoltos. Quem sabe numa data reflexiva como essa, nós brasileiros paremos para refletir que a cor da pele não faz a pessoa. Que é justamente essa diferença que faz o Brasil tão bonito, que faz o mundo mais belo.

Dia 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. Pois é, ainda temos que ter um dia para que os brasileiros de “todas as cores” parem e reflitam sobre a situação do negro no País e, principalmente, a situação de crianças negras que estão nas filas de espera para serem adotadas.

Embora se estime que a população negra – soma das pessoas que se autodeclararam pretas e pardas segundo o IBGE – será a mais numerosa do Brasil ainda neste ano de 2008 e maioria absoluta a partir de 2010, a situação está ainda bem difícil para as pessoas desta etnia, pois a maioria dos negros está na base da pirâmide.

Situação difícil onde 450 mil num total de 660 mil crianças de 7 a 14 anos que não frequentam a escola são negros. Onde os negros não estão representados nas empresas em cargos de direção, não estão nas universidades em cargo de professores, não estão no Congresso em cargos de deputados e senadores

Dia 20 de Novembro, data em que comemoramos o Herói Nacional Zumbi dos Palmares: que significa Deus da Guerra para uns: N’Zambiapongo, N’Zambi e N’Zumbi, palavra do angolano, todas significando Deus. Para nós, negros, significa Liberdade, Luta, Orgulho.

Nesta edição da Afirmativa Plural, trazemos um pouco da história de Zumbi dos Palmares e do movimento negro brasileiro, o que é, o que representa, nossas conquistas, além de alguns destaques da nossa sociedade, heróis que lutaram e tiveram sucesso em suas vidas, exemplos para todos.

Dia 20 de Novembro, data em que muitos negros participarão de diversas atividades pelo Brasil, onde em muitas cidades já é feriado. Entre estas festas está a entrega do Troféu Raça Negra, evento realizado pela ONG Afrobras, considerado o “Oscar” da comunidade negra, que acontecerá na Sala São Paulo, na capital paulista, oportunidade em que negros são reverenciados por negros e brancos.

Mais uma vez, lembramos que nossa revista pode ser encontrada agora nas principais bancas de jornais e revistas de São Paulo, ou pode ser adquirida por assinatura.

Valeu Zumbi!

Francisca Rodrigues

Editora Executiva



**A Vale oferece minério para sua vida.
E usa tecnologia ambiental para ajudar a conservar
97% da Floresta Nacional de Carajás.**

A mineração moderna praticada pela Vale usa tecnologia de ponta em seus processos produtivos e na sua gestão ambiental.

- A Vale recupera os 3% da área que utiliza em Carajás para mineração e infra-estrutura.
- E possui o maior viveiro de mudas de espécies nativas tropicais da América Latina.
- Na Reserva Natural Vale, em Linhares - ES, são protegidas seis espécies de felinos da Mata Atlântica, inclusive a onça-pintada.

A Vale acredita que pode fazer mais. É um enorme desafio mas, sim, é possível.



www.vale.com



Sua Excelência, Ministro do STJ, Benedito Gonçalves

O MAIS NOVO INTEGRANTE DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO BRASIL TEM UM DIFERENCIAL: UM NOME CURTO COM DUAS PALAVRAS, IMPREGNADAS DE MUITOS ROSTOS, DE MUITAS FALAS, DE MUITAS MEMÓRIAS. A PRIMEIRA PODE EVOCAR A NOMINAÇÃO DE UMA IGREJA DOS PRETOS, IRMANDADE, COMPADRIO, FAMÍLIA, RESISTÊNCIA. A SEGUNDA, A DOMINAÇÃO, EXOTISMO, DIFERENCIAL, DETERMINAÇÃO. NA REALIDADE, ESTAS DUAS PALAVRAS QUE, PSEUDAMENTE, DEMARCAM IDENTIDADES MÚLTIPLAS EM UM MESMO CORPO, QUE DESDE CEDO APRENDEU SER OS ESTUDOS O CAMINHO DAS POSSIBILIDADES. NA CORRIDA DE REVEZAMENTO, ESTEVE ALIADO A BONS ATLETAS. TRANSPÔS (SEUS) LIMITES. QUEBROU O "TETO DE VIDRO". O RECONHECIMENTO PÚBLICO ESPERADO VEIO AOS 54 ANOS, 20 DELES DEDICADOS À MAGISTRATURA. FALA-SE DO DESEMBARGADOR FEDERAL BENEDITO GONÇALVES, AGORA MINISTRO DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA, O TRIBUNAL DA CIDADANIA.

AFIRMATIVA PLURAL – Ministro Benedito Gonçalves quando o jovem negro e pobre, Benedito Gonçalves, começou a construir esta carreira?

MINISTRO BENEDITO GONÇALVES – *Esta construção vem a vida inteira. Ela começa até inconscientemente, na realidade. Porque tudo na vida, as ligações de hoje, são calcadas no seu passado. E todo mundo que entra numa carreira, quer chegar ao ápice. Uma coisa que vem naturalmente. Mas, o que dita o presente, é seu passado?*

AFIRMATIVA – Sendo assim, qual foi sua trajetória?

MINISTRO – *Sou carioca. Sempre trilhei pelo serviço público. Fui inspetor de alunos no antigo Estado da Guanabara. Depois fiz con-*

curso público para o cargo de Papiloscopista da Polícia Federal, por onze anos. Optei por ficar em Brasília, fiz novo concurso, desta vez para o Delegado da Polícia Civil de Brasília, porque não poderia ser mais removido. Ali eu vi que minha carreira jurídica era muito melhor, que o campo estava melhor. Depois fiz o concurso para juiz federal, por sinal, o último do TRF.

AFIRMATIVA – A opção por Brasília ficou restrita especificamente ao campo profissional?

MINISTRO – *Lá conheci minha esposa que também fez direito e funcionária pública de Brasília. Tivemos um casal de filhos, o primeiro nasceu em Brasília e o segundo no Rio de Janeiro. Então tudo isso agora se concilia.*

AFIRMATIVA – E sua formação?

MINISTRO – *Fiz Direito na Uerj em 1978. Em 1997, concluí a especialização em Direito Processual Civil, pelo Centro de Estudos Judiciários do Conselho da Justiça Federal, em convênio com a Universidade de Brasília. Em 1998, concluí o mestrado em Direito na Universidade Estácio de Sá, com a dissertação “Mandado de Segurança: Legitimidade Ativa das Associações”.*

AFIRMATIVA – O STJ é chamado de Tribunal da Cidadania? O senhor se enquadra neste perfil?

MINISTRO – *Perfeitamente. O Superior Tribunal de Justiça ou Tribunal da Cidadania trata da questão da relação do cidadão no dia-a-dia, ele é o mais importante. Porque ele é o último tribunal que vai fazer a interpretação da lei federal. Para dar o quê? A segurança junto a socieda-*

de. Assim, os temas que vão para lá, não são temas como o do ‘Benedito no Banco do Brasil’. E sim, temas que envolvem as relações jurídicas naquele tipo de contrato com o Banco do Brasil. Esse tribunal é de unificar as teses. Ele mexe com a relação do cotidiano do cidadão. Nós podemos fazer ou deixar de fazer alguma coisa em virtude de Lei. Então tudo deságua lá.

AFIRMATIVA – Políticas focalizadas como as Ações Afirmativas. Qual seu posicionamento?

MINISTRO – *Sou totalmente favorável às medidas de Ações Afirmativas, necessárias neste País tão desigual. Como as cotas, que estão dentro da autonomia dada pela Constitui-*

ção às universidades. Mas, não no acesso ao serviço público. Porque nós queremos mostrar à comunidade negra que se ela tiver a educação ela poderá alcançar o serviço público pelos seus méritos. Um exemplo de ação afirmativa é a Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, pela sua filosofia de trabalho, de responsabilidade, de empenho. É uma iniciativa que deu certo. E é uma construção de muitos braços, como foi a minha indicação ao STJ, foi o empenho e comprometimento de um coletivo.

mento de um coletivo.

AFIRMATIVA – Ser o primeiro negro a ocupar o cargo de ministro...

MINISTRO – *É uma oportunidade para fortalecer a inclusão. O STJ tem representantes de variados segmentos da sociedade, mas nunca, em toda a sua história, teve alguém que representasse as comunidades negras. É fundamental, é vital.*

AFIRMATIVA – Qual o recado que o senhor daria para as comunidades negras, para os jovens?

MINISTRO – *Primeiro, que eu acredito na educação. Então acredito que essa comunidade negra deva ter acesso à educação. Volto a dizer, a Zumbi dos Palmares é um exemplo de Ação Afirmativa na Educação. Estamos colocando jovens preparados no mercado de trabalho com a parceria de instituições deste mercado de trabalho. Em seguida, mostrar que as pessoas que conseguiram destaque na sociedade, devem dar retorno às suas comunidades, porque Educação é importante, mas é importantíssimo levantar a auto-estima desse povo e mostrar a eles que tudo é possível.*

“O STJ TEM REPRESENTANTES DE VARIADOS SEGMENTOS DA SOCIEDADE, MAS NUNCA, EM TODA A SUA HISTÓRIA, TEVE ALGUÉM QUE REPRESENTASSE AS COMUNIDADES NEGRAS”



Um ato de amor

POR: ZUMIRA FEÚCIO, EDITORA

HÁ ENTRE 80 MIL A 100 MIL CRIANÇAS VIVENDO EM CASAS DE ABRIGO EM TODO O PAÍS, SENDO A MAIORIA AFRODESCENDENTES (63%) E MENINOS (58,5%). OBSERVA-SE UM AUMENTO DE ADOÇÕES INTERÉTNICAS (OU INTER-RACIAIS), MAS SOMENTE ENTRE PAIS BRANCOS E CRIANÇAS PARDAS; A ADOÇÃO DE CRIANÇAS NEGRAS AINDA É RARA.

"No Brasil, mais de 80% das pessoas que pretendem adotar buscam crianças brancas". A afirmação é da assistente social Ana Maria Silveira, a partir de uma criteriosa reflexão e estudo que não ocorreu somente por ocasião de sua dissertação de mestrado, mas durante alguns anos de

sua vida. O resultado desse conhecimento, está traduzido em seu livro: *Adoção de Crianças Negras – Inclusão ou Exclusão?*, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente da PUC-SP.

Nos anos 80, Ana Maria Silveira atuou na Vara da In-

fância e Juventude, depois trabalhou no Fórum do Tatuapé também envolvida com a questão. Participou de grupos de apoio, e visitou a Itália para conhecer o desenvolvimento do processo de adoção naquele país, que “muito embora tenha uma lei bem definida sobre a adoção, possui também uma sociedade preconceituosa”, acrescenta.

No Brasil, o preconceito também é visível entre os próprios negros. Isto é, os candidatos a pais adotivos negros buscam crianças brancas”, diz em sua pesquisa Ana Maria ressaltando a necessidade de discutir o problema em sua essência, a fim de sensibilizar a sociedade de que “a maioria de crianças exclusivas não tem direito sequer a um projeto de vida”.

SOMENTE TRÊS SÃO NEGRAS

Pesquisadora no cenário da Adoção e Família, a psicóloga e professora da Universidade Federal do Paraná (Ufpr), Lídia Weber, foi uma das primeiras profissionais a publicar o resultado de uma pesquisa, em 2001, relativa à adoção de crianças negras: De cada 100 mulheres que fazem adoção formal, somente três são negras. Em relação aos homens, 14 são negros a cada 100.

A pesquisadora se baseou em 311 famílias adotivas espalhadas por 105 cidades brasileiras. Pelo levantamento, 96,2% das mães são brancas, 3,1% são pardas e 0,2% são pretas. Entre os pais, 85,5% são brancos, 12,8% são pardos e 1,2%, pretos.

Em nova pesquisa recém finalizada, a pesquisadora registrou 395 famílias adotivas, sendo no total de 27 filhos adotivos negros.

As adoções interétnicas (ou inter-raciais) estão aumentando, mas somente aquelas de pais brancos e crianças pardas, a adoção de crianças negras ainda é rara. “Há depoimentos que mostram que as pessoas até aceitam um *moreninho*, desde que não seja muito escuro, ou que o cabelo não seja pichado... o que é constrangedor... No entanto, os dados revelam que não existe diferença em satisfação e sucesso da adoção quando se comprara adoções inter-raciais e intra-raciais”, explica Lídia Weber.

De maneira geral, quem adota mais são as pessoas da religião espírita, seguida das protestantes e, em terceiro, as católicas. Isso se repete em adoções interétnicas. “São as espíritas que mais o fazem, e prevalecem também, proporcionalmente, as adoções monoparentais de mulheres, ou seja, mulheres sozinhas que adotam mais crianças negras”, completa a pesquisadora.

AFRODESCENDENTES 63%

“Crianças diferentes que fogem do padrão estatístico são duplamente marginalizadas, e quando não adotadas por estrangeiros ou solteiros, formam o grande contingente de abandonados nas instituições públicas ou privadas”, reforça Paulo Sérgio Pereira dos Santos, filho adotivo e pai adotivo, batalhador da causa devido a sua própria história de vida. Há mais de 25 anos nessa luta, Santos ocupou a presidência da Associação Nacional dos Grupos de Apoio à Adoção (Angaad), de 1999 a 2003; colabora no Projeto de Vida em Indaiatuba, onde reside; é atual vice-presidente do Projeto Acalanto São Paulo, entidade que ajudou a criar em 1993. “Em 1996 existiam apenas 13 grupos de apoio, hoje somam 100”, alegra-se. Um congresso realizado em Recife este ano que reuniu 700 participantes, “houve a oportunidade para se tratar de diversos temas, entre eles: a adoção para questões em casos especiais, como portadores de vírus HIV, portadores de deficiência física e mental, grupos de irmãos e crianças negras, prova de que a situação começa a mudar”, acredita Santos.

Santos alerta que de um lado há um aumento significativo de casos de adoção: em São Paulo, o número cresceu de 3.339 para 4.695, respectivamente entre 2004 a 2007, entretanto, estima-se de 80 a 100 mil crianças vivendo em casas de abrigo em todo o País, sendo 87% não órfãos, 58% tem convivência (mesmo esporádica) com algum membro da família, 96% de abrigadas frequentam a escola, sendo que 88% encaminhadas através dos Conselhos Tutelares. A maioria é menino (58,5%), afrodescendente (63%) é mais velho, isto é, com idade entre 7 e 15 anos (61,3%).

PRINCIPAIS MUDANÇAS DA LEI

- Filho adotivo poderá saber quem são seus pais biológicos.
- A idade mínima de 21 anos passa para 18 anos para adotar.
- O cadastro nacional terá dados de pais e crianças habilitados.
- Os estrangeiros terão que fazer estágio de convivência de um mês.
- A cada dois anos, o juiz terá que dizer o porquê da criança permanecer no abrigo.
- A Lei explicita a possibilidade dos pais biológicos indicarem na Justiça quem adotará seus filhos, sendo que a permissão vale a partir do nascimento.
- Crianças em condições de risco deverão ser retiradas por instituições de tribos indígenas ou provenientes de quilombolas (com tradição cultural de infanticídio).
- A previsão de adoção por casal homossexual foi tirada do texto.

O Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede de Serviços de Ação Continuada (SAC), do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, realizado pelo Instituto de Política Econômica Aplicada (Ipea) e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) mostra que além da maioria ter família, apenas 5,8% estão impedidos judicialmente desse contato e somente 5% são órfãos. Essas crianças e adolescentes vivem, portanto, a situação de estar juridicamente vinculados a uma família que, na prática, não exerce a responsabilidade de cuidar delas. No único estudo que o Ipea realizou sobre abrigos de crianças no País detectou que elas são deixadas nesses estabelecimentos pela família por motivos financeiros (24%), abandono (18,9%), violência doméstica (11,7%), dependência química dos pais ou dos responsáveis, alcoolismo (11,4%), vivência de rua (7,0%) e orfandade (5,2%).

EXIGÊNCIAS DIMINUEM

“Até 30 de junho deste ano, tínhamos cadastrados 7.270 pretendentes nacionais aguardando uma adoção e 300 pre-

tendentes internacionais. Quanto ao número de crianças/adolescentes: 1.257 estavam na fila de espera para serem adotadas. Esses números mudam diariamente”, informa a assistente social Clarinda Frias que juntamente com a psicóloga Silvia Nascimento Penha desenvolveram um estudo sobre o perfil do pretende à adoção em São Paulo, no período de 2005 a 2007. Os dados foram colhidos no Cadastro Centralizado Estadual que funciona junto à Comissão Estadual Judiciária de Adoção Internacional de São Paulo (Cejai-SP).

A pesquisa revela que atualmente há menos restrições na hora de adotar uma criança no Estado de São Paulo, no que se refere a cor, idade e estado de saúde do adotado. Os pretendentes que colocavam a cor branca como requisito caiu de 49,39% para 38,38%, de 2005 até o ano passado. Por outro lado, cresceu o número de pretendentes cuja cor é indiferente de 424 (21%), em 2005, para 674 (28%), em 2007.

A idade é outro fator que perdeu importância: dos 44% que exigiam crianças até um ano, o percentual ficou em 31%. Em contrapartida houve um aumento percentual daqueles que aceitam irmãos de 25% para 33%. No período, manteve-se inalterado a preferência pelas meninas média 31% (32,02% em 2005, 30,89% em 2006, 31,21% em 2007), enquanto registrou-se uma queda de dez pontos percentuais do preconceito contra adotados com problemas físicos e psicológicos leves (tratáveis).

O perfil dos candidatos a pais adotivos são na maioria casais brancos, entre 31 e 40 anos, casados, sem filhos, com curso superior e renda média mensal acima de R\$ 3 mil.

PASSOS DA ADOÇÃO

Na opinião do casal de atores Marcello Antony e Mônica Torres, realmente é muito burocrático o processo de adoção. “Eu sempre quis ser pai”, lembra Antony. “Queria cuidar da formação de seres humanos, independentemente de ter filhos naturais ou não. Sempre pensamos em adotar. Quando olhei para o Francisco pela primeira vez houve uma conexão imediata. Na hora pensei: *Onde é que você estava menino? Que saudade de você...* Com a Stéphanie foi diferente. Nos conhecemos e fomos nos conquistando de um jeito gradativo e crescente - e que não parou mais”, comenta o ator. Hoje Francisco está com 4 anos e Stéphanie com 11 anos de idade.

Segundo os instrumentos do ECA a adoção depende do consentimento dos pais ou do representante legal do adotando. Independentemente do estado civil (solteiro, casado, divorciado, ou viver em concubinato) pessoas com mais



PAULO BORGES E HENRIQUE

de 21 anos têm condições de adotar. Para quem é casado ou vive em concubinato, a adoção deve ser solicitada por ambos, que juntos participarão de todas as etapas do processo adotivo. Será avaliada a estabilidade da união.

Os pretendentes à adoção devem procurar a Vara da Infância e da Juventude ou o fórum da cidade, preencher uma ficha com seus dados e com o perfil da criança. De acordo com Benedito Rodrigues dos Santos, secretário-executivo do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), os interessados ainda passam por entrevista realizada por um assistente social. Feito isto, é iniciado o processo de escolha da criança, depois é dada a guarda temporária por um período de experiência e de avaliação.

No caso de aprovação do adotante é 'iniciado' o processo na Justiça. "É quando o procedimento começa efetivamente. Tudo se encerra com a sentença do juiz aprovando ou não a adoção", explica Santos.

A CRIANÇA É QUEM TE ADOTA

O cantor, humorista e compositor Juca Chaves e sua esposa Yara - mesmo após uma experiência fracassada de adoção "feita com o coração, não segundo as leis" -, adotaram duas crianças negras: Maria Clara, hoje com 9 anos, e Maria Morena, 7 anos. "Eu e a Yarinha adotamos primeiro a Maria Clara, com quatro meses. Adotamos negras porque eu acho as crianças bonitas quando sorriem, e ninguém tem o sorriso mais bonito do que a criança negra, principalmente na Bahia. Você chega num orfanato, a criança abre os braços para você... E é ela quem te adota", narra Juca Chaves.

Segundo o cantor, as meninas adotadas sempre indagavam o por que de serem negras e os pais brancos. A explicação de Juca Chaves foi simples: "existem muitas cores, muitas raças, muitos tipos, mas todos somos iguais".

Paulo Borges, 45 anos, diretor do São Paulo Fashion Week, um dos maiores eventos de moda no Brasil, também adotou uma criança negra, no ano passado. Foi o Henrique, um menino na época de 1 ano e dez meses, nascido na Bahia. Borges sempre quis ser pai. Solteiro e homossexual, o empresário permaneceu em Salvador por dois meses a fim de apresentar os documentos necessários para validar a adoção. "Não foi fácil para mim que moro em São Paulo, ficar dois meses completamente desconectado do meu dia-dia, e me dedicar a esta decisão de vida. Mas foi tudo muito bem pensado".

Sua escolha por adotar um menino negro e nascido na Bahia, combinou com a situação social e judicial de

FAMOSOS INTERNACIONAIS

O casal de atores americanos Angelina Jolie e Brad Pitt partiu para a adoção antes de terem os próprios filhos biológicos, os gêmeos: Knox Leon e Vivienne Marcheline, nascidos em julho deste ano. Agora, a família Pitt tem seis crianças. Três são adotados: Maddox, de 6 anos, nascido no Camboja; Pax, 4 anos, nascido no Vietnã; e Zahara, 3 anos, nascida na Etiópia. Em maio de 2006, tiveram o primeiro filho biológico, a pequena Shiloh. Já a cantora Madonna tem três filhos, Lourdes Maria, de 11 anos, com o personal trainer Carlos Leon,

Rocco, de 7 anos, do casamento com o cineasta Guy Ritchie, e o pequeno David, que oficialmente entrou para a família este ano. Desde 2006, Madonna entrou com o processo no tribunal de Malai com o pedido de adoção de David Banda, de 3 anos.

David Banda foi deixado no orfanato pelo pai, Yohane, aos 13 meses, logo depois da morte da sua mãe biológica, vítima de doenças relacionadas ao vírus da Aids. Na ocasião, Yohane alegou não ter condições de criar o filho e optou pelo orfanato como forma de garantir a sobrevivência da criança.



Henrique. "Minha decisão em adotar um menino negro e de lá tem a ver com a minha paixão por aquele Estado, sua história, sua cultura, e pela raça africana", afirma o empresário. "O processo foi rápido, porque ele já era uma criança legalmente desamparada ou, falando no linguajar jurídico, 'destituída'. Isto sim facilitou o *timing* do processo". Para Borges, a idade de Henrique também fez a diferença. "É claro que o fato de ter mais de 1 ano, favoreceu. A maioria das pessoas querem adotar crianças recém-nascidas, este é o problema", acredita. Na foto publicada na *Afirmativa Plural*, ambos passavam pelo processo de convivência. "Foi o primeiro dia que Henrique dormiu no meu colo. Uma cena que jamais esquecerei", comentou.

O AMOR SUPERA TUDO

Impossibilitada de novas tentativas para engravidar e alimentada por sentimentos os quais somente quem sofre experiências semelhantes vivenciam, Cristiane Regina de



JUCA CHAVES, SUA ESPOSA YARA E SUAS FILHAS
MARIA CLARA E MARIA MORENA

OliveiraFerreira, então com 29 anos, decidiu adotar Kawe, afrodescendente, de 8 meses, que vivia em uma casa de apoio. Uma assistente social, prima de seu marido, a orientou no processo que foi facilitado porque Cristiane queria adotar uma criança, independente da raça.

Houve toda a fase de adaptação, com psicólogos e assistentes sociais. Como Kawe era apegado a um dos monitores, Cristiane passava o dia inteiro ao lado do monitor, dando banho e as refeições para a criança para que os laços afetivos entre mãe e filho fossem construídos. A prova concreta da forte ligação que estava nascendo surgiu através de um sorriso do menino e do gesto dos seus bracinhos pedindo colo. "Seus olhos me encantaram", recorda-se.

O êxito da experiência levou o casal Cristiane e Carlos a adotarem Vitória ainda na barriga da mãe biológica. Hoje Kawe está com 10 anos e Vitória com 8 anos de idade. Para aqueles que ainda têm dúvidas em passar pelo processo, Cristiane recomenda: "vença o medo", afinal nesses casos, "o amor supera tudo", completa Carlos.

AVANÇOS

Um dos avanços no que diz respeito à adoção no Brasil é o recém-lançado sistema único de Cadastro Nacional de Adoção – pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) – e já em funcionamento. Este cadastro é o primeiro banco de dados do País no que se refere ao assunto com informações sobre os abrigos que recebem crianças e adolescentes órfãos ou

que vivem longe dos pais. Além de agilizar os processos de adoção em todo o território nacional, esse cadastro servirá para estatísticas sobre o número de crianças e adolescentes sob a tutela do Estado, quantidade e localização de casais habilitados a adotar em todas as regiões, perfis completos e dados sobre os abrigos. Até hoje não existem dados oficiais. O que acontece nos dias atuais é que somente alguns estados têm informações sistematizadas e restritas aos municípios, como São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraíba.

Com isso, os pretendentes ao processo terão a possibilidade de se inscreverem num só município, sendo que seus dados ficarão disponíveis em todo o País.

A medida não beneficia somente os candidatos a pais adotivos, mas também os juizes com o acesso às informações podendo buscar mais facilmente crianças que se enquadrem no perfil dos pretendentes. Caso isso não ocorra em alguma cidade ou Estado, a busca é feita em outras unidades da federação. Encontrada a criança, é feito contato com a Vara da Infância e da Juventude por telefone ou e-mail, iniciando o processo de aproximação.

FILA REDUZIDA

Tem havido uma redução do número de famílias estrangeiras interessadas em adotar crianças brasileiras, de 432 (em 2005) caiu para 348 (em 2006), de acordo com a Secretaria Especial de Direitos Humanos (Sedh). Tal fato se deve a uma maior fiscalização e controle do governo e a política dos juizes em tentar manter as crianças no Brasil, até porque há muitas famílias brasileiras na fila. A Secretaria justifica que a adoção por famílias estrangeiras impossibilita o acompanhamento mais próximo das condições em que a criança será submetida.

O processo de adoção para estrangeiros começa no país de origem. As famílias manifestam o interesse e passam por testes psicológicos, avaliação da condição em que vivem e, depois, enviam essa documentação para o Brasil. Após a aná-

“NENHUMA CRIANÇA OU ADOLESCENTE SERÁ OBJETO DE QUALQUER FORMA DE NEGLIGÊNCIA, DISCRIMINAÇÃO, EXPLORAÇÃO, VIOLÊNCIA, CRUELDADE E OPRESSÃO, E SERÁ PUNIDO NA FORMA DA LEI QUALQUER ATENTADO, POR AÇÃO OU OMISSÃO, AOS SEUS DIREITOS FUNDAMENTAIS”

Estatuto da Criança e do Adolescente, art. 5º.

lise e aprovação do dossiê da família pretendente, ela vem ao Brasil. O estágio de convivência, cumprido no território nacional, será de no mínimo quinze dias para o adotando de até dois anos de idade, e de no mínimo trinta dias quando se tratar de crianças com idade superior a dois anos, segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Passado o período, a família volta ao país de origem com todos os documentos da criança e o certificado de concordância.

NOVAS REGRAS

O tempo médio para adoção de uma criança de 3-7 anos deve cair em um terço. Este foi um dos principais dispositivos do projeto de lei recém aprovado na Câmara dos Deputados. Para entrar em vigor, a proposta com novas

regras para a adoção tem que ser aprovada pelo Senado e sancionada pelo presidente da República.

Para a aprovação das novas regras, os líderes partidários retiraram o artigo que trata da adoção de homossexuais. Entretanto, houve diminuição para 18 anos a idade mínima para uma pessoa adotar uma criança (veja os principais pontos da Lei de Adoção).

Visando maior agilização, o autor do texto final do projeto, o deputado João Matos (PMDB-SC) ressalta que os recursos nos processos de adoção deverão ser julgados em 60 dias, no máximo.

O juiz Reinaldo Cintra Torres de Carvalho, da Coordenação da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, analisa com preocupação o artigo que estabelece o prazo de 120 dias para que o Judiciário determine se uma criança deve ou não ser colocada para adoção. “A intenção de agilizar o processo é boa, mas esse prazo nem sempre é suficiente para que um juiz possa decidir a vida de uma criança”. Para Carvalho, a adoção deveria ser a última opção, após todas as tentativas de reintegrá-la à família natural. “Da forma como foi aprovado, o projeto força o Judiciário a tirar as crianças das famílias (pobres) para colocá-las em adoção. Não cria mecanismos para que essas famílias sejam reestruturadas. Em 120 dias, muitas vezes, você não consegue resolver o problema daquela família”, afirma.

De certo há necessidade de uma análise criteriosa para a garantia da criança adotada. Até porque ao atingir a

maioridade, muitas delas são devolvidas à sociedade sem preparo profissional e com formação precária ou nula, com poucas chances de sobrevivência digna. Neste sentido, somente leis não bastam, a mobilização e conscientização da sociedade precisam ser mais consistentes. A criança nos abrigos pede pressa na adoção, entretanto precisa de garantias de uma vida digna para que ela não venha sofrer as dores do abandono pela segunda vez.



CRISTIANE REISNA E SEUS DOIS FILHOS, VITÓRIA E KAIUE



PÍLAR AO LADO DOS COMPOSITORES NELSON SARGENTO E ZECA PAGODINHO

Um negro na direção da teledramaturgia brasileira

POR: JUÇARA BRAGA

Ele já atuou em várias produções teatrais e televisivas. Seu rosto é conhecido do público, mas a opção profissional de Luiz Antonio Pilar é a direção. Formado ator em 1982 pela tradicional Escola de Teatro Martins Pena, do Rio de Janeiro, Pilar é bacharel em Artes Cênicas com especialização em direção teatral pela Universidade do Rio de Janeiro (UNI-Rio) e, aos 47 anos, pode considerar-se vitorioso, embora saiba que ainda há muitos papéis a serem desempenhados na vida.

Pilar dirigiu a novela *Desejo Proibido*, exibida às 18h na TV Globo, hoje é diretor de *Malhação* da Tv Globo e suspeita ser o único diretor negro na tele-dramaturgia brasileira. Pelo menos, ele não tem conhecimento de outro profissional negro em atividade nessa área. Chegar a esse ponto da profissão não foi fácil. A trajetória foi longa. Ele calcula que demorou pelo menos uma década a mais do que deveria para chegar ao lugar onde está hoje. Se voltasse no tempo, tentaria acelerar esse processo, embora acredite que o atraso tenha se dado por razões alheias a sua determinação.

Pilar não tem dúvidas de que a questão racial, ainda hoje, influencia escolhas e se reflete na baixa presença dos negros em posições de destaque na sociedade brasileira. Apesar de reconhecer avanços no espaço ocupado pela raça negra, ele considera que “os negros continuam aquém no que se refere à ocupação de cargos de comando e acesso a oportunidades”. De origem humilde, nascido na Vila Vintém e criado no bairro de Padre Miguel, zona oeste do Rio, Pilar admite seu sucesso pessoal, conquistado com muito trabalho, mas considera seu caso “quase que um descuido do sistema”. A situação dos negros no Brasil melhorou, diz ele, mas ainda não há igualdade.

— Os negros continuam na parte baixa da escala. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) diz que nós já somos 50% da população, mas nós não temos 50% de nada, exceto, talvez no caso de alguns jogadores de futebol — analisa Pilar.

Diretor da Cia. Black e Preto Produções Artísticas, Luiz Antonio Pilar teve várias experiências como ator, mas forjou sua carreira como diretor no teatro e na televisão, registrando atuações singulares também no cinema. Ele dirigiu e produziu o curta-metragem *Ópera do Mallandro*, fez um documentário sobre a história de artistas negros e foi assistente de direção no filme *Os Normais*.

Em 2004, Pilar marcou presença no Festival *Premièrs Plans*, em Angers, na França, com o curta-metragem *Amãe*

e o filho da mãe, melhor filme do 13º Festival Internacional de Curtas Metragens da Cidade do Rio de Janeiro.

Na TV, Luiz Pilar dirigiu a 7ª edição do *Big Brother Brasil* e deixou sua marca na direção da novela *Sinhá Moça* (TV Globo) indicada para o Prêmio Emmy 2006. Fez parte da equipe de direção do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, da minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, do programa *Linha Direta*, de vários episódios do programa *Brava Gente* e foi diretor-assistente e produtor de elenco da novela *O Cravo e a Rosa*. Na extinta TV Manchete, participou das equipes de direção das novelas *Brida*, *Mandacaru* e *Xica da Silva*. No teatro, dirigiu *O método Gronhölms*, que recebeu quatro indicações (ator, atriz, direção e melhor espetáculo) do Prêmio Qualidade Brasil 2007 e Prêmio Contigo de Teatro, encenou a peça *Os negros*, de Jean Genet, com duas indicações ao Prêmio Shell, e, desde 2002, dirige e produz o show *Dia D Zumbi*, apresentado, anualmente, nos Arcos da Lapa, no Rio, no Dia Nacional da Consciência Negra. Essas são algumas das experiências registradas no currículo de Luiz Antonio Pilar que tem, na simplicidade, talvez, a base da determinação que o levou a conquistar um lugar de destaque no pequeno mundo da tele-dramaturgia brasileira. Questionado sobre seus sonhos, ele resume: “Sonho continuar trabalhando e dar continuidade ao meu projeto de vida que é sustentar minha família e educar meus filhos”.



LUIZ ANTONIO PILAR

Nós, do Banco Real, acreditamos que, quando nos realizamos, melhoramos a vida de todo mundo que vive com a gente.

Elaine queria trabalhar com algo que proporcionasse a ela contato com as pessoas e acabou mudando de profissão depois de formada. Após conseguir o emprego de gerente de relacionamento, sua vida mudou. Hoje ela valoriza a sua independência financeira e é uma mulher realizada. Seu cartão de crédito internacional do Banco Real faz parte dessa realização. www.bancoreal.com.br

Reinvente. Vem com a gente.

Elaine da Abreu e sua mãe, Elaine usa o cartão de crédito internacional do Banco Real para facilitar o seu dia-a-dia



O que você quer para a sua vida?

REALIZE



O banco da sua vida



BANCO REAL





Judoca ganha medalha histórica em Pequim

A PRIMEIRA MULHER A CONQUISTAR UMA MEDALHA EM ESPORTES INDIVIDUAIS NA HISTÓRIA DOS JOGOS.

A brasileira Ketleyn Quadros venceu a australiana Maria Pekli e conquistou a medalha de bronze na categoria até 57 quilos dos Jogos de Pequim. Primeira mulher da história brasileira a chegar ao pódio em uma prova individual de Jogos Olímpicos. A medalha de bronze de Ketleyn foi também a primeira medalha do Brasil na capital chinesa. Após receber a medalha de bronze, Ketleyn disse que não sabia estar conquistando um resultado inédito para o Brasil, “Não sabia disso (que era primeira medalhista em individual) e fico mais feliz por isso”.

Ketleyn contou com a torcida da mãe, Rosimeire, que foi para a China para liderar a torcida pela filha. “Hoje escutei pela primeira vez o grito da minha mãe, uma pessoa muito batalhadora, sempre na cara e na coragem”, disse a medalhista. Ketleyn, com apenas oito anos de idade, era deixada pela mãe, todos os dias, no Sesi de Ceilândia, cidade satélite de Brasília, onde nasceu. Ia praticar natação. Mas o caminho até a piscina do clube passava pela sala do judô. Ketleyn disse aos jornalistas em Pequim que ficava impressionada com a beleza do esporte e parava para ver o pessoal lutando. Gostava tanto do que via que ali ficava. E quase sempre perdia a aula de natação. Acabou convencendo dona Rosimeire a trocar de esporte. A mãe deixou, mas a contragosto. Ajudoca conta que a mãe usou a seguinte tática para devolvê-la à natação: vai, minha filha, mas quimono que é bom eu não te compro. Mas comprou um, de saco, achando que Ketleyn iria desistir com a feiúra do uniforme. Mas Ketleyn conta que nem ligou. Vestiu o quimono de saco e foi para a sua tão

desejada aula de judô. Ketleyn conta também que nunca hesitou ou questionou seu primeiro treinador, lá no Sesi de Ceilândia, quando ele disse: “Menina, você não vai ser modelo, certo? Você quer ser judoca, não é mesmo? Então você precisa ficar forte. Vai ter que fazer musculação”. Ela disse tudo bem, e começou a puxar ferro. O pai, Kleber, separou-se da mãe quando ela tinha apenas quatro anos. Ketleyn disse que fala com ele sempre que pode, mas não mantém um contato intenso. Disse que foi ele quem escolheu seu nome, inspirado em uma artista de cinema que ele gostava muito, mas ela não sabe quem é. “Mas adoro meu nome”, afirma. Até então, os resultados mais significativos de Ketleyn em 2008 havia sido a prata na Copa do Mundo de Belo Horizonte, bronze no Campeonato Pan-americano e o quinto lugar na Super Copa do Mundo de Paris. Antes de chegar a Pequim, Ketleyn já acreditava em um bom resultado. “O que faz diferença em Jogos Olímpicos é o detalhe. O que vale é a confiança, a força de vontade, foi uma batalha muito difícil, mas o importante foi que eu venci”, disse Ketleyn Quadros.

Ketleyn é bem resolvida, tem uma auto-estima elevada e como sempre praticou o esporte que quer, nunca brigou com seu corpo. Só com as oponentes no tatame. Depois que ganhou a medalha, Ketleyn, cercada por vários repórteres em Pequim, escutou a seguinte pergunta: “Como é que você se sente não sendo mais qualquer uma?” “Eu nunca me senti uma qualquer”, respondeu autoconfiante.

POR: DANIELA GOMES

Mais do que medalhas

USAIN BOLT

As Olimpíadas de Pequim foi mais um passo na consagração de diversos atletas brasileiros que alcançaram sucesso e receberam muito mais do que medalhas durante os jogos. Apesar da falta de incentivo que ainda hoje acompanha o esporte no País, nossos atletas tiveram oportunidade de mostrar garra e determinação. Há bem pouco tempo, ser atleta era um sonho distante para a maioria dos brasileiros e nesse cenário nasceu Robson Caetano. Recordista brasileiro e sul-americano nos 100m, medalha de bronze nas Olimpíadas de Seul e Atlanta e Ouro nos jogos Pan-Americanos de Havana, Robson ainda hoje é considerado um ícone no atletismo brasileiro e mundial. Comentarista do canal Sport TV durante os jogos de Pequim, Robson acompanhou de perto o desempenho de nossos atletas e faz um balanço sobre os jogos, nossos atletas e sobre oportunidade para a revista Afirmativa Plural.

AFIRMATIVA PLURAL – Como você analisa os jogos olímpicos deste ano? Os atletas em âmbito mundial estavam mais preparados?

ROBSON CAETANO – *Os jogos olímpicos estavam perfeitos em sua organização e precisos em seus horários. Quanto aos atletas podemos dizer que aqueles que vieram para a disputa de suas medalhas estavam preparados.*

AFIRMATIVA – E o que você diria especificamente sobre a participação dos atletas brasileiros?

ROBSON – *O Brasil participou bem destes jogos, mas temos que levantar uma discussão que acho válida. Como pode, um País que tem tantos talentos espalhados, não conseguir se apresentar melhor nos jogos? Alguns esportes confirmaram o que vieram fazer aqui em Pequim, mas outros ficaram aquém do que poderiam apresentar.*

AFIRMATIVA – A judoca Ketleyn Quadros teve uma vitória significativa para a história olímpica do Brasil, obtendo a primeira medalha olímpica brasileira em um esporte individual e a primeira medalha da história do judô feminino na competição. Para você o que esse feito representa para o esporte brasileiro?

ROBSON – *Essa vitória representa uma nova mentalidade voltada para o trabalho feminino, pois as mulheres estão evoluindo e mostrando que podem fazer muito, desde que sejam orientadas de maneira correta e recebam preparação mental e física na medida certa. A atleta Ketleyn foi bem orientada pela comissão técnica e isso fez a diferença.*

AFIRMATIVA – O atleta jamaicano Usain Bolt bateu recordes no atletismo mundial, o que isso representa para o atletismo? O que você achou da postura orgulhosa de Bolt?

ROBSON – *Ele não desrespeitou ninguém e acho que a atitude dele tem muito a ver com a alegria dos Jamaicanos, e convenhamos o menino bateu 3 recordes mundiais dentro dos jogos olímpicos e pelo que nós conversamos, essa é uma maneira dele espantar o nervosismo.*

AFIRMATIVA – Mais uma vez a representação de atletas negros nos jogos foi significativa. Em sua opinião o que isso representa para o nosso povo?

ROBSON – *O negro é parte fundamental do sucesso desses jogos, pois o atletismo é a base da pirâmide. Claro que a primeira semana é da nataçã, mas as pessoas vão ao estádio olímpico para ver um show e foi o que o Usain Bolt fez e o que os americanos fizeram e todos aplaudiram. Portanto estamos numa nova era e o que nós negros fazemos para o sucesso dos jogos não deveria ser julgado por ninguém. Uma declaração muito infeliz do presidente do COI sobre o comportamento do Usain fez com que ele parecesse uma coisa e na verdade o menino está dando um show, alias o negro deu um show durante os jogos.*



ROBSON CAETANO

Oportunidades iguais e diversidade em debate no ambiente corporativo

“O universo das grandes empresas brasileiras ainda é um território, por excelência, da exclusão,” disse Maria Cristina Nascimento, conselheira do Instituto Ehtos. Entretanto, há uma ferramenta em uso que tende a modificar este cenário em breve: “a velha e boa lei”, segundo a jornalista Miriam Leitão. Para o reitor da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, professor José Vicente, “em algumas circunstâncias, efetivamente, funciona no ambiente corporativo.” A partir da pressão do Judiciário, os empresários do setor bancário tiveram de apresentar um mapeamento da diversidade étnico-racial em suas instituições. E, o resultado não poderia ser diferente em um País que tem dificuldades de enfrentar esta temática, os negros estavam praticamente na base piramidal da es-



estrutura funcional e com inexpressiva ascensão funcional. Da pressão ao diálogo, hoje a Zumbi dos Palmares mantém programas de capacitação e estágio com parceria de alguns bancos. O Banco Real criou o "Programa Executivo Jr", com capacitação junto a Fundação Getúlio Vargas, ao final de dois anos, dos atuais 40 estagiários ativos, 38 serão efetivados (95%). Estas e outras experiências exitosas foram apresentadas durante o seminário internacional Brasil-Reino Unido "Oportunidades Iguais e Diversidade, com foco especial em Gênero, Raça/Etnia e Pessoas com Deficiência", realizado entre os dias 18 e 19 de agosto, no BNDES, no Rio de Janeiro.

Pensar em construir políticas públicas e legislações que assegurem sua aplicabilidade foram temas reprisados em várias falas, como aconteceu com Maria Elena Valezuela,

da OIT/Chile que destacou a importância do desenvolvimento de indicadores com recortes de gênero e raça/etnia e combinados que seriam instrumentos importantes para analisar e enfrentar a discriminação nas relações de trabalho, entre empregadores e trabalhadores. Segundo ela, a experiência internacional indica que a aplicação dos planos de diversidade e igualdade de oportunidades apresenta efeitos positivos.

Fomentar uma transformação na cultura organizacional das empresas públicas e privadas através de oportunidades iguais para homens e mulheres, respeitada a heterogeneidade da pessoa humana, foi o pano de fundo de todo o Fórum. Segundo a ministra Nilcéia Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), no tocante a legislação, o mesmo tratamento não

é dado quando a questão envolve licença maternidade e empregada doméstica, em sua grande maioria mulheres negras.

Numa sociedade midiática, é impossível não citar o papel crucial da mídia. Segundo a jornalista Miriam Leitão, a imprensa brasileira não passou no teste da abertura do debate racial. Aumentou a exposição do tempo, mas deixou claro nos editoriais serem contra as ações afirmativas. "Isso é até bom, porque o editorial assume sua posição. Favor ou contra, pelo menos explícita. O problema é quando contamina o trabalho das matérias: elas foram editorializadas." O debate tem que ouvir os dois lados e construir a matéria com o melhor dos dois lados. Em um artigo para o Washington Post, perguntando quem eram as forças emergentes na minha sociedade, quem vai ter mais poder. Eu não tive dúvida: mulheres e negro!"



Dos sonhos à realidade Zumbi dos Palmares: boa experiência de ação afirmativa

POR: SANDRA MARTINS, RIO DE JANEIRO

Educador apresenta, a operadoras de Direito, experiência de concretização de um sonho: a construção da primeira universidade brasileira, e da América Latina, focada nas relações raciais visando a inclusão de afrodescendentes no ensino superior e no mercado de trabalho. Em 22 de agosto, a Escola da Magistratura Regional Federal da 2ª. Região realizou o seminário "Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares: uma experiência de ação afirmativa" com palestra do reitor José Vicente. O evento, mediado pelo juiz federal William Douglas – representando o desembargador federal André Fontes, diretor-geral da Emarf 2ª. Região – foi aberto pelo desembargador federal do TRF – nomeado pelo Presidente da República para integrar o Super-





rior Tribunal de Justiça - STJ, Benedito Gonçalves.

A Zumbi, segundo o ministro Benedito Gonçalves, atinge dois objetivos: leva profissionais qualificados para o mercado de trabalho com ajuda de vários segmentos do mercado e consegue subsídios para que, não só os negros, mas todos os que têm dificuldades em pagar seus estudos, ali tenham acolhida; como busca levantar a auto-estima da comunidade afrodescendente. "Vencer obstáculos com o compromisso de ao nos destacarmos, retornarmos à comunidade para levar a mensagem, nem que seja explícita, de que é possível. É o mínimo que podemos fazer para mostrar um compromisso. A maior questão a ser promovida na comunidade afrodescendente é a auto-estima", con-

cluiu o ministro Benedito Gonçalves, para em seguida ser exibido o vídeo institucional da Zumbi.

O reitor José Vicente iniciou sua fala homenageando Adalberto Camargo, morto em 16 de agosto. "Peça-mestra de representação simbólica como possibilidade, aos 85 anos ainda assistia aos debates que tratassem do tema 'negro'. Poderia não haver ouvintes; mas, certamente, Adalberto Camargo estaria sentado na primeira fila. Tive a satisfação de primeiro conviver com sua história e, depois, com sua presença". Deputado federal por quatro mandatos, foi um dos poucos negros bem sucedidos empresarialmente, "um milionário, nos anos 1950, porque era um indivíduo que acreditava na sua potencialidade".

E na crença da potencialidade do negro, José Vicente discorreu sobre os questionamentos que estudantes do curso de Sociologia Política da Escola de Sociologia Política de São Paulo, ainda nos anos de 1990, faziam sobre qual o lugar do negro na sociedade brasileira. Não se conformando com as regras pré-estabelecidas de exclusão, decidiram sistematizar estas variantes em um projeto que tivesse viabilidade e possibilidade. Aprovado, o projeto de inserção do negro na universidade pública trabalhava sob três vertentes: consolidação de um espaço de debate e canal de comunicação com a sociedade civil e com os

detentores das ferramentas de construção política: diálogo com os representantes políticos e expoentes e tentar construir uma agenda mínima; e desenvolvimento de uma atuação de protagonismo.

Nasce a Afrobras para abrigar o curso preparatório para o vestibular comunitário para jovens negros visando as universidades públicas. Mas a proposta definha, ante a grave deficiência educacional e trajetória acidentada dos alunos. “Como sociólogo não desiste”, brincou José Vicente, a Afrobras buscou parcerias com universidades particulares e conseguiu 15 bolsas de estudos para estudantes negros, que depois se transformaram em 150. Com a experiência acumulada e sob tutela histórica da Escola Frentenegrina, o sonho mudou: uma universidade afro-brasileira, aberta a todos, que privilegiasse a inclusão o acesso do negro e seu protagonismo.

Novo objetivo, novas metas e novos atores envolvidos. Finalmente, em 13 de dezembro de 2002, é publicada portaria que regulamenta a criação dos cursos da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Hoje são 130 professores (70 mestres e doutores negros) e 2 mil alunos (90% negros). Dos 126 formandos da primeira turma (Administração) de 2007, 96 já estão efetivados. A partir destes dados, José Vicente relembra a emoção do então senador

“É CRESCENTE O ACÚMULO DE INFORMAÇÕES, FORMAÇÕES, CAPACITAÇÕES, QUALIFICAÇÕES, ENFIM: OUTROS SONHOS SE AVIZINHAM.”

Cristóvão Buarque, que ao visitar a Zumbi não conseguiu controlar as lágrimas ao ver um outro Brasil, um Brasil real de possibilidades.

Em busca desta mudança real, que o advogado e presidente do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara) incitou o Ministério Público a questionar os bancos a apresentarem mapeamento da diversidade e darem suas justificativas por conta da permanente posição dos negros na base piramidal. “O Banco tem que explicar porque ele tem 70 mil funcionários e somente 2% são afrodescendentes. Por isso que os banqueiros foram

atrás do pessoal da Zumbi!” Outra, das muitas ações, duas prometem boas discussões. A primeira refere-se a inclusão de ações afirmativas em concursos para acesso ao serviço público. “E porque não? O desembargador Benedito Gonçalves não acha que tem que ter cota para serviço público, pois eu acho que sim.” E, a segunda, é o cumprimento do decreto 4.228, de 2002, que prevê o estabelecimento de metas de inclusão de afrodescendentes no preenchimento de cargos “DAS”, da administração pública federal, nas suas licitações e terceirizações.

Para o secretário adjunto da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir), Eloi Ferreira de Araújo, “a história de nosso país é muito marcada por episódios excludentes e a Zumbi dos Palmares era uma experiência vitoriosa de inclusão”. Paulo Roberto dos Santos, da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos do Estado do Rio de Janeiro, fez referências a grande complexidade no trato das relações raciais no Brasil, as concentrações, as simetrias e com a inclusão do povo negro. “Está se fazendo uma outra Abolição. A primeira Abolição foi inconclusa e o apartheid que nos coube”, concluiu Renato Ferreira, advogado e pesquisador do Laboratório de Políticas Públicas da Uerj.

Livro pede pagamento de dívida aos negros

É COMPROVADO QUE QUANTO MAIS NEGRA É A PELE MAIOR É O RACISMO E NOSSOS JOVENS MORREM ANTES MESMO DE CHEGAR À PRISÃO, NÃO PODEMOS ACREDITAR QUE VIVEMOS EM UMA DEMOCRACIA RACIAL.

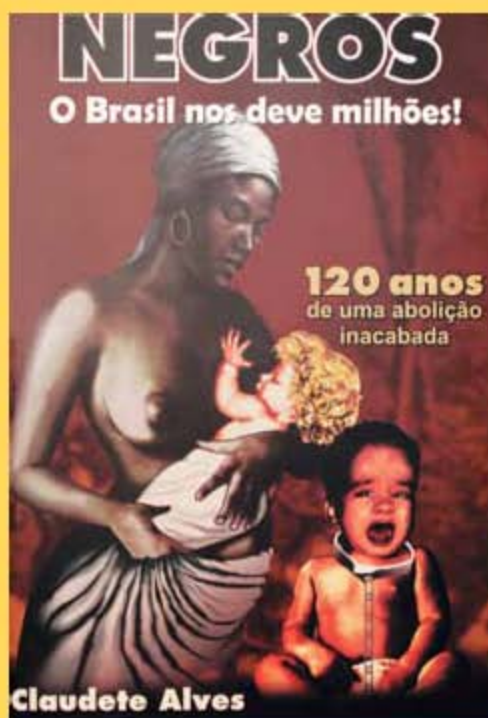
Claudete Alves, pedagoga e mestre em Ciências Sociais, vereadora do PT (Partido dos Trabalhadores) resolveu escrever o livro "Negros - O Brasil nos deve milhões! 120 anos de uma Abolição Inacabada" como uma crítica à abolição e afirmação de um direito que considera inegável, o dever do Estado perante os descendentes de negros africanos que foram escravizados no Brasil. Para ela, o governo tem que arcar pagando uma indenização pelos danos e prejuízos causados por conta desse crime.

Nas 100 primeiras páginas o livro traz uma contextualização histórica dos aspectos ocorridos para que o leitor possa chegar à atualidade, e durante o livro Claudete Alves, autora do projeto que transformou o dia 20 de Novembro em feriado na cidade de São Paulo, aborda temas que envolvem a democracia racial, a mulher negra no mercado de trabalho, o racismo institucional, o racismo ao contrário, e a definição de raça e etnia. O antes e pós-escravidão também entram como recurso de delimitação histórica. "120 anos após a abolição e somos tratados como deficientes". Afirmar este tipo fazem com que Claudete defina a necessidade de mudanças perante os afrodescendentes. Negros que estão em posições de poder e ascendência são considerados exceções, pois sem poder econômico, dificilmente se consegue atingir o poder do País. No Brasil, o escravismo foi considerado um dos mais perversos

do mundo e resquício disto ainda é encontrado na sociedade, por isso a vereadora insiste em dizer que as ações afirmativas, como são as cotas nas universidades, são uma forma de pagamento de uma dívida, "perdemos para a África do Sul na perversidade da discriminação racial."

Com o livro, Claudete quer estimular os negros a terem uma atitude positiva e cobrar a dívida em suas cidades e estados. O valor calculado da dívida, segundo Claudete, é de R\$2.076.000,00 (dois milhões e setenta e seis mil) referentes a um salário mínimo multiplicado por 70 anos de idade (idade para a obtenção da aposentadoria), com o valor dos danos morais correspondentes a 1000 salários mínimos, o valor de lucros cessantes pelo comprovado cerceamento de integração do negro na sociedade correspondente a 1000 salários mínimos mais o valor correspondente a um salário por mês durante os 340 anos de escravidão.

A primeira audiência já definida aconteceu a ação, mas o resultado considerou que a ação coletiva seria difícil, seria mais fácil a individual, cada pessoa mover sua própria ação. Ainda assim, Claudete não desiste "muitas pessoas receberam indenizações por conta da ditadura, se este grupo pode, porque nós negros não podemos? É claro que será preciso comprovar a descendência de negro afro, e esta multa deverá ser paga pelo Estado, assim como pela Igreja Católica que ajudou na escravização, além de outros setores", disse ela.



Letra ao pé da letra

CONHECER AS PESSOAS, ENTENDER AS SUAS NECESSIDADES E ATENDÊ-LAS. ESSE É O MODO DE VIDA DO BRASILEIRO WILSON GOMES, MÚSICO RENOMADO NO EXTERIOR E SÓCIO DA TRADUTORA BUREAU TRANSLATIONS.

A consciência da riqueza de cores contida nos sons, aprimorada por oscilações rítmicas, melódicas e harmônicas é reflexo da música de Wilson Gomes, reconhecido compositor e músico na Europa, porém pouco conhecido no Brasil. Patrocinado pela Tradutora Bureau Translations, empresa da qual é sócio, ele já lançou vários álbuns, todos com diferenças perceptíveis entre si em termos de cor, harmonia e intervalos.

Especialista na técnica de Chord Melody, o trabalho desenvolvido por Wilson Gomes é resultado da união entre a melodia e notas do meio baixo, que permite ao músico se autoacompanhar na guitarra, como faz um pianista quando executa peças-solo.

Dedicar-se ao estudo do trabalho do músico Joe Pass (Joe Pass Guitar Solos) e jazz contemporâneo, apresenta em seu currículo passagens como: estudo de harmonia e contraponto com Ricardo Rizeek; piano; guitarra acústica com Joe Pass; improvisação com Jamey Aebersold, Joe Pass e David Liebman; violão clássico no conservatório musical Villa Lobos; e violão com Zé Barbeiro (chorinho). “Acredito que a música que faço seja um reflexo de meus sentimentos, até porque tento e procuro transformar tudo que sinto em sons. Como músico, cheguei onde quero”, diz lembrando-se que aos 4 anos dizia à mãe, Anadir, que seria sua profissão quando adulto.

“ACORDAR COM OS RATOS”

Depois que os pais, Anadir e Wilson se separam, Gomes acabou deixando a família e dormindo nas ruas ou *a céu aberto*, como faz questão de definir. “Lembro-me de acor-

dar com os ratos em minha calça, mas eu era e ainda hoje sou feliz. Nunca passei fome, comia banana, pão duro, ia ao Instituto Butantã e pegava ovo de pata”, recorda-se. Aos 12 anos, vendia maçãs nos trens.

Nunca abandonou os estudos (fez alguns cursos técnicos) por decisão da mãe, muito embora insista em dizer que não segue determinações de qualquer pessoa. “A minha vida não está baseada em livros. Por isso, não leio livros, prefiro ter minhas próprias idéias (crenças), e fazer com que as pessoas à minha volta também acreditem nelas. Entretanto, afirma que nem sempre as pessoas o levam a sério.

Quando morou na rua observava muito as pessoas de modo saber distingui-las pelos olhos e conhecê-las. Aprendeu a ouvir e entender o significado das palavras, e neste particular, nota-se a ênfase que confere ao estudo da semântica. “As palavras indicam ação”, frisa.

CINCO SENTIDOS

Na Tradutora Bureau Translations, Gomes faz de tudo um pouco. “Sou sócio do Gabriel (principal executivo da empresa) e não o contrário. Ele atua o lado técnico, fala nove idiomas, eu não falo nenhum!”, afirma. A amizade dos dois teve início durante aulas de Kung Fu. “Já o meu foco em checar o que há de errado na empresa ou nas pessoas que aqui trabalham. Uso para tanto os cinco sentidos humanos (olfato, paladar, tato, visão e audição). “Sei como ativar os cinco sentidos nas pessoas”, gaba-se. Sobre o corpo humano o conhecimento surgiu graças às técnicas desenvolvidas no Kung Fu, que pratica desde os 14 anos.

Inovadora sob alguns aspectos, a Bureau Translations é uma empresa de traduções global que atende grandes e importantes clientes, e realiza de 8 mil a 14 mil traduções dia, desde filmes, traduções simultâneas, com trabalhos diferenciados como a tradução do hebraico para o chinês ao vivo, por exemplo. Possui escritórios em São Paulo, Nova Iorque, Londres e Amsterdã e cerca de 200 funcionários, fora os tradutores externos.

FRUTAS, CACHORROS E DINÂMICA

Na sede da empresa em São Paulo, concentram-se 35 profissionais em um local totalmente inusitado, principalmente para quem lá põe os pés pela primeira vez. Independente do trabalho que estão desenvolvendo, todos os funcionários – sem exceção – param suas tarefas para saudar um recém-chegado.

Bandejas com frutas, dividem espaços nas mesas com os computadores; enquanto dois cachorros passeiam e brincam com os funcionários.

Sem dúvida, o ambiente contagia. Há aulas de teatro e massagens durante o expediente. A alimentação oferecida aos funcionários é orgânica, vegetariana. “Mal alimentados, perdemos o jogo (o cliente), porém se a pessoa está feliz, bem alimentada e dormiu direito, a tradução sairá bem feita”, diz Gomes que adota para si uma alimentação muito específica: pela manhã, açaí orgânico com 18 tipos de frutas, castanha do Pará, caju, kinua, mel, ginkgo biloba e ginseng. No decorrer do dia 12 tipos de legumes batidos. “Não como alface ou, maracujá porque dá sono e nunca como carne”, ressalta.

Inusitadas também são as dinâmicas que Gomes desenvolve com o intuito de escolher o candidato com o perfil adequado às necessidades da Bureau (em geral, 70 pessoas concorrem a uma vaga). Ele se veste de faxineiro para ver como os candidatos se comportam na realidade. “Certa vez, perguntei as horas para um candidato vestido com um terno Armani. A resposta dele foi: cara porque você não vai estudar e compra um relógio, mas eu nem ligo, você vê a alma das pessoas.”

PAIXÃO E PRECONCEITO

Reconhece que ainda há muito preconceito contra o negro no País, mas isso não o incomoda. Dono de um carro de corrida é sempre parado pela polícia. Quem tem dinheiro no Brasil ou é ladrão ou jogador de futebol. Se a pessoa estiver brava (exemplo: o policial), ele dá um jeito, de mudar a situação. “Afim, morei nas ruas. Entretanto, não



Wilson Gomes

sou bobo, conheço influentes neste País (e usa os contatos quando necessário), ou desvio a conversa para a música. As pessoas gostam de música. Para que brigar?”, indaga. Para Wilson Gomes felicidade é sucesso – o aqui e agora – e realizar os sonhos das pessoas. Paixão é a mulher do momento – Elza – com quem pretende se casar. Perdeu as outras duas anteriores (mães das filhas Bárbara e Camila) por não saber lidar com elas. Com Elza quer acertar. “Hoje, sou o que gostaria de ser”, sentencia.

Caça aos talentos

O PROGRAMA DE TRAINEES DO BANCO REAL CRIADO ESPECIALMENTE PARA A FACULDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES – EM 2006 – COMEÇA A DAR FRUTOS.



EDSON SILVA (CENTRO) COM OS GESTORES



ISMÊNIA PIRES E MARIA CRISTINA CARVALHO (DESA) COM FORMANDOS



LIDICE SANTOS COM OS PAIS

Quando o Banco Real deu início ao seu programa Executivo Jr, em agosto de 2006 do qual participaram 403 candidatos concorrendo a 50 vagas, não se podia imaginar que o resultado fosse o esperado: 40 alunos da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares que participaram do programa foram efetivados. “Acreditamos que as pessoas precisam apenas de uma oportunidade na vida para desenvolver o seu potencial”, diz Fábio Barbosa, presidente do Banco Real-Santander e da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), durante a cerimônia de formatura dos alunos quando anunciou que o banco dará continuidade ao programa para mais 50 outros novos alunos da Zumbi dos Palmares.

Convicto de suas idéias, desafio é a palavra-chave desse executivo, que hoje tem a missão de manter a satisfação de seus funcionários, mais de 55 mil pessoas, resultado da fusão do Real com o Santander, organizações que juntas somam 8 milhões de correntistas e outras 500 mil contas de pessoas jurídicas. Barbosa reconhece que a diversidade engrandece qualquer instituição e, discorrendo sobre a importância das ações afirmativas para a resolução dos problemas causados pelas desigualdades raciais e econômicas, ressalta: “o nosso País não tem uma grande solução. Entretanto, se cada um de nós fizermos o que está ao alcance, na somatória, teremos um Brasil melhor para todos. Que esse programa (Executivo Jr) sirva de exemplo para ser implantado em outras empresas”.

Neste ano em que se comemoram os 120 anos da abolição ações como esta empreendida pelo Banco Real-Santander, mesmo não sendo rotineiras, provam que esse é o caminho a ser trilhado. “Felicidade e exultação representam o significado desta cerimônia”, disse o prof. José Vicente, reitor da Zumbi dos Palmares, confirmando que a opção pelo trabalho com perseverança e afinco se transformam em sucesso. “Prova de que um trabalho sério supera obs-

táculos”, e como recomendação aos alunos frisou: “que vocês nunca se esqueçam de suas origens e que sejam solidários”. Afinal, eles têm o dever de contribuir para a ascensão de outros colegas.

NOVA VIDA

A mensagem do reitor aos formandos se reveste de importância incontestável uma vez que a maioria desses alunos são oriundos de famílias carentes, mas que hoje têm a oportunidade de estudarem, estagiarem e serem efetivados em grandes empresas. Tudo isso é devido ao trabalho desenvolvido pela Zumbi dos Palmares que favorece o acesso à educação e ao mercado de trabalho aos jovens afrodescendentes deste País.

Há 8 anos, Edson Adriano Estevão da Silva, 32 anos, era um simples faxineiro, um aventureiro, sem perspectiva de vida. “Quando entrei na Zumbi dos Palmares me sentia um peixe fora d’água, estava desmotivado, não sabia ao certo o que era uma faculdade, o que queria ser ou fazer”, recorda-se. Até então, ele havia trabalhado numa companhia de viação, em outra na área de saúde, e enfrentado as consequências de uma separação conjugal. Pai de Victor (5 anos), o aluno do último semestre de Administração hoje reconhece que a Zumbi dos Palmares foi o começo de uma nova vida. “Perdi o medo de encará-la”, acredita.

“A educação é o alicerce de nossas vidas”, destaca Leonice Silva Santos, 22 anos, aluna de Administração do 6º semestre, escolhida pela turma de formandos para ser a oradora do evento. “O conhecimento adquirido na Zumbi dos Palmares, na FGV ou no banco é para sempre. Além de agregar conhecimento é bom fazer amigos nessa trajetória”, comenta Leonice que pretende estudar inglês, uma pré-graduação em 2010, e seguir carreira no banco.

Estudar ética empresarial, administração financeira,

matemática financeira, ter aulas on line, mais as presenciais, somadas à grade da Zumbi dos Palmares, essa somatória se traduz em conhecimento profissional, completa Victor dos Santos, 24 anos, aluno do último semestre e também participante do programa Executivo Jr. Oriundo de uma família cujos irmãos mais velhos não tiveram a oportunidade de estudar, Victor entende que sua vida tomou outro rumo devido ao estudo. Casado com Ellen e pai de Vitória (1 ano), diz ter condições de oferecer melhor qualidade de vida à sua família, com mais saúde e conforto. Para os demais alunos da Zumbi dos Palmares, manda o seguinte recado: acreditem nos estudos, “você é do tamanho do seu sonho”.

E “quando se sonha junto, o sonho vira realidade”, compartilha Ismênia Pires, responsável pelo 1º Programa Executivo Jr do Banco Real da área de RH – Diversidade, enfatizando que os alunos deram o melhor de si durante o estágio, fato reconhecido pelos gestores da empresa. No início eram 50 estagiários, sendo que dez se desligaram por motivos diversos. “Realmente, foi difícil o processo seletivo como um todo, para chegamos aos 50. Também tivemos a contribuição dos gestores que entenderam a importância desse projeto, assim como a FGV quis investir nessa ação social junto com o banco. Nós assumimos essa parceria, e vocês vêem o sucesso”, reforça Maria Cristina Carvalho, superintendente executiva de Recursos Humanos – Diversidade.

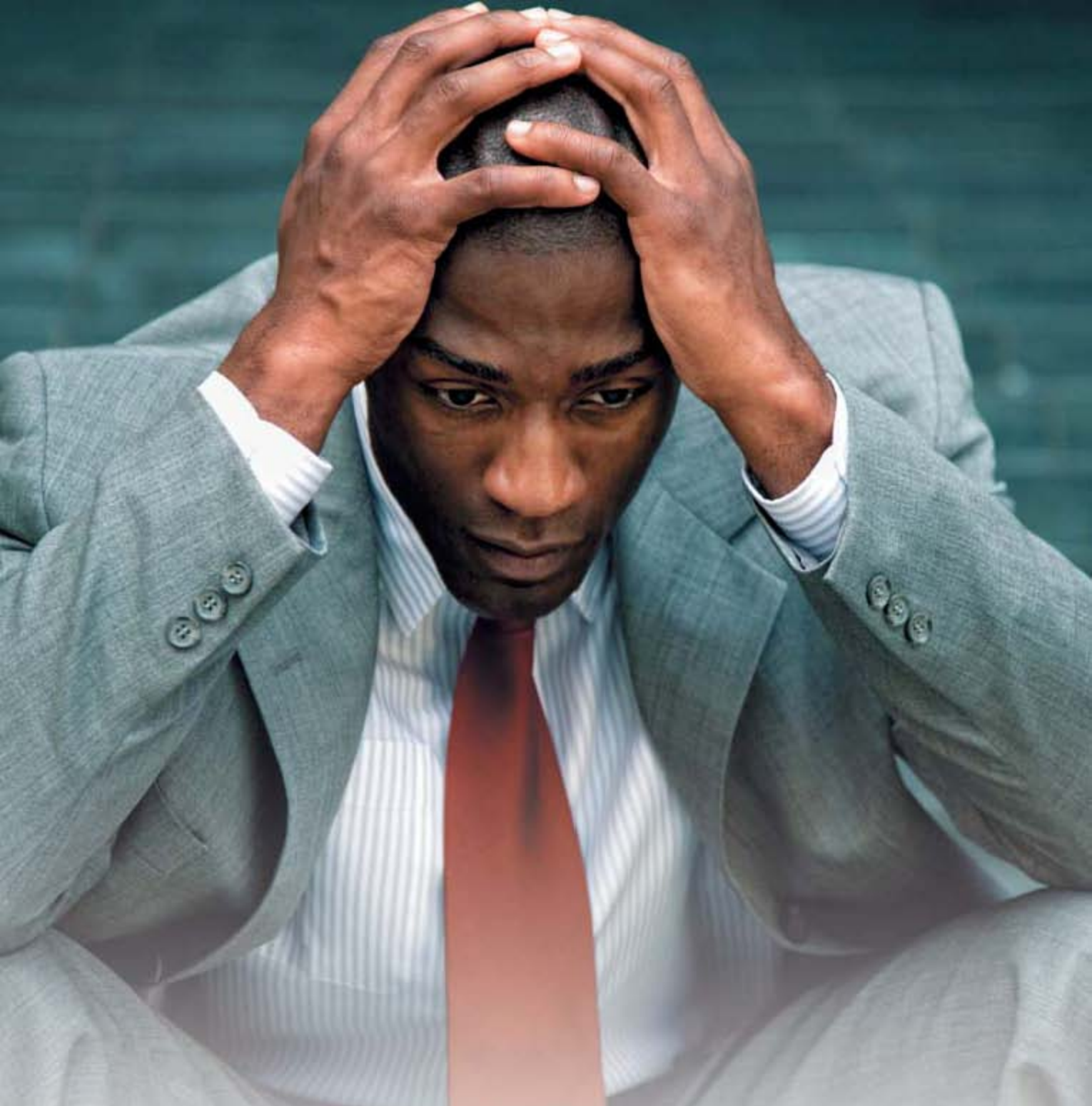
“Parcerias como esta da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares com o banco Real, que nesse momento efetiva 40 alunos, é a prova da democratização do acesso ao desenvolvimento de políticas de promoção de igualdade racial”, confirmou Edson Santos, ministro da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), que prestigiou o evento.



GIOVANNI HARVEY (SUBSECRETÁRIO DA SEPPIR), EDSON SANTOS (MINISTRO DA SEPPIR), FÁBIO BARBOSA (PRESIDENTE DO REAL-SANTANDER) E JOSÉ VICENTE (REITOR DA ZUMBI)



VICTOR SANTOS COM A ESPOSA E OS FILHOS



Longe do trabalho

É PRECISO PRESTAR ATENÇÃO E INVESTIGAR AS CAUSAS QUE NOS AFASTAM DA ROTINA PROFISSIONAL.

Dores sem causa clínica definida, cansaço excessivo, baixa produtividade, dificuldade para tomar decisões. Para acabar com estes sintomas, muitas pessoas programam férias com a certeza de que, na volta, tudo estará resolvido. Mas nem sempre uma pausa no trabalho é a solução, já que tais incômodos podem ser um aviso de que existe algum problema muito além do cansaço.

Um deles pode ser a depressão, transtorno psíquico relacionado ao humor, que afeta corpo e mente e manifesta-se por sintomas emocionais como tristeza, ansiedade e perda de interesse em atividades que costumavam ser prazerosas. Há também sintomas físicos como dores inexplicáveis pelo corpo, dores de cabeça, alterações gastrintestinais, alterações no sono e no apetite e cansaço excessivo. Esses sinais são persistentes e graves o suficiente para interferir de forma significativa na vida profissional, como indica o Ministério da Previdência Social. Ao avaliar o número de afastamentos do trabalho, o órgão público constatou que os transtornos mentais e comportamentais representaram mais de um terço dos casos entre 2000 e 2005 (percentual de 33,5%), ao lado dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT). As áreas profissionais mais afetadas pelos transtornos do humor são mercado financeiro, refino de petróleo, transporte ferroviário urbano e bancos comerciais.

A Organização Mundial da Saúde também está atenta ao fato e aponta que, até 2020, a depressão passará da quarta para a segunda colocada entre as principais causas de incapacidade para o trabalho no mundo. A doença ainda é responsável pelo absenteísmo, ou seja, falta ao trabalho por algum motivo. Recomendada pela Federação Mundial para Saúde Mental, a pesquisa *Depressão, A Verdade Dolorosa* foi aplicada em 377 adultos diagnosticados com depressão e em 756 médicos (clínicos gerais e psiquiatras) do Brasil, Canadá, México, Alemanha e França. De acordo com o estudo, 64% das pessoas deprimidas relataram ausência no trabalho (uma média de 19 dias perdidos por ano) e 80% disseram ter a produtividade reduzida em cerca de 26%. A pesquisa mostra também que os pacientes sofreram com os sintomas físicos da depressão por uma média de 11 meses an-

tes de procurar por um médico e passar por uma média de cinco consultas antes de receberem o diagnóstico correto. No mundo, estima-se que 121 milhões de pessoas sofram com a depressão – 17 milhões delas somente no Brasil – e, segundo dados da Organização Mundial da Saúde, 75% dessas pessoas nunca receberam um tratamento adequado.

SOBRE A DEPRESSÃO

A causa da doença ainda é desconhecida, mas uma das teorias mais aceitas é que a depressão é consequência de uma disfunção no sistema nervoso central, que diminui e desequilibra as concentrações de dois neurotransmissores (a serotonina e a noradrenalina). Estes neurotransmissores são responsáveis pelo aparecimento dos sintomas físicos e emocionais da depressão.

Apesar do difícil diagnóstico e da gravidade da doença, existem tratamentos eficazes atualmente. Os mais comuns envolvem psicoterapia e medicamentos e, para que haja o desaparecimento completo dos sintomas, é preciso que seja aplicado um tratamento completo. Um dos mais recentes antidepressivos, a duloxetine, tem dupla ação, aumentando e balanceando os níveis de serotonina e noradrenalina no cérebro. Por isso, atua sobre os sintomas emocionais (tristeza, ansiedade, humor depressivo) e físicos (fadiga, alteração de peso e sono, dores de cabeça, nas costas, no pescoço, entre outras) da do-

ença, proporcionando significativo aumento da qualidade de vida do paciente. A duloxetine, um medicamento dos laboratórios Boehringer Ingelheim e Eli Lilly, foi estudada até o momento em mais de 6.000 adultos com depressão e é comercializada em mais de 40 países, entre os quais Estados Unidos, México, Reino Unido, Alemanha e África do Sul. É importante ressaltar, porém, que não se deve usar nenhum medicamento sem prescrição e rigoroso acompanhamento médico. Os pacientes com depressão devem também ser encorajados a modificar seus hábitos diários: realizar atividades físicas regulares, manter um período satisfatório de sono diário, ter uma boa alimentação e evitar o uso de substâncias como anorexígenos, álcool e tabaco.

ANDRÉ SILVA, jornalista, Fundamento Comunicação Empresarial, asilva@fundamento.com.br

“A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE ESTÁ ATENTA AO FATO E APONTA QUE, ATÉ 2020, A DEPRESSÃO PASSARÁ À SEGUNDA COLOCADA ENTRE AS CAUSAS DE INCAPACIDADE PARA O TRABALHO”

Quase

70%



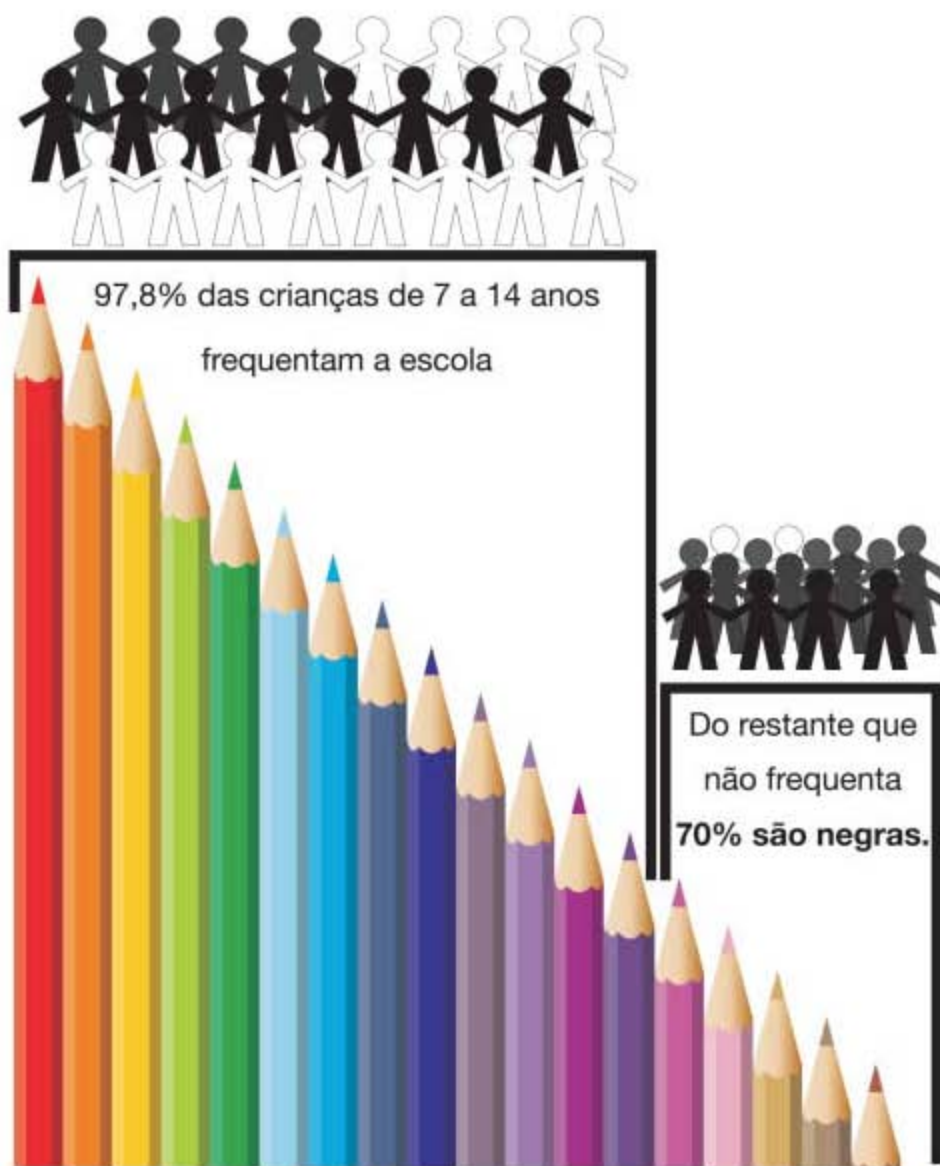
Das crianças
fora da escola são negras

Maria de Salette, oficial de projetos do Unicef,
fala dos desafios de garantir que nenhuma criança
deixe de ter acesso a um ensino de qualidade



Em setembro de 2006, enquanto na rede pública, 45,8% das pessoas de 0 a 17 anos haviam faltado à escola ou creche pelo menos uma vez nos últimos 60 dias, na rede particular esse percentual era 40,3%. O motivo mais declarado para as crianças e adolescentes estarem ausentes da escola ou cre-

che, pelo menos um dia, nesse período, foi por estarem doentes (59,6%), tanto na rede pública (58,0%) como na particular (69,1%). Por vontade própria ou dos pais ou responsáveis foi o segundo motivo mais apresentado (16,0%), sendo 16,5% na rede pública e 12,7% na rede particular.



Enquanto na rede pública, 10,2% das crianças faltaram à escola no período de referência de 60 dias por não ter transporte escolar, devido à distância, por não ter quem as levasse ou por falta de professor ou greve, na rede particular o percentual foi de 3,6%. Desagregando os motivos por faixa de idade, a proporção dos que faltaram à escola ou creche por doença declinou com o aumento da faixa etária. Para as crianças de 0 a 3 anos, 74,6% faltaram pelo menos 1 dia de creche por essa razão e para os adolescentes de 15 a 17 anos, a parcela foi de 45,2%.

Por outro lado, o percentual daqueles que faltou por von-

tade própria ou dos pais (ou responsáveis) era maior conforme aumentava a idade. Para os adolescentes de 15 a 17 anos, 25,5% declaram não ter ido à escola por essa razão; para aqueles de 7 e 14 anos, essa estimativa ficou em 15,0%; para as crianças de 4 a 6 anos, em 10,8%; e para as crianças de 0 a 3 anos, em 8,8%.

Dados são da PNAD/IBGE de 2006, tabulados pelo MEC especialmente para o Unicef, revelam que o percentual de crianças de 7 a 14 que frequenta a escola é de 97,8%. Entretanto, os 2,2% que faltam representam cerca de 660 mil, dos quais 450 mil são negros. Os números demonstram que a universalização do Ensino Fundamental ainda não é uma realidade brasileira. Nordeste e Amazônia também chamam a atenção, pelas dificuldades na melhoria dos indicadores sociais em geral e da educação em particular.

Segundo a oficial de Projetos de Educação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef-Brasil) e ex-secre-

tária municipal da Educação de Salvador (BA), Maria de Salete Silva, o País deve assumir a desigualdade étnica e racial. “O fato de 450 mil das 660 mil crianças que estão fora da escola serem negras é a prova de que essa desigualdade existe. Portanto, é fundamental entender porque a desigualdade ocorre para criar políticas e programas sociais adequados. Também há necessidade de trazer o contexto cultural e regional para as escolas, para não desprestigiar a vida das comunidades quilombolas e indígenas”, identifica.

A oficial de Projetos de Educação ressalta, ainda, que quan-

“A EDUCAÇÃO PRECISA FAZER SENTIDO PARA OS ALUNOS E ALUNAS. SÓ ASSIM TODOS TERÃO O DIREITO DE APRENDER”

to mais próximo o País estiver de ter 100% das suas crianças nas escolas, maior é a dificuldade em identificar e implementar ações para garantir o acesso àquelas que estão à margem do sistema educacional e também de programas de assistência social. “É importante o cruzamento das informações sociais para garantir que todos tenham educação de qualidade”, diz, acrescentando a responsabilidade dos municípios, dos secretários da Educação e das demais áreas da administração pública todos envolvidos nessa tarefa. “Entendemos que as políticas públicas devem levar em consideração as peculiaridades locais e o contexto no qual as pessoas estão inseridas. No caso da educação, o Unicef defende a educação integral, contextualizada e individualizada. As escolas precisam levar em conta o universo social e cultural da comunidade,” esclarece.

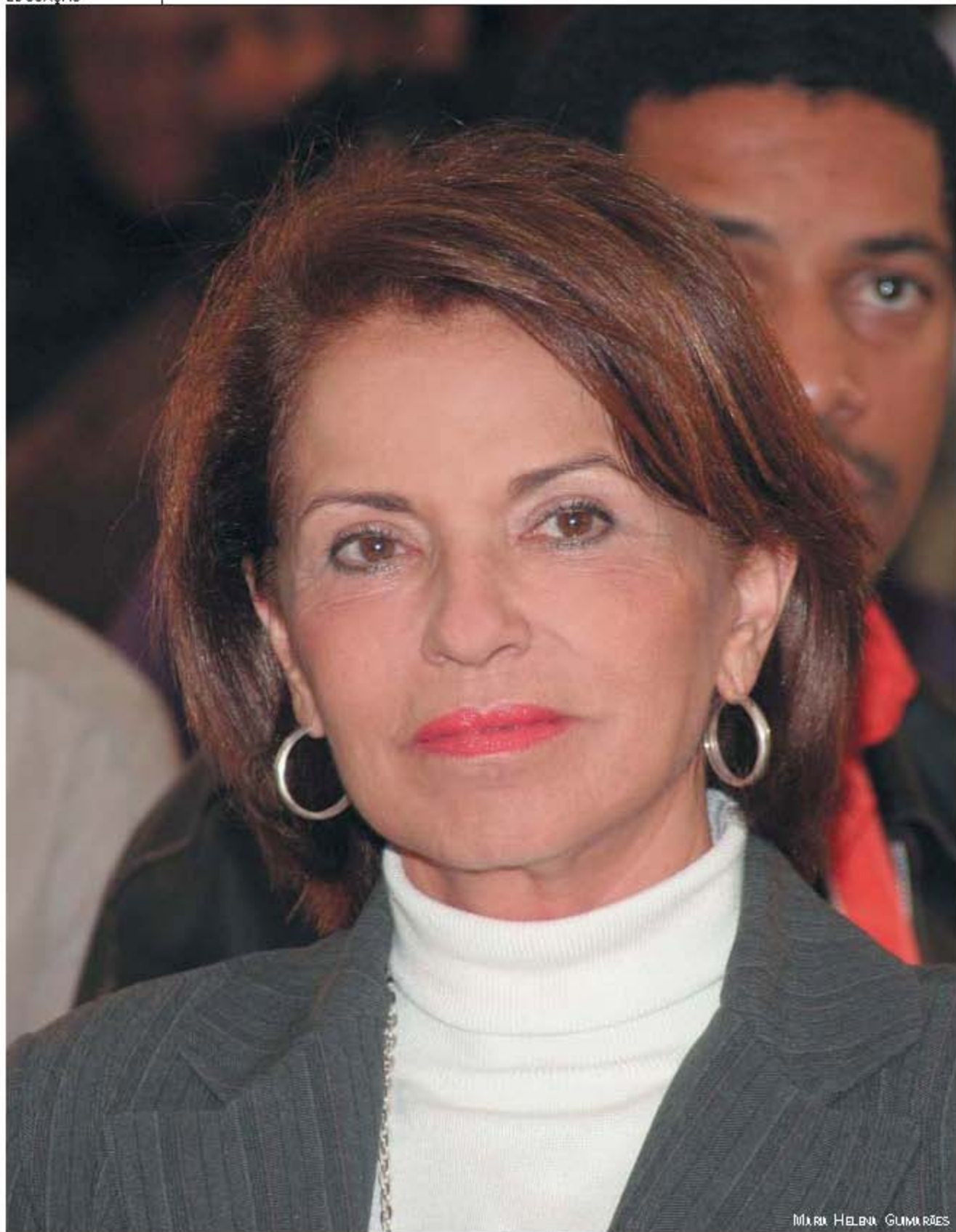
Sobre os programas de distribuição de renda, como o Bolsa Família favorecendo a inclusão educacional de crianças e jovens, Maria de Salette propõe a ampliação da análise do impacto desse e outros programas não só no acesso, mas na permanência e na aprendizagem. Do mesmo modo que identifica o apoio da comunidade ao projeto da

escola, com o foco principal no aprendizado do aluno. “Mesmo em escolas e áreas com condições precárias é possível alcançar esse objetivo, com os envolvidos orientados pelo mesmo propósito. Não podemos nos conformar enquanto houver uma criança fora da escola. Sendo município o ente federativo mais próximo da população faz com que ele seja o grande responsável pela identificação dessas crianças. Por isso é importante que os próximos prefeitos tenham esse objetivo como meta”, acredita.

Maria de Salette afirma que de fato a região do Semi-árido brasileiro, compreendendo grande parte do Nordeste e Norte de Minas Gerais e Espírito Santo, é prioritária em termos de melhoria dos indicadores educacionais no País, ao lado da Amazônia e das comunidades populares nos entornos das metrópoles e grandes centros urbanos. E, referindo-se à ausência das crianças nas escolas, ressaltou as portadoras de deficiência, diferencial que pode passar despercebido pela família, sem contar que nem sempre as escolas e até mesmo os professores estão preparados para lidar com a situação. Se a frequência à escola for inviabilizada, é fundamental que essas crianças recebam assistência de outras áreas, como saúde ou assistência social, mesmo que seja em suas próprias casas.

“Um caminho possível para a identificação dessas questões pode ser o cruzamento entre o cadastro de beneficiários de programas da Assistência Social e as matrículas nas escolas. Há, ainda, outros fatores que dificultam a vida das crianças, como o transporte, principalmente na região norte do País, e as frequentes mudanças regionais da família em função aos períodos de safras”, exemplifica. Por outro lado, Maria de Salette destaca o Programa Selo Unicef - Município Aprovado, de reconhecimento internacional, concedido justamente aos municípios do Semi-árido brasileiro, que alcançaram importantes melhorias na qualidade de vida de crianças e adolescentes, tendo a educação como um dos eixos principais. Na edição 2007-2008 do Selo, 1.118 municípios aderiram ao desafio de alcançar resultados expressivos nos indicadores mensurados, e a educação está entre eles.

A iniciativa como o Selo Unicef - Município Aprovado comprova a possibilidade de melhorias nos indicadores educacionais. Até porque na primeira edição do Selo, os municípios conseguiram reduzir em 3,4% o número de crianças cursando séries em escola inadequadas para sua idade, indicando uma melhora no desempenho educacional de mais de 50 mil crianças e adolescentes.



MARIA HELENA GUIMARÃES

Qualidade no ensino é a palavra-chave

“O acesso ao ensino superior é importante, mas para isso é fundamental priorizar a educação básica e universalizar a conclusão do ensino médio. Só assim conseguiremos um salto de qualidade”, afirma Maria Helena Guimarães de Castro, Secretária de Estado da Educação de São Paulo.

Conforme informou Maria Helena, a Secretaria está com um trabalho inovador no Ensino Médio, para alunos que queiram prosseguir os estudos, nas universidades e entrar no mercado de trabalho. Todos os 460 mil alunos da 3a. série do ensino médio, a partir deste ano, passaram a ter 6 horas semanais de revisão das disciplinas na modalidade *Apoio a Continuidade dos Estudos*. “Nosso objetivo é prepará-los melhor para o ensino superior”, completa. Também em São Paulo, 87% dos alunos do ensino médio estão estudando nas escolas públicas estaduais e, portanto, a maioria dos egressos do ensino médio é oriunda de escolas públicas e não de escolas particulares. No Brasil, essa proporção é menor, mas nunca inferior a 80%. Isso evidencia cada vez mais que o importante é melhorar a qualidade do ensino médio público e oferecer novas oportunidades de formação e aprimoramento profissional a todos os alunos.

Esses números deixam claro que é preciso investir na educação básica. Não há país que prospere em educação

sem prioridade no ensino fundamental e no ensino médio. E, neste sentido, a Secretaria acaba de fechar parcerias com a USP e com a Unesp para facilitar o acesso dos alunos. Com a USP a Secretaria está fazendo uma avaliação seriada, com uma prova que poderá reverter 3 pontos na Fuvest. A Unesp está oferecendo 76% de desconto na inscrição de todos os estudantes da rede. “Precisamos de mais. Qualidade é a palavra-chave. Ampliar as oportunidades de formação de nível superior e tecnológico é indispensável para o desenvolvimento sustentável e isso só será possível com mais qualidade na educação básica”, completa.

A Secretária de Estado da Educação de São Paulo alterou a grade curricular do ensino médio. Assim, os alunos estão tendo recuperações intensivas. Nos primeiros 42 dias de aulas, por exemplo, todos os estudantes do ensino médio tiveram recuperação com foco em Língua Portuguesa e Matemática. A ideia é investir na recuperação de conteúdos e na preparação para o vestibular.

Este ano, para motivar ainda mais o aluno do ensino médio, todos irão ganhar três livros de escritores brasileiros, cobrados nos principais vestibulares. Além disso, de acordo com Maria Helena, está sendo distribuído 1,2 milhão de exemplares do guia dos estudantes, também como reforço.

Longe da África e da América Latina

A grandiosidade dos Jogos Olímpicos de Pequim deixou bilhões de pessoas boquiabertas. Afinal, poucos podiam supor que uma nação cuja imagem povoou nosso imaginário apenas em questões como trabalho semi-escravo e falsificação de produtos fosse capaz de surpreender positivamente o mundo. Mas as lições de Pequim não se resumem à quantidade de medalhas de ouro ou aos belos espetáculos de abertura e encerramento dos Jogos. Podemos ainda aprender com os chineses a importância do pragmatismo e do sentido de urgência quando se trata de estabelecer metas e acordos bilaterais. Também nesta "olimpiada", a China vem conquistando inúmeras medalhas de ouro especialmente na África. O continente negro, que sempre foi visto como uma promessa para o futuro distante, é tratado como uma espécie de Eldorado pelo governo chinês. Os investimentos nos países africanos somam US\$ 25 bilhões para um período de cinco anos, superando em US\$ 5 bilhões o aporte feito pelo G-8 (grupo dos oito países mais industrializados do planeta) no continente. São estradas, portos, hidrelétricas, enfim, um pacote de obras de infraestrutura para facilitar a exploração das abundantes riquezas naturais. Se tocadas de forma eficiente, os investimentos serão a ponta-de-lança do projeto de construção de uma classe média forte que demandará cada vez mais produtos semi-elaborados e industrializados, além de serviços sofisticados (engenharia, tecnologia de informação, etc.). E quem será credenciado para suprir essa nova demanda? Apesar do pomposo discurso oficial, o Brasil está perdendo o bonde naquela região. A África entrou no azimuth da política externa brasileira na Era Geisel. Para os governantes militares, valia a pena explorar a ancestralidade e os laços do idioma. Só que entre a teoria e a prática, muito pouco foi feito.

Mesmo nos últimos cinco anos, quando se tem falado muito em relações Sul-Sul, o Brasil continua patinando em relação à África. Em vez de apostar no que tem à mão (África e Mercosul), a diplomacia brasileira optou em percorrer uma estrada equivocada no quesito comércio global. Investimos fortemente em miragens, como a liderança das nações emergentes ou um assento no Conselho de Segurança da ONU, deixando de lado o que estava ao nosso alcance e que poderia, no médio prazo, trazer resultados reais. Por conta de

uma visão miope, abrimos um precioso espaço para os chineses. E eles aproveitaram com competência ímpar. O mandarim já começa a ser ensinado em escolas de Angola, Moçambique, Chade e Nigéria, nações que dispõem de recursos naturais abundantes ou grandes áreas próprias para a agricultura. Mas o cenário é ainda pior. Isso porque muitos analistas já prevêem que o avanço dos chineses não deverá se limitar às planícies africanas. A América Latina é outro filão a ser explorado. Especialmente quando as atenções dos Estados Unidos estão fincadas no Nafta (acordo comercial que inclui o México e o Canadá) e no eixo Iraque-Afganistão. Diante disso, países como Uruguai, Paraguai, Equador e Bolívia, relegados ao segundo plano pelos líderes locais (Brasil e Argentina), surgem como uma terra de oportunidades para os chineses. Especialmente quando lembramos que mesmo após o advento do Mercosul nunca houve uma intenção efetiva de integração das nações mais pobres, principalmente do ponto de vista econômico e industrial.

Apesar do tom ácido, partilho do otimismo de estudiosos do comércio global, como o diplomata Rubens Ricupero. Para ele, ainda há tempo para efetivamente construir pontes nos temas que estão ao nosso alcance, sem que tenhamos de renunciar às parcerias com as nações desenvolvidas. Nossos laços geográficos com a América hispânica e de ancestralidade com a África nos credenciam a fazer mais e melhor que os chineses. Tanto na África quanto na América Latina. Resta querer.



ROSENILDO GOMES FERREIRA, repórter da Revista Isto É Dinheiro.

- ☐ Afirmativa é o espaço onde o negro e sua relação com a sociedade e com outras raças são protagonistas.
- ☐ Afirmativa é um fórum onde personalidades de todos os matizes políticos, raciais, sociais e religiosos discutem a integração e o desenvolvimento do negro na sociedade.
- ☐ Afirmativa é uma revista de interesse geral que debate assuntos que dizem respeito a toda a sociedade.
- ☐ Afirmativa é um veículo de divulgação da força, da criatividade, dos valores e das aspirações do negro brasileiro.

Se você concorda com as afirmações acima, assine embaixo.



Desejo fazer uma assinatura da revista Afirmativa.

Nome: _____
CPF: _____
Endereço: _____
CEP: _____
Telefone: _____
e-mail: _____

Se preferir, ligue para 11 3392.6005 ou acesse www.afrobras.org.br



Assinatura por 1 ano (6 edições) **R\$ 49,90**



Assinatura por 2 anos (12 edições) **R\$ 86,00**

Um Continente para o Brasil



CHEGOU A VEZ DO EMPREENDEDORISMO BRASILEIRO
CONQUISTAR OS PAÍSES AFRICANOS.

A exemplo da China, que está dominando a economia mundial com a prática da produção em escala planetária, o Brasil não pode perder a chance de marcar presença efetiva na consolidação das perspectivas que se abrem na África como um potencial mercado consumidor no contexto global. Nesse sentido, os aspectos culturais e linguísticos que unem a cultura brasileira às culturas africanas do ponto de vista histórico, representam um diferencial importante que pode incrementar e redefinir os novos contornos das relações comerciais entre esses países. Para dar uma idéia de como esse conceito vem se fortalecendo cada vez mais entre os dirigentes empresariais, aconteceu no dia 11 de agosto, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) recebeu 25 embaixadores africanos que mostraram as oportunidades de negócios que mais se destacam no continente africano na atualidade. O *Africa's Day*, nome dado ao evento, teve como objetivo principal abrir espaço para estudar os setores mais receptivos aos investimentos e aos acordos recíprocos, com destaque para as áreas de energia e para o setor de alimentos.

Os diplomatas africanos foram recebidos pelo presidente da entidade, Paulo Skaf e pelo ministro da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior, Miguel Jorge.

Ao avaliar as trocas comerciais entre o Brasil e o continente africano, verificou-se um déficit brasileiro de quase US\$ 3 bilhões. Em 2007, o País exportou US\$ 8,5 bilhões e importou mais de US\$ 11 bilhões. Para dar uma dimensão dessas transações, só a Nigéria vendeu para o Brasil mais de US\$ 5 bilhões, sendo que 95% desse volume está relacionado aos derivados do petróleo.

Para Lidiwe Zulu, o continente africano não tem mais tempo para esperar pelo desenvolvimento, tendo em vista a redução da pobreza e do desemprego. "A África está à frente da civilização, temos que considerar esse fato histórico e colocar a África no lugar que ela merece, por meio de parcerias e de programas de cooperação, inclusive com o Brasil. Parcerias público-privadas que promovam sinergia de iniciativas regionais buscando promover o desenvolvimento humano e combater a desigualdade. Para ela, as relações históricas entre o Brasil e África são grandes e muitos investimentos serão benefícios para ambas as partes. "Peço ajuda para que os empresários brasileiros estabeleçam parcerias com os países africanos e participem da reconstrução da África", enfatizou.

De acordo com Daniel Antonio Pereira, representante de Cabo Verde, existe a previsão da abertura ainda para 2008

de uma nova linha aérea ligando o Cabo a Recife. Atualmente, existem três vôos semanais para Fortaleza feitos pelas sacoleiras que representam um mercado informal responsável por movimentar US\$ 7 milhões ao ano em produtos comprados no Brasil, especialmente roupas e calçados, além de outros itens do segmento agrícolas como o açúcar. Já na visão de Joram Mukama Biswano, da Tanzânia, as necessidades africanas estão concentradas na agricultura, na saúde (medicamentos) e a área de serviços e infraestrutura em geral. "Neste ponto, o Brasil tem como nos ajudar, e vamos ter pela primeira vez um seminário para discutir as negociações entre o Brasil e a Tanzânia", informou.

O BNDES também vê com grande entusiasmo o forte crescimento que está ocorrendo em alguns países africanos e vem apoiando de maneira consistente a realização de obras por empresas brasileiras em Angola. De acordo com Luciene Machado, chefe do departamento da área de exportação, desde 2006 o Banco já destinou US\$ 1,46 bilhão em financiamentos a exportações de bens e serviços brasileiros ao país. "A forte atuação do BNDES e de



DANIEL ANTONIO PEREIRA



grandes companhias brasileiras em Angola sem dúvida pode abrir portas para que empresas brasileiras de menor porte possam comercializar seus produtos no país", acredita. Para Ricardo Santana, gestor de projetos da Apex-Brasil – Agência Brasileira de Exportações e Investimentos, o continente africano apresenta amplas oportunidades de negócio para as empresas brasileiras. Os países em desenvolvimento ou em processo de reconstrução da África têm grande demanda por serviços e produtos ligados à infraestrutura. "Em Angola, promoveremos em outubro o Encontro de Negócios Brasil-Angola – parceria para o desenvolvimento, em que serão realizados seminários e rodadas de negócios nos setores de alimentos, construção civil, higiene pessoal, produtos de limpeza, material escolar, maquinário agrícola, vestuário, autopeças e equipamentos hospitalares", informa. Nesse caso, o idioma português facilita muito a concretização dos negócios. Além de Angola, ele considera Moçambique como outro mercado atraente para vários setores.

A Apex-Brasil realizou na África do Sul recentemente o Brasil Tecnológico, evento que promoveu encontros de negócios entre empresas brasileiras e sul-africanas nos setores de tecnologia da informação, software, equipamentos médico-hospitalares e eletroeletrônicos. A realização da Copa do Mundo de 2010 impulsiona as obras de infraestrutura não só na África do Sul como nos vizinhos Botsuana, Namíbia e Moçambique também. Ao norte do continente, Marrocos, Tunísia, Argélia e Egito são mercados importantes também pela proximidade com o sul da

Europa. Nessas áreas, a Apex-Brasil já liderou missões importantes para buscar oportunidades de negócios em alimentos, em construção civil e maquinário agrícola. "Vale lembrar ainda que 80% da carne importada pelo Egito vem do Brasil", destaca Santana.

Para o superintendente da área de comércio exterior do BNDES, Luiz Antonio Dantas, a demanda angolana por importações é enorme, principalmente por projetos de infraestrutura, voltados à reconstrução do país duramente castigado pelos longos anos de guerra civil. "A conjuntura atual favorece investimentos, pois o país atravessa uma fase de crescimento econômico acima de 10% ao ano, impulsionado pelos altos preços do petróleo, principal item de exportação", destaca. A Construtora Camargo Corrêa está no continente africano há três anos, realizando investimentos locais na ordem de US\$ 100 milhões. A empresa possui atualmente mais de dois mil funcionários na África, sendo 85% dessa mão-de-obra composta por recursos humanos disponíveis no local. Segundo Kalil Cury, diretor de novos negócios internacionais da Camargo Corrêa, "o continente africano vive hoje um processo de desenvolvimento acelerado e as empresas brasileiras, com seu know-how em engenharia, com sua experiência na execução de obras de infraestrutura e serviços, contribuem de forma significativa para este crescimento", salienta. Ele acredita, também, que as diversas afinidades culturais, especialmente no que diz respeito à língua portuguesa, facilitam muito a integração econômica e cultural do Brasil com a África, favorecendo a geração de um grande número de negócios.



-12h -11h -10h -9h -8h -7h -6h -5h -4h -3h -2h -1h 0h +1h +2h +3h +4h +5h +6h +7h +8h +9h +10h +11h +12h



hsbc.com.br

**HSBC, eleito pela
Revista The Banker o
maior banco do mundo.**

HSBC 

No Brasil e no mundo, HSBC

Quem é o vilão?

FICA CLARO QUE NÃO SE TRATA APENAS DE UMA QUESTÃO DE EVITAR A FOME MUNDIAL, MAS DE UM VERDADEIRO PÂNICO E CONTRA-ATAQUE DIANTE DA AMEAÇA DO BIOCOMBUSTÍVEL BRASILEIRO.

Desde a época do Pró-álcool nunca se falou tanto sobre etanol. Na década de 1970, o combustível foi a salvação da primeira grave crise energética enfrentada pelo Brasil. Aos poucos, o petróleo retomou seu posto e o pobre combustível tupiniquim foi relegado a uma quase nobre insignificância, já que um herói, mesmo que enfraquecido, nunca deixaria de ser um herói.

Naturalmente, tratava-se apenas do primeiro round. As reservas naturais de petróleo já começam a dar sinais de cansaço, o preço do barril se eleva a cada pregão das bolsas, o que eleva ainda mais o preço na bomba para o consumidor, que é quem paga a conta. Todas essas peças já comporiam um cenário mais que perfeito para o surgimento de uma via alternativa, mas não bastou. Com mudanças bruscas na temperatura do planeta e fenômenos naturais que assolam cidades inteiras, o meio ambiente dá sinais de que algo precisa mudar, e rápido.

Como em todas as histórias de bandidos e mocinhos, por diversas vezes o mocinho é interpretado como um oportunista, que lança mão da desgraça alheia para agregar valor ao seu poder. Com o etanol não poderia ser diferente. A bola da vez foi a crise dos alimentos e declarações sem qualquer fundamentação técnica publicadas na imprensa mundial tentaram em vão fazer uma relação direta entre a produção de biocombustíveis e o aumento do preço dos alimentos.

Há inúmeros fatos que refutam completamente tais afirmações. Em primeiro lugar, há uma crescente demanda no consumo de alimentos, impulsionada por países como China e Índia, concomitante a um aumento da população

mundial e a uma elevação de renda dos países emergentes. Para se ter uma idéia, nos últimos 200 anos a população mundial saltou de 957 milhões para 6,7 bilhões de pessoas. E a projeção é de que em 2050 o mundo tenha nada menos que 9 bilhões de habitantes. Com o crescimento populacional aumenta também o desafio de se produzir mais para alimentar tanta gente. Em 2001, por exemplo, a China consumia por ano 450 milhões de toneladas de cereais. No ano passado, esse número saltou para 513 milhões de toneladas.

Outro ponto que sem dúvida interfere nos custos dos alimentos é o preço do petróleo que, segundo analistas do setor, deve chegar em breve à casa dos 200 dólares o barril. A explicação é simples. O petróleo é utilizado como matéria-prima para grande parte dos combustíveis utilizados no maquinário agrícola, no transporte de alimentos e na produção de fertilizantes. Talvez nem precisassem ser citadas as diversas barreiras tarifárias impostas aos mais variados insumos alimentícios em todas as partes do mundo. Ou seja, os custos para produção de alimentos tiveram uma grande elevação.

Entre tantas provas de que o etanol não é o vilão desta história, ouvi o mais interessante argumento dito por um produtor de biodiesel em um evento do qual participei em Nova Iorque. "Na Somália, por exemplo, um dos graves problemas é a falta de arroz. Até onde sabemos, hoje não há nenhum biocombustível sendo feito a partir do arroz, nem tampouco os biocombustíveis deslocam áreas de plantio de arroz".



Tantos argumentos só justificam o que o mundo inteiro já viu. Hoje são consumidos em torno de 1 trilhão de litros de gasolina/ano. Caso fossem adicionados ao combustível 25% de etanol, seria criado um mercado de 250 bilhões de litros de etanol/ano. Para se ter uma idéia, hoje a produção brasileira representa menos de 25 bilhões de litros/ano. Contudo, de acordo com a Agência Internacional de Energia (AIE), 25% de toda a frota de veículos no mundo poderão ser movidos a etanol até 2050.

Naturalmente, utilizar o argumento que incrimina o etanol de milho e o combustível da cana funcionaria como um belo susto àqueles que pensavam em investir maciçamente nesse setor. Mas essa argumentação durou pouco e não funcionou. Ao contrário, os investimentos externos nesse setor nunca foram tão intensos. De acordo com um estudo divulgado recentemente pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os investimentos externos diretos nas atividades agrícolas cresceram mais que em outros setores da economia, como indústria e serviços. Nos últimos sete anos houve um aumento de 500%, de 2,3% para 13,8% do total de investimentos.

A vantagem do Brasil está latente, para quem tiver interesse em ver. O potencial do país pode conduzi-lo ao papel de um dos mais importantes players desse mercado, afinal, projeções indicam que o país deve liderar o mercado. As condições são ideais em todos os sentidos. Maior fronteira agrícola do mundo, com terras férteis e vasta área para o cultivo, clima e relevo adequados, *know-how* que vem evoluindo desde o Brasil colonial e um forte aporte de investimentos externos.

O setor sucroalcooleiro no Brasil vem se preparando para um novo patamar de crescimento, com uma maior profissionalização na gestão das usinas, diversificação de investimentos como a co-geração de energia elétrica a partir do bagaço da cana-de-açúcar, busca constante por inovações tecnológicas no canavial, movimento de fusões e aquisições, abertura de capital, processo de Governança Corporativa, entre outras práticas que dão credibilidade ao mercado. Fica claro, assim, que não se trata apenas de uma questão de evitar a fome mundial, mas de um verdadeiro pânico e contra-ataque diante da ameaça do biocombustível brasileiro. Para quem não acreditava no Brasil, observe os heróis e guerrilheiros angustiados com o canto do Macunaima.

MARCELO SCHUNN DINIZ JUNQUEIRA, engenheiro agrônomo e CEO da Clean Energy Brazil.



ROBERTA E LARA DEE, COORDENADORA E PRESIDENTE DA ONG

Beleza para todos

POR: ISABELLA DE LUCA E ZULMIRA FEUCIO

“MUITAS MULHERES VÊM COM BAIXA AUTO-ESTIMA E SAEM DAQUI RENOVADAS. ACHAM QUE VÃO ENTRAR PARA FAZER UM CURSO, MAS CONVERSANDO COM OUTRAS PESSOAS E CONHECENDO OUTRAS REALIDADES, MUDAM DE IDÉIA”.

Edilara Lima Pacheco, conhecida artisticamente como Lara Dee, trabalhou no Programa do Chacrinha como chacrete, no Bolinha como bolete e ainda foi mulata do Sargentelli (Oswaldo Sargentelli, sambista reconhecido no Brasil e no exterior por seus shows realizados com mulatas). Hoje, fora do meio artístico, é presidente da Ong Cosmética, Beleza e Cidadania.

A construção de sua carreira não foi fácil. Aos 14 anos deixou o Nordeste, juntamente com sua mãe, transportada em um pau-de-arara. Na época devido às dificuldades enfrentadas, em São Paulo, Lara Dee começou a trabalhar como empregada doméstica. Certa vez, quando tinha quase 17 anos, uma amiga a convidou para participar do Programa do Chacrinha, e queria que ela se inscrevesse no concurso *A mais bela empregada doméstica*. Chegando lá, o Chacrinha quando a viu fez o convite para ser chacrete. “Assim começou a vida artística, ganhando quase cinco vezes a mais do que como empregada doméstica”, conta a sua filha Roberta Anunciato, também coordenadora da ONG. Em 83 quando encerrou a carreira, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde começou a desenvolver trabalhos no terceiro setor. Lá coordenou a ONG Viva Rio e trabalhou no projeto Viva Favela, na geração de micro-créditos a comerciantes de favelas, principalmente da Rocinha.

Ao voltar para São Paulo, e com a intenção de abrir sua própria ONG, conheceu José Luiz de Paula, atual presidente de honra da organização, profissional de design de embalagens de perfume e que possuía a Cusman editora com publicações especializadas na área cosmética. Juntos abriram a ONG Cosmética, Beleza e Cidadania, cujo slogan



é: beleza é fundamental e cidadania é vital.

Como sempre foi do samba Lara Dee conhecia diversos presidentes de escolas de samba de São Paulo. Em 2003, em reunião com o presidente na época da Rosas de Ouro, seu Basílio, chegaram à conclusão de que um curso de manicure para a comunidade seria o ideal. Como a maioria das escolas de samba ocupa espaço público com a concessão do terreno, pela legislação brasileira, elas têm que desenvolver algum projeto social no espaço. Assim, a ONG começou a atuar com o curso de manicure.

Devido ao crescimento do projeto, outras parcerias foram feitas em escolas como a Mocidade Alegre, Unidos de Vila Maria e a Barroca da Zona Sul (durante um período) e Camisa Verde e Branco. Além das escolas de samba, associações foram beneficiadas, entre elas: a Associação Caspiada e o Poder Negro, de Ermelino Matarazzo.

NOVOS CURSOS

Também a grade de cursos aumentou – hoje há cursos de entrelaçamento (ensino de tranças e dreads no cabelo), cabeleireiro masculino e feminino, maquiagem e depilação. Ao todo, são seis cursos gratuitos.

De 600 a 700 pessoas participam das aulas mensalmente. Em março deste ano foi criada uma sub-sede no bairro da Freguesia do Ó, para atendimento com psicólogo e massagista. “Assim como os multiplicadores da beleza, todos que trabalham ali são pessoas voluntárias”, conta Roberta. Ex-aluna em 2006, na Mocidade Alegre, atualmente Luciana Ferreira da Cunha, de 26 anos, dá aulas de cabeleireiro na escola Rosas de Ouro, Unidos de Vila Maria e no Jaçanã. Ainda sobra tempo para se dedicar ao próprio salão que



LUCIANA FERREIRA DA CUNHA EM AÇÃO
IV FESTA DA CEREJA NO HORTO FLORESTAL



CORTINA EXPOSTA EM NOVA IORQUE



COLARES FEITOS COM VIDRO RECICLADO



OBJETOS DE DECORAÇÃO EXPOSTOS NA FIBRA
BRASIL PROMOTION

estabeleceu em casa, “é muito bom poder ensinar o que aprendi. Fiz dois cursos, de entrelaçamento e de cabeleireiro. Caminhei até conseguir abrir meu próprio negócio”, diz.

As parcerias, feita com empresas do ramo da cosmética, como a Pandora, Fidalga, Vult e a Niasi e um convênio com o município de São Paulo ajudam a arcar com os custos. Geralmente as empresas cedem o material, os multiplicadores são voluntários e as escolas arcam com o espaço. Para participar dos cursos o único requisito é a idade mínima, de 18 anos.

Os próprios alunos são modelos e “cobaias”. O certificado é entregue no final do curso que tem duração de três meses e aulas de quatro horas, uma vez por semana.

As ações que acontecem uma vez por semana, em um único nicho, atendem a comunidade local e prometem modificar a auto-estima de quem se desanima, “muitas mulheres vêm com baixa auto-estima e saem daqui renovadas. Aham que vão entrar para fazer um curso, mas conversando com outras pessoas e conhecendo outras realidades, mudam de idéia”, comenta Roberta.

BIJUTERIAS EM VIDRO

Além dos cursos voltados à beleza, a ONG Cosmética, Beleza e Cidadania oferece um curso diferencial, o “Projeto

Transvidro – a arte da transformação no vidro”, criado em 2006 quando Lara Dee pensou em reciclar o material e descobriu que sua vizinha, Mary Blue, fazia bijuterias em vidro. Hoje, o curso ensina a fazer bijuterias e outros artesanatos, além dos produtos de decoração.

A artesã Mary Blue foi a primeira professora do local e hoje a organização conta com duas multiplicadoras do aprendizado, Maria Alice e Maria Adriana, que descobriram um dom. “Quem gosta de artesanato se sai bem. Faço cinzeiros, porta-retratos, porta-cartão e pastilhas de vidro. Até agora, a organização já conseguiu comprar dois equipamentos através de projetos colaborativos.

O trabalho vem ultrapassando os limites da ONG tanto que algumas peças foram exportadas. Em Nova Iorque existe uma loja - Environment Furniture -, cuja cortina exposta é feita de pastilhas do projeto. Para a confecção desta cortina foram exportadas 100 mil pastilhas no valor de R\$ 1,00. Também em SP. Também, em São Paulo, no Conjunto Nacional, há um lustre exposto com as pastilhas, obra do artista Nido Campolongo.

“Hoje temos o projeto aqui em nossa sede, no Poder Negro e queremos abrir um outro na sub-sede da Freguesia do Ó. Futuramente, queremos que essas bijuterias se transformem em semi-jóias para valorizar o trabalho rico dessas artesãs”, finaliza Roberta.



AÇÃO GLOBAL



MARIA ADRIANA E SUAS OBRAS

Jovens empreendedores

UMA DAS MAIS IMPORTANTES INICIATIVAS SOCIAIS DA BASF, O PROJETO CRESCER ENTRA EM NOVA FASE E AMPLIA OPORTUNIDADES.

Transformação social, por meio da profissionalização e educação de adolescentes de baixa renda, é o que a Basf buscava quando há 25 anos criou o projeto Crescer, para atender à comunidade local. A iniciativa possibilita ao jovem descobrir seu potencial para o trabalho, ter consciência da realidade e buscar alternativas para o seu desenvolvimento pessoal e social. Em um quarto de século, cerca de 750 adolescentes foram beneficiados.

Em 2008, o Projeto Crescer entra numa nova fase e ganha duas novas vertentes: por um lado a da cultura do empreendedorismo e, por outro, a academia de ciência. Com este novo modelo, o número de jovens atendidos será ampliado em cerca de 23% e os investimentos serão otimizados, podendo ser aplicados também em outros projetos e expandida a rede de diálogo com a comunidade.

EMPREENDEDOR

Em São Bernardo do Campo (SP), a Basf deu início às aulas para atender 120 alunos. O curso abre oportunidades para o desenvolvimento profissional e de novos negócios para os adolescentes e, para isso, conta com a parceria do Sebrae, Senai, Ong Tesourinha, Real Microcrédito (Banco Real) e Grupo ABC. Ao longo do ano os jovens irão passar por cursos profissionalizantes, como por exemplo,

pintura e repintura automotiva, confecção em couro e tecido, e poderão contar com um espaço criado para auxiliá-los nos primeiros seis meses de andamento do negócio.

ACADEMIA DE CIÊNCIA

A parceria da Basf com o Instituto Fernand Braudel tem seu foco no incentivo aos alunos do ensino médio voltado para a ciência como escolha profissional. O programa terá início em 2009 nas escolas públicas parceiras de Guaratinguetá (SP). O investimento estimado será de R\$ 350 mil/ano sendo que a meta é expandir para outras localidades próximas às unidades da Basf no Brasil, nos próximos anos. Também em Guaratinguetá, cerca de 16 alunos bolsistas do Projeto Crescer capacitaram 50 catadores da Cooperativa "Amigos do Lixo" para despertar nestes agentes ambientais a Cultura de Segurança e contribuir para a melhoria de suas condições de trabalho e de vida. Ao longo do projeto foi identificado o nível de conhecimento dos agentes ambientais sobre os materiais coletados, risco à saúde, impacto ao meio ambiente e esforços para solucionar problemas ambientais. Parceira da Basf há quase dez anos, a cooperativa "Amigos do Lixo" contribui com a reciclagem do lixo na cidade e recebe da empresa aproximadamente 28 toneladas de papel por mês.



PROJETO EMPREENDEDOR, ALUNOS EM SALA DE AULA



PROJETO CRESCER CUBICITA, CATADORES DE LIXO

A participação chinesa no desenvolvimento da África

A despeito dos vastos oceanos que separam a China e a África, a amizade entre o povo chinês e o povo africano data de uma longa história, tem sido testada pelos tempos, é forte e está cheia de vigor. Os dois povos, com perseverança e tenacidade, criaram civilizações esplêndidas e distintas. Na era moderna, os dois povos têm travado a luta incansável e heróica contra a subjugação, escrevendo um capítulo glorioso pela conquista da liberdade, libertação e dignidade humana, e esforçam-se pelo crescimento econômico e rejuvenescimento nacional. O progresso e desenvolvi-



to da China e do Continente Africano constituem uma grande contribuição para o avanço da civilização da humanidade.

Nas últimas cinco décadas, o povo chinês e o povo africano forjaram a unidade entre si, apoiando-se um ao outro. Os intercâmbios e cooperação entre a China e a África em todos os domínios têm-se intensificado e alcançado resultados frutíferos. Nos assuntos internacionais, a China e a África desfrutam da confiança mútua e cooperam estreitamente para defender os direitos e interesses legítimos dos países em desenvolvimento.

Existe a grande complementariedade econômica e enorme potencialidade de cooperação entre ambos os lados. O Governo chinês defende o aumento das relações econômico-comerciais baseado nos princípios de “igualdade e benefício recíproco, busca de resultados efetivos, diversificação de formas e desenvolvimento comum”. A China tem adotado medidas para ampliar a exportação de produtos africanos para a China, e cria condições para estimular a divulgação desses produtos. Nos últimos anos, o comércio sino-africano apresenta uma rápida tendência crescente. A China oferece tratamento preferencial aos países menos desenvolvidos desse Continente, isentando impostos de produtos exportados para a China. Os produtos africanos começaram a entrar, em grande quantidade, no mercado chinês. Em 2006, a corrente comercial registrou a ordem de US\$ 55,5 bilhões e, em 2007, pulou para US\$ 73,3 bilhões. O investimento chinês acumulado no continente africano já atinge US\$ 7 bilhões.

A China procura combinar a assistência com a cooperação técnica para elevar a capacidade de autodesenvolvimento africano; e empenha-se em formar pessoal técnico e gestores; ofereceu mais de 20 mil bolsas para formar pessoal técnico e outros profissionais. Ajudou construir a linha ferroviária Tazara (Tanzânia e Zâmbia) e quase um mil projetos de infraestrutura. Tem mandado equipes médicas para 47 países, como também envia tropas de manutenção de paz para alguns países africanos a convite das Nações Unidas. A China toma ainda providências pro-ativas para atenuar o ônus de dívida externa, perdoadando uma boa parte de dívidas. A China nunca impõe condições políticas adicionais na concessão de ajuda ou assistência econômico-técnica para a África, nem se intromete nos seus assuntos internos. A definição e implementação da ajuda ou assistência para atender às necessidades de países africanos é acordada mediante consultas amistosas.

Vale salientar que o Fórum de Cooperação China-África, realizado em outubro de 2000, é uma ótima plataforma de consultas coletivas e diálogo entre a China e a África, um mecanismo de cooperação entre os países em desenvolvimento no contexto de cooperação Sul-Sul. A cada 3 anos, realiza-se a reunião ministerial. Em novembro de 2006, teve lugar a terceira reunião ministerial e a primeira Cimeira em Beijing. Na ocasião, o Sr. Hu Jintao, Presidente da República Popular da China anunciou uma série de medidas para reforçar a cooperação com a África,

“A CHINA PROCURA COMBINAR A ASSISTÊNCIA COM A COOPERAÇÃO TÉCNICA PARA ELEVAR A CAPACIDADE DE AUTO-DESENVOLVIMENTO AFRICANO”

entre as quais, até 2009, duplicar o valor de assistência econômica concedida no ano 2006, providenciar empréstimo de US\$ 3 bilhões com taxa preferencial e US\$ 2 bilhões de crédito preferencial de comprador, instituir um fundo de desenvolvimento China-África até US\$ 5 bilhões para incentivar e apoiar o investimento de empresas chinesas na África, construir o Centro de Conferências para a União Africana, perdoar dívidas, estabelecer três a cinco zonas de cooperação econômico-comercial em países africanos, e no período de 2007 a 2009, formar 15 mil pessoal técnico, enviar 100 peritos seniores agrícolas, construir 30 hospitais e 100 escolas, doar US\$ 40 milhões para prevenção e combate à malária, e aumentar o número de bolsas até 4 mil por ano etc.

Os países africanos aplaudem e sentem-se satisfeitos com a participação chinesa no seu processo de desenvolvimento. No futuro, a China vai fazer o que estiver dentro do seu alcance para ajudar os irmãos africanos. Acredito que, o aprofundamento da cooperação entre a China e a África beneficiará ambos e será um fator muito positivo para o Mundo.

CHEN DUQING, Embaixador da República Popular da China no Brasil

Diplomata israelense representa a nova face de Israel



As primeiras palavras da pequena etíope Beylanesh Zevadianão foram “mamãe” ou “papai” e sim “Jerusalém”. E a menina se tornou a primeira Israelense-Etíope parte do Corpo Diplomático de Israel.

Ela foi criada na região de Gondar na Etiópia numa vila rural, onde seu pai era o Rabino Chefe da comunidade Judaica Etíope. A vila de Ambover era o centro da vida Judaica na região e lar da escola Judaica onde aprendeu a Torá e estudos Judaicos. Em 1984 após o ensino médio, Beylanesh imigrou para Israel. “Choque cultural, sem dúvidas” nas primeiras semanas em seu novo lar. “Não foi fácil. Especialmente quando se fala de imigrantes etíopes de uma área rural e subdesenvolvida. E Israel, um país desenvolvido e com outro idioma...”

Assim que imigrou para Israel pela Operação Moisés - projeto do Governo Israelense para salvar e transportar Judeus Etíopes para Israel em 1984 e 1985 - Zevadia teve um curso intensivo de Hebraico; trabalhou com a Agência Judaica e depois cursou a Universidade Hebraica onde recebeu o Bacharelado em Relações Internacionais e Mestrado em Antropologia e Estudos Africanos. Em 1993, Zevadia foi admitida ao Ministério de Relações Exteriores de Israel, se tornando aos 25 anos a primeira Etíope no Corpo Diplomático de Israel.

A carreira diplomática a levou aos Estados Unidos em 1995, quando serviu na Missão de Israel para as Nações Unidas; retornou como Diplomata de Israel para o Consulado - Geral em Chicago, onde trabalhou até 2002 com a então Cônsul - Geral Sra. Tzipora Rimon, hoje Embaixadora de Israel no Brasil; atualmente, ocupa o posto de Cônsul no Consulado - Geral de Israel em Houston, Texas, representando uma nova face de Israel. “Geralmente quando convidam um diplomata Israelense, esperam ver um Judeu Asquenazita ou Sefaradita e aqui estou, uma Etíope representando Israel. É muito especial poder contribuir com o país. Quando falo com as pessoas, digo que você pode pensar algo completamente diferente a respeito de diplomatas Israelenses, mas aqui estou. Se me perguntam coisas negativas a respeito de Israel, tenho uma resposta: eu mesma. Posso lhes contar minha história: educa-se em Israel, representante de Israel e nascida na Etiópia.”

“Gosto muito de falar sobre Israel, porque muitas pessoas não sabem o que Israel é, que Israel é apenas o conflito. Isto não é verdade, pois possui uma cultura e sociedade diversificada e uma economia desenvolvida. Sempre digo que sou negra, Judia e mulher - as três minorias. É o que sou e represento Israel com muito orgulho.”

TZIPORA RIMON, embaixadora de Israel

A visão e o diabetes

EXISTEM CERCA DE 12 MILHÕES DE INDIVÍDUOS DIABÉTICOS NO BRASIL



Desses, metade ignora sua condição, ficando, assim, mais suscetível a uma série de problemas decorrentes da doença. Dia 14 de novembro comemora-se o Dia Mundial do Diabetes. Nada mais oportuno para alertarmos a população para os riscos que os diabéticos correm de complicação na visão e até mesmo de cegueira, caso a doença não seja mantida sob controle. A perda de visão é 25 vezes mais frequente em quem tem diabetes. Dados da Sociedade Brasileira de Diabetes apontam que a falta de informação associada à ausência de sintomas pode causar cegueira em 40% dos diabéticos e mais da metade desses casos poderiam ser evitados se os pacientes realizassem regularmente os exames oftalmológicos e mantivessem as taxas de açúcar (glicemia) sob controle.

Dificuldade de foco, catarata, glaucoma e danos na retina são as principais complicações oftalmológicas provocadas pelo diabetes mal controlado. A retinopatia diabética, por exemplo, é responsável por 2% dos casos de cegueira no mundo inteiro. O que muita gente não sabe é que essa complicação pode ser prevenida.

Para compreender melhor a retinopatia diabética é preciso conhecer mais sobre sua origem. Existe a necessidade de saber o que é diabetes. Quando digerimos alimentos, principalmente os carboidratos, eles se transformam em açúcar – ou melhor, em moléculas de glicose – que vão parar no sangue. É ele (o sangue) responsável por abastecer todas as células do corpo. Mas, para isso tem de haver insulina. Vamos imaginar que a insulina é uma chave que abre a porta das células, deixando a glicose entrar. A insulina é um hormônio produzido pelo pâncreas. Entretanto, esse mecanismo pode falhar. Quando falta insulina, a glicose fica acumulada no sangue, surgindo o diabetes. O aumento da concentração de açúcar no sangue torna-o mais denso, causando muitas complicações, entre elas, os problemas circulatórios.

Essa circulação problemática afeta os vasos sanguíneos de todo o corpo e também os da retina, a camada de fibras nervosas situada no fundo do olho, que percebe a luz e ajuda a enviá-la até o cérebro. Os pequeninos vasos da retina são

lesados. Passado algum tempo, isto leva a distúrbios de visão até à cegueira. A melhor proteção contra a retinopatia diabética é submeter-se a exames periódicos da visão efetuados pelo médico oftalmologista. É particularmente importante detectar a doença em um estágio precoce, pois, às vezes, a retinopatia pode estar presente sem nenhum sinal perceptível. Nesses exames, o oftalmologista irá examinar o interior do olho do diabético, usando um instrumento chamado oftalmoscópio. Essa rotina deve fazer parte da vida dos diabéticos pelo menos a cada seis meses.

Em muitos casos, não existe a necessidade de tratamento, apenas do acompanhamento periódico do oftalmologista, para registrar se a doença está avançando ou não. Caso o avanço seja constatado, existem tratamentos que podem deter a progressão das lesões e, assim, melhorar a qualidade da visão. Aplicações de laser na retina são indicadas para fortalecer os vasos, controlando ou evitando a ocorrência de vazamento de líquidos e sangue na retina. Quando já houve uma hemorragia significativa dentro do olho ou descolamento da retina, o tratamento com laser é insuficiente. Nesse caso, é necessária a realização da vitrectomia, cirurgia que é a retirada da hemorragia intra-ocular e correção do descolamento da retina.

Os riscos de desenvolver retinopatia diabética aumentam quanto maior o tempo em que o indivíduo convive com o diabetes. Hoje, estudos apontam que 80% das pessoas que tenham sofrido de diabetes por pelo menos 15 anos apresentam algum tipo de lesão nos vasos sanguíneos da retina. É importante saber que um tratamento precoce consegue atrasar o progresso da retinopatia diabética e reduzir o risco de cegueira, no entanto não o exclui completamente. Por isso, é importante prevenir o diabetes, o grande causador de complicações na visão e de outras consequências negativas que vão da cabeça aos pés.

LEÔNCIO QUEIROZ NETO, médico oftalmologista do Hospital Albert Einstein e do Instituto Penido Burnier, de Campinas.



A luta contra a Aids na África

A síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids) foi reconhecida em meados de 1981, nos Estados Unidos da América, quando pacientes do sexo masculino que faziam sexo com outros homens, e residiam em São Francisco ou em Nova York, apresentaram comprometimento do sistema imune e dois tipos de doenças até então pouco conhecidas: o sarcoma de Kaposi e a pneumonia por *Pneumocystis carinii*. Em 1983, o primeiro agente etiológico foi identificado. Tratava-se de um retrovírus humano, atualmente denominado vírus da imunodeficiência humana (HIV-1). Em 1986, um segundo vírus, estreitamente relacionado ao HIV-1, foi denominado HIV-2. Sabe-se que uma grande família de retrovírus relacionados a eles está presente em primatas não humanos na África Sub-Saariana. Seguramente o HIV-1 e o HIV-2 passaram a infectar o homem há várias décadas, mas ganharam projeção a partir dos anos 80, a ponto de transformar casos isolados em uma das maiores pandemias de todos os tempos. Desde o início, antes mesmo da identificação dos agentes etiológicos da Aids, já se dispunham de evidências epidemiológicas de que outros grupos populacionais apresen-

tavam risco de contrair a doença, tais como receptores de sangue e derivados, usuários de drogas ilícitas por via venosa, filhos de mães soropositivas através da transmissão vertical e profissionais de saúde expostos a sangue de pacientes soropositivos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, as relações heterossexuais são hoje a principal forma de transmissão do HIV do ponto de vista global. São indícios da magnitude da transmissão heterossexual o aumento do número absoluto e relativo de mulheres com AIDS, a diminuição da razão homem-mulher a quase 1/1 e o aumento da transmissão de mãe para filho, principalmente nos países em desenvolvimento.

Estima-se que 33,2 milhões de pessoas vivam com Aids no mundo, sendo que mais de 60% de todas as novas infecções têm ocorrido em mulheres e crianças, a maioria residindo no Sub-Saara africano.

A transmissão materno-fetal do HIV deve ser a causa de pelo menos 90% das infecções pediátricas, atingindo em alguns países da África patamares alarmantes que variam de 30 a 45%, enquanto que em países desenvolvidos não ultrapassam 2%.

A Angola, um país da costa ocidental da África com aproximadamente 18 milhões de habitantes, foi colonizada por Portugal no século 15 e assim permaneceu até a sua independência, em 1975. Naquele ano eclodiu a guerra civil, que perdurou até 2002. Essas duas guerras abalaram todos os sistemas e serviços do país, incluindo o da saúde, gerando a necessidade premente de se reconstruir toda a infraestrutura hospitalar, bem como formar, capacitar e aperfeiçoar os profissionais da área de saúde.

Em 2002, foi criada em Angola a Comissão Nacional da Luta contra o HIV/Sida e Endemias considerando que a Lei Constitucional da República, no seu artigo 47, reconhecia o direito da população à assistência médica e medicamentosa e que era um dever do Estado a promoção das medidas necessárias. A Comissão foi constituída por diversas Instituições e liderada pelo próprio Presidente da República. Em dezembro do mesmo ano, o Ministério da Saúde de Angola, motivado a agilizar o processo, firmou parceria com médicos, enfermeiros e gestores brasileiros, experientes em trabalhos de prevenção, diagnóstico e tratamento da infecção pelo HIV/Aids.

Sem dúvida, o excepcional trabalho desenvolvido pelo Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde do Brasil – referência mundial – capacitou e capacita profissionais e serviços, a semelhança do que ocorreu com os da

Casa da Aids do Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a ultrapassarem as nossas fronteiras, levando conhecimento e ações a outros países, como é o caso de Angola.

As autoridades de saúde angolanas, assessoradas pelos profissionais brasileiros, implantaram os Programas de Aconselhamento e Testagem Voluntária para o HIV e o de Prevenção da Transmissão Materno-Fetal, adaptados às condições sócio-econômico-médicas do país, considerando que a transmissão vertical era a principal via de transmissão do HIV em crianças, responsável por mais de 90% do total de casos em menores de 15 anos de idade e que as taxas da infecção pelo HIV em grávidas estavam aumentando, tornando-se a segunda forma mais freqüente de transmissão depois das relações heterossexuais.

O Programa de Prevenção da Transmissão Materno-Fetal do HIV em Angola consiste em: ofertar o teste anti-HIV a todas as gestantes; estabelecer normas de avaliação da infecção pelo HIV em grávidas que não fazem as consultas de pré-natal, através do teste rápido durante o trabalho de parto ou no período expulsivo; disponibilizar os medicamentos antiretrovirais - esquema de três drogas para as gestantes infectadas, AZT injetável para a mãe durante o trabalho de parto e oral para os recém-nascidos durante os primeiros 42 dias de vida; realizar o parto cesariano apenas quando houver indicação obstétrica e sugerir o leite artificial, desde que as condições financeiras assim o permitissem.

Os resultados conseguidos pelo Programa de Prevenção da Transmissão Materno-Fetal do HIV em Angola situam-se entre os mais expressivos do mundo e levaram à implantação de outros, tais como Biossegurança nas unidades sanitárias, Melhoria da Capacidade de Resposta dos Hospitais de Angola, Especialização e Pós-Graduação de profissionais da área de saúde no Brasil, bem como capacitaram o país a pleitear recursos de entidades internacionais e implementar novos projetos como o do Sangue Seguro, Tuberculose e Hepatites.

As bases do caminho para um melhor controle da infecção pelo HIV/Aids em Angola estão estabelecidas e temos orgulho de afirmar que nós brasileiros contribuímos para esse processo.

DAVID UIP, médico Infectologista, chefia o programa brasileiro de ajuda aos países africanos para o combate da pandemia da Aids.

Livros



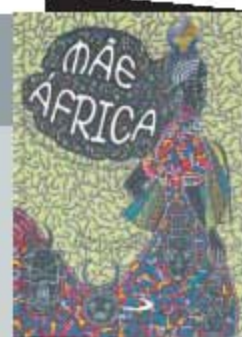
A MATRIZ AFRICANA NO MUNDO

No livro, Elisa Larkin Nascimento faz uma síntese da pesquisa de Cheikh Anta Diop e de seus seguidores que firmaram a influência da matriz negro-africana no mundo todo, desde a antiguidade até os tempos modernos. A obra conta com vários escritores, como Michael Hamenoo, de Gana, Francisco Romão de Oliveira e Ismael Diogo da Silva, de Angola, que contribuem com suas análises do legado colonial e da África contemporânea. Elisa juntamente com o escritor Carlos Moore Wedderburn expõem um ponto de vista das lutas pan-africanas na África e na diáspora americana. As relações internacionais entre África e diáspora, com foco no Brasil, são abordados por Anani Dzidzienyo.

TÍTULO: A Matriz Africana no Mundo **AUTOR:** Vários (Michael Hamenoo, Gizelda Melo do Nascimento, Anani Dzidzienyo, Ismael Diogo da Silva, Elisa Larkin Nascimento, Carlos Moore, Kabengele Munanga, Francisco Romão de Oliveira) **ORGANIZADOR:** Elisa Larkin Nascimento **EDITORA:** Summus

PÁGINAS: 272 páginas **QUANTO:** R\$ 51,00

MÃE ÁFRICA - MITOS, LENDAS, FÁBULAS E CONTOS



Coletânea rica em contos, baseada em vasta pesquisa, com o objetivo principal de ressaltar a diversidade das etnias que existem no Continente africano. O autor Celso Sisto selecionou 29 histórias procedentes (contos africanos) de diversos lugares da África, com atenção especial às histórias ainda não publicadas em português. No livro, os leitores poderão apreciar e descobrir as belezas, cores, nomes, fantasias e sabores africanos que influenciam na cultura brasileira.

TÍTULO: Mãe África - mitos, lendas, fábulas e contos **AUTOR:** Celso Sisto **EDITORA:** Paulus **Páginas**

PÁGINAS: 144 páginas **QUANTO:** R\$ 39,90



HISTÓRIA E CULTURA AFRO - BRASILEIRA

A lei nº 10.639 que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas foi um importante passo para o estudo da história do Continente africano e sua influência no País. Como o próprio título do livro indica *História e Cultura Afro-Brasileira* é um material acadêmico extenso que informa, de maneira didática, alunos e professores sobre a história da África e a cultura afro-brasileira. De linguagem fácil, possibilita uma leitura fluente, a obra retrata a escravidão no Brasil, os africanos, seus descendentes e os meios que eles encontraram para propagar sua cultura.

TÍTULO: História e Cultura Afro-Brasileira **AUTORA:** Regiane Augusto de Mattos **EDITORA:** Contexto

PÁGINAS: 224 páginas **QUANTO:** R\$ 29,00



Agenda Cultural

POR: RODRIGO MASSI

O MELHOR DA PROGRAMAÇÃO EM ARTES E CULTURA DE SÃO PAULO

EXPOSIÇÕES

"A ARTE DOS BIJAGÓS DA GUINÉ-BISSAU"

A mostra "A arte dos Bijagós da Guiné-Bissau" apresenta a arte africana dos povos Bijagós. Integram a exposição esculturas e objetos produzidos pelos habitantes do Arquipélago dos Bijagós, pertencente à Guiné-Bissau. A mostra procura, ainda, revelar a aproximação das raízes afro-brasileiras.

ONDE: Museu Afro-Brasil. Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega. Parque Ibirapuera. Portão 10. **QUANDO:** de terça-feira a domingo, das 10h às 17h. Exposição prorrogada por prazo indeterminado. **ENTRADA GRATUITA.** **INFORMAÇÕES:** (11) 5579-0593 ou pelo site WWW.MUSEUAFROBRASIL.COM.BR

A INFLUÊNCIA DA ANGÚSTIA

No CenaSenac a Exposição "A Influência da Angústia", mostra organizada pela fotógrafa Lenise Pinheiro, que reúne doze painéis de diretores/atores consagrados dos palcos brasileiros e de seus discípulos, em encontros que visam provocar uma reflexão sobre a importância dos mestres na formação das novas gerações.

ONDE: CenaSenac (Biblioteca do Centro Universitário Senac – Campus Santo Amaro – Av. Eng. Eusébio Stevaux, 823 – Santo Amaro – SP). **QUANDO:** até 15 de dezembro. Segunda a sexta-feira, das 7 às 22 h, e aos sábados, das 8 às 17 h. **QUANTO:** gratuito **INFORMAÇÕES:** (11) 5682-7300

TEATRO

"SACRIFÍCIO"

Com direção de Cibele Forjaz e adaptação de Fernando Bonassi, a peça "Sacrifício", baseada na obra Romeu e Julieta, de William Shakespeare, penetra do universo da violência por meio de uma história de amor e morte.

ONDE: Mezanino do Centro Cultural FIESP. Avenida Paulista, 1313. **QUANDO:** até 14 de dezembro de 2008. De quarta a sábado, às 20h30min e domingos, às 19h30min. Entrada gratuita. **INFORMAÇÕES:** 3146-7405



ZULU ARIWO

A afirmação da capoeira

Ao registrar a capoeira como patrimônio cultural, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan) deu uma enorme contribuição à história do Brasil, no que tem de mais singular na herança do povo negro. A formação da identidade cultural brasileira é construída todos os dias pela conscientização de cada cidadão, que, nesses muitos séculos, vêm protagonizando histórias em que se afirma a rica diversidade cultural na qual se formou este país. Ainda é preciso muito para romper a fronteira da intolerância. Mas ao nos defrontarmos com uma ação política dessa envergadura, só temos a comemorar.

O reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural aproxima o Brasil, segundo disse Juca Ferreira, secretário-executivo do Ministério da Cultura, do ideal da democracia racial. Isso leva em conta o resgate e a valorização das raízes africanas na cultura brasileira, conduzida pela Fundação Cultural Palmares, que, desde sua criação, há vinte anos, destaca-se pela produção e divulgação dos saberes culturais afro-brasileiros. O registro da capoeira como bem imaterial é apenas uma das muitas batalhas em que se envolveu a Fundação Palmares nesse processo permanente de assegurar as condições de igualdade ao proporcionar visibilidade às manifestações culturais da comunidade negra. De origem remota e controversa, é verdade que a capoeira é brasileira. Foi aqui que fincou suas raízes e criou mitos e lendas, como a que envolve o mestre Besouro e tantos outros, na afirmação da resistência contra a opressão. A capoeira, hoje, é parte do cenário urbano. Perseguida por quase trezentos anos, era praticada às escondidas. Marginalizada, era jogo que se jogava por alguns corajosos. Era apenas uma tradição dos negros.

Herança deixada pelos negros bantos, vindos de Angola como escravos, foi cultivada e praticada por escravos fugitivos que, ameaçados de recaptura, defendiam-se, usando a técnica. Para não levantar suspeitas, os movimentos da luta foram adaptados às cantorias africanas para que parecessem uma dança.

A proposta de registro foi aprovada por aclamação pelos conselheiros do Iphan, que souberam reconhecer o valor dessa arte, que chegou a ser criminalizada e, hoje, é símbolo da identidade afro-brasileira. Foi mestre Pastinha

que enfatizou o lado lúdico e artístico da capoeira, destacando os treinos de cantos e toques de instrumentos. Como o era para ele, também é para nós: a capoeira é um esporte, uma luta, mas também uma reza, lamento, brincadeira, dança, vadiagem e um momento de comunhão.

A benção Mário de Andrade que inspirou Aloísio Magalhães, à frente do Iphan na década de 1980, que concluiu, assim como o escritor, que o conceito de bem cultural no Brasil não deveria ficar restrito aos bens móveis e imóveis. Para Magalhães, é a partir do fazer popular “que se afere o potencial, se reconhece a vocação e se descobrem os valores mais autênticos de uma nacionalidade”. Hoje, o nosso olhar se volta para os mestres da capoeira, para as baianas do acarajé, para o samba de roda do Recôncavo Baiano, para a Feira de Caruaru, para os pés dos pernambucanos dançando o frevo, para a delícia do queijo de Minas e tantos outros fazeres populares, já tornados patrimônios culturais, que fazem essa rica nação brasileira.

A cultura brasileira não ficou mais rica do que já é. Eis o desafio: valorizar esses saberes e dar-lhes a dimensão exata do que é. Não é o exótico, nem a folclorização. Não é o que o turista estrangeiro vem ver. Mas reavivar esses saberes como manifestos de resistência contra a violência das desigualdades, que ainda mancham a nossa história. É a ação que vence a resistência dos que não querem conviver com as transformações que o país exhibe em toda a sua pujança. Graças a essa vitalidade e resistência de um povo destemido é que o futuro se apresenta melhor.

O Brasil está mais alegre ao som dos berimbau, que soam nas praças, nas rodas de capoeira, no bailado dos corpos negros. É a estética da resistência. É o mostrar-se ao mundo, com dignidade. É o saber cultural de um povo forjado na luta que está inscrito para sempre na história da identidade brasileira.

A benção mestre Pastinha, mestre Bimba, mestre João Pequeno...

ZULU ARAÚJO, presidente da Fundação Cultural Palmares.

A capoeira é nossa

COMO JOGO ELA ENVOLVE QUATRO PRINCÍPIOS.

SE DANÇA ELA É UMA EXPRESSÃO CORPORAL QUE ENVOLVE A GINÁSTICA E COMO LUTA ELA É MUITO PERIGOSA.

Muitas pessoas não sabem, mas a capoeira é totalmente brasileira, é fruto de uma mistura de origens que envolvem os africanos, os portugueses e até mesmo os índios. Mas, a capoeira é um patrimônio nosso. E, no dia 15 de julho, a capoeira foi registrada como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan), afirmando assim o resgate de uma herança que nasceu em berço brasileiro.

O documento mais antigo no que se refere à capoeira data de 1770. Nele consta que os movimentos surgiram a partir dos golpes peculiares de luta do tenente português Antonio Moreira, que foram imitados pelos escravos africanos e nomeados por uma palavra indígena que significa mato: "capoeira". E foi assim que os gestos, balanços e golpes foram inclusos na arte do jogo que conhecemos hoje e incluídos, aqui no Brasil, dois instrumentos: o berimbau e o atabaque que pertenciam às tribos inimigas do continente africano.



ENCONTRO DE MESTRES E PROFESSORES DE CAPOEIRA EM APRESENTAÇÃO NA ZUMBI (ARQUIVO)

JOGO, DANÇA, LUTA...

Mas, afinal, o que é a capoeira? Um jogo? Uma dança? Uma ginástica ou uma luta?...

O presidente da Federação Internacional de Capoeira (FICA), Sergio Luiz de Souza Vieira, explica que a capoeira pode ser tudo isso, em momentos distintos. "Como jogo, envolve quatro princípios: a competição, a aventura, a fantasia e a vertigem; como dança é uma expressão corporal que envolve a ginástica e, sendo luta, é muito perigosa. Na luta são finalizados os golpes do jogo, onde a capoeira se mal utilizada pode ser mal vista", diz. Esse cuidado em relação ao jogo virar uma luta surge da discriminação pela arte.

Durante a monarquia quando os escravos foram libertados, apesar de toda a contradição envolvendo a abolição, eles eram "agradecidos" aos monarcas. Porém, aqueles que perderam dinheiro com a abolição insistiram em perseguir os ex-escravos (capoeiristas). No período republicano, os capoeiristas foram presos e exilados na ilha de Fernando de Noronha.



Desde então, a capoeira foi vista com maus olhos sendo considerada um crime pelo Código Penal, e não podendo ser praticada por 50 anos (de 1890 até 1941).

CORPO E MENTE

O jogo em si é um aliado fundamental do corpo e da mente. Adriano Chediak, coordenador do Centro de Capoeira da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, defende o jogo por considerá-lo uma prática que leva a pessoa ao equilíbrio. “O diálogo corporal, a improvisação, a inteligência do corpo, a necessidade de agir, assim como as noções de espaço, tempo, ritmo, música, e compreensão da filosofia de jogo são princípios fundamentais ensinados dentro da Capoeira. Seus movimentos mexem com todos os músculos, sendo muito bom para o corpo. Sob o ponto de vista emocional desenvolve a criatividade e o autocontrole”, define.

Passados 15 anos, hoje, a capoeira conta com 101 nomes

de movimentos oficializados. Um deles, o martelo imita o movimento que faz o instrumento. Outros nomes foram incorporados para designar o molejo como mandinga, que significa malícia.

Para aqueles que desejam ir além da prática cotidiana e atingir o título de mestre, graduação máxima de um capoeirista, terá que suar a camisa. Para isso, são necessários 22 anos na prática, no mínimo, e ter idade mínima de 35 anos. Para ser um docente, cinco anos bastam. O título de mestre é reconhecido pela comunidade (mestres mais antigos) e a graduação passa pela comprovação de competência avaliada pelo Conselho Superior de Mestres.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

No dia 15 de julho de 2008, a capoeira foi registrada como patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN. O processo que estava arquivado desde 2004 foi reaberto em 2006 pelo Ministério da Cultura e em cima da tese de doutorado “Da Capoeira como Patrimônio Material e Cultural”, apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), pelo mestre e presidente da FICA, Sérgio Luiz de Souza Vieira.

Para Sérgio esta vitória além de ser uma conquista pessoal foi um bem para o Brasil, “a Capoeira já foi muito recriminada e perseguida. Na década de 70 quando começou a ser exportada, as pessoas começaram a reconhecer o seu real valor e considerá-la um bem, merecidamente reconhecida neste ano como Patrimônio Histórico Cultural”, conclui.



PRESIDENTE DA FICA, SÉRGIO LUIZ DE SOUZA VIEIRA (ARQUIVO PESSOAL)



A Imprensa Negra surge no início do século XX



No início do século XX, período pós-abolição, em busca de relatar fatos cotidianos da comunidade negra de São Paulo, como as festas, concursos de beleza, bailes, entre outras situações, surgiram os jornais da Imprensa Negra paulista. Tal fato vinha da reafirmação e da busca pela identidade cultural do negro e dos afrodescendentes de São Paulo.

Esses periódicos vieram com o intuito pedagógico de instruir a população a se conscientizar de situações como as que envolviam o preconceito racial, visando uma forma de manifestar o sentimento da população negra na época. Certamente, esses jornais serviram como instrumento principal para a integração do grupo afrodescendente no período da República. Junto com o caráter de protesto, alguns desses jornais ampliaram seus objetivos reforçando a importância de educação e o combate ao analfabetismo, juntamente com a crítica a comportamentos, como por exemplo, a preguiça, que era associado ao negro, de forma

pejorativa e preconceituosa. Era uma luta árdua em busca de um espaço na sociedade.

Uma das coisas que dificultava o acesso do negro as informações contidas nesses jornais era o fator financeiro, mas em algumas situações, as publicações eram distribuídas gratuitamente, como era o caso de O Clarim da Alvorada.

Nesses jornais, artigos abordavam as trajetórias e histórias de algumas pessoas e reafirmavam o nacionalismo, lembrando a importância que os negros tiveram na construção do País. Segundo o estudo “A Imprensa Ne-

gra em São Paulo” de Clóvis Moura, historiador, reeditado pela Imprensa Oficial em 2002, o surgimento se deu com o jornal “O Menelick”, 1915 seguido dos seguintes periódicos: A Rua e O Xauter, 1916; O Alfinete, 1918; O Bandeirante, 1919; A Liberdade, 1919; A Sentinela, 1920; O Kosmos, 1922; O Getulino, 1923; O Clarim da Alvorada e Elite, 1924; Auriverde, O Patrocinio e O Progresso, 1928; Chibata, 1932; A Evolução e A Voz da Raça, 1933; O Clarim, O Estímulo, A Raça e Tribuna Negra, 1935; A

Alvorada, 1936; Senzala, 1946; Mundo Novo, 1950; O Novo Horizonte, 1954; Notícias de Ébano, 1957; O Mutirão, 1958; Hifen e Niger, 1960; Nosso Jornal, 1961 e Correio d’Ébano, 1963.

A seguir, trecho do estudo de Clóvis Moura, “Durante todo o tempo em que a Imprensa Negra circulou, através de jornais de pequena tiragem e duração precária, as atividades da comunidade negra de São Paulo ali se refletiam. Dando-nos, por isso, esses jornais, um painel ideológico do universo do negro. Nela se encontram estilos de comportamento, anseios, reivindicações e protestos dos negros

paulistas. É uma trajetória longa, dolorosa muitas vezes, e desses jornais que, praticamente, não tinham recursos para se manter durante muito tempo, mas sempre exprimindo, de uma forma ou de outra, o universo da comunidade. Lá estão as festas, aniversários, acontecimentos sociais: lá está o intelectual negro fazendo poesias; lá estão os protestos contra o preconceito de cor e marginalização do negro.” Trecho extraído do estudo “A Imprensa Negra em São Paulo”, Clóvis Moura. Edição Fac-Similar, 2002. Imprensa Oficial.

“JUNTO COM O CARÁTER DE PROTESTO, ALGUNS DESSES JORNAIS AMPLIARAM SEUS OBJETIVOS REFORÇANDO A IMPORTÂNCIA DE EDUCAÇÃO E O COMBATE AO ANALFABETISMO, JUNTAMENTE COM A CRÍTICA A COMPORTAMENTOS, COMO POR EXEMPLO, A PREGUIÇA, QUE ERA ASSOCIADO AO NEGRO, DE FORMA PEJORATIVA E PRECONCEITUOSA”

Eu canto...



POR: ELIANE ALMEIDA

...aos Palmares

Zumbi. Há quem diga que Zumbi quer dizer morto vivo. Há quem diga que significa Deus da Guerra. Existem historiadores que acreditam na origem da palavra do angolano N'Zambiapongo, N'Zambi e N'Zumbi, todas significando Deus.

Mas no Brasil, Zumbi é nome de guerreiro, de lutador, sinônimo de liberdade. Dia 20 de novembro, dia do assassinato de Zumbi, foi transformado em Dia Nacional da Consciência Negra pelo Movimento Negro Unificado, em 1978. Zumbi foi o mais importante líder do Quilombo de Palmares. Fundado em 1597 por cerca de 40 escravos revoltos vindos de engenhos pernambucanos, localizava-se na Serra da Barriga entre os estados de Alagoas e Pernambuco. Nos seus tempos áureos chegou a ser formado por vários mocambos e povoado por negros escravos, índios, brancos degredados, excluídos da sociedade.

Zumbi nasceu em Palmares e fora raptado ainda bebê. Entregue ao padre Antônio Melo como presente, foi criado como filho e batizado Francisco. O menino cresceu forte e inteligente aprendeu a ler e escrever. Estudou latim e fez estudos bíblicos tornando-se coroinha. Aos 15 anos, revoltado com a situação dos seus irmãos de cor, resolveu voltar a Palmares. Lançou-se na aventura de uma caminhada de cerca de 100 km. Lá chegando, foi recebido por uma família que o chamou Zumbi.

A República Palmarina era comandada por Ganga Zumba, tio de Zumbi. Com a invasão holandesa, em 1630, os senhores de engenho ficaram temerosos e vários abandonaram suas terras deixando para trás seus escravos. Estes, vendo-se livres, refugiavam-se no quilombo. Em pouco tempo, Palmares era mais populoso que a vila. Estimase que a população de Palmares tenha chegado a 30 mil pessoas.

Palmares passou a incomodar muito os invasores holandeses. Incomodavam também os senhores e o medo crescia. Para se livrarem do quilombo uniram-se habitantes, holandeses e senhores e resolveram contratar Domingos Jorge Velho, o Bandeirante, para acabar com a fortaleza. Durante cinco anos Jorge Velho atacou Palmares sem sucesso. Até que em 20 de novembro de 1695, Zumbi é assassinado. O rei dos quilombolas teve sua cabeça cortada e exposta em praça pública até se decompor totalmente. A luta de Zumbi não se perdeu no tempo. Sua morte serviu, e ainda serve como exemplo de luta. A indignação pela situação do negro em terras brasileiras se reflete nas ações de entidades do Movimento Negro que vêm de há muito tempo reivindicando melhores condições de vida ao povo negro. Em 1995, para homenagear o líder negro, acontece, em Brasília a primeira Marcha Zumbi, que reuniu cerca de 30 mil pessoas de todo o Brasil. Foi o chamamento do povo negro para uma ação efetiva.

CONSTRUINDO O "DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA"

Tal qual Zumbi ao deixar o abrigo do padre para voltar às suas origens em Palmares, fez o negro brasileiro organizando-se em busca de um auto-reconhecimento em sua cultura. Mirando-se no exemplo do negro norte-americano que partia do princípio que a cor da pele era motivo de orgulho e sabedores de suas origens africanas, o negro brasileiro só tinha em sua memória a vergonha da escravidão e as manifestações culturais por ele cultivadas. De acordo com Ivair Santos, em sua obra "O Movimento Negro e o Estado" (2006), "é preciso reconhecer que, mesmo na ausência forçada de uma comunidade negra organizada, existia um sentimento [...] de identidade negra".

BARRA DO BRUMADO (REGIÃO DE QUILOMBOLA)

Ele diz ainda que esse sentimento criou algumas alternativas como a expansão das organizações que se mantiveram apesar da abolição, como as irmandades religiosas negras, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos que oferecia aos seus membros tratamento de saúde, empréstimos e pensões. Outras, formadas por negros muito pobres, reuniam-se para ouvir música, dançar e conversar.

A década de 1920 foi decisiva para o posicionamento do povo negro. Mantidos à força fora das discussões políticas do País, resolveu-se criar muitas associações recreativas e uma imprensa negra ativa, que produzia jornais que circulavam em São Paulo e interior.

Essa imprensa foi diversas vezes reprimida e perseguida. Mas a vontade de mudança era maior. No Estado Novo, período entre 1945 e 1963, o Movimento Negro foi desarticulado, mas não morto. Alguns intelectuais negros organizaram um manifesto, em 11 de novembro de 1945, para a Convenção Nacional do Negro exigindo a efetivação dos direitos do negro como cidadãos brasileiros.

Buscando os exemplos do passado, o Movimento Negro muda de estratégia e usa o direito à educação como mote. Em 1950, Abdias do Nascimento, na Convenção Nacional do Negro, onde atuou como presidente reivindicou, entre outras coisas, uma legislação antidiscriminatória. Após rejeição sem argumentos em 1950, em 1951, o congresso aprovou a lei representada pelo deputado Afonso Arinos. Ainda na década de 1950, a realidade do negro passa a ser observada por pesquisadores e sociólogos. Foi graças a uma iniciativa da UNESCO que figuras como Roger Bastide, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Virgínia Leone, Octávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, entre outros, realizam trabalhos que se tornam referências para a sociologia brasileira. Resultado da pesquisa: brasileiro tem preconceito de ter preconceito. Não se nega a existência do racismo, mas não se assume a postura racista.

Tanto 13 de maio, data da Abolição da Escravatura, quanto o dia 20 de novembro, dia do assassinato de Zumbi dos Palmares, passaram a constar na agenda do movimento negro como datas de reflexão e protesto. Diferente do 20 de novembro, o 13 de maio perdeu força em nossa sociedade devido a memória histórica vencedora: a que atribuiu a abolição à atitude exclusiva da princesa Isabel, aparentemente paternalista e generosa. Pesquisas recentes têm recuperado a atuação de escravos, libertos, intelectuais e jornalistas negros e mestiços para o 13 de maio, mostrando como este não se resumiu a um decreto, uma lei ou

uma dádiva. Esses estudos também têm resgatado o significado da data para milhares de escravos e descendentes, que festejaram na ocasião.

Há 37 anos, o poeta gaúcho Oliveira Silveira sugeria ao seu grupo que o 20 de novembro fosse comemorado como o "Dia Nacional da Consciência Negra", pois era mais significativo para a comunidade negra brasileira do que o 13 de maio. "Treze de maio traição, liberdade sem asas e fome sem pão", assim definia Silveira o "Dia da Abolição da Escravatura" em um de seus poemas. Em 1971, o 20 de novembro foi celebrado pela primeira vez. A ideia se espalhou por outros movimentos sociais de luta contra a discriminação racial e, no final dos anos 1970, já aparecia como proposta nacional do Movimento Negro Unificado.

O ano de 1978 foi decisivo para o Movimento Negro. Desde o início do século XX, os líderes dos movimentos vêm buscando formas de trabalhar a auto-estima do negro brasileiro. Na busca pelo reconhecimento e pela valorização de sua negritude, de sua cultura e de suas origens, o negro brasileiro parte para um auto reconhecimento. Estimulado pelo movimento negro norte americano, passa a vislumbrar um mundo de uma maneira mais otimista.

Ivair Santos explica que as lutas africanas abriram, para os negros do Brasil, outra perspectiva crítica da sua existência no mundo branco. "O surgimento de elites negras nos EUA completou o quadro. Se o nacionalismo negro ia que embutido e importado dos EUA resgatava, aos brasileiros, sua dignidade de raça, o universalismo da libertação africana exportava dignidade política, permitindo aos ativistas negros redescobrir as massas populares e a universalidade da luta anti-racista".

Em 1988, no ano do centenário da Abolição da Escravatura,



BENEDITO MENEZES DA COSTA

ra, foi promulgada a nova Constituição da República Federativa do Brasil. Nela, por conta das lutas pelos direitos civis dos negros, ficou consagrado, no Título II - Dos direitos e garantias fundamentais -, Capítulo I - Dos direitos e deveres individuais e coletivos -, Artigo 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

Artigo XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.

O passo seguinte seria o das ações afirmativas, cujo modelo podia ser buscado nos EUA dos anos 1960, e, mais recentemente, no governo de Nelson Mandela, na África do Sul.

AÇÕES AFIRMATIVAS NA PAUTA NACIONAL: QUILOMBOS NO BRASIL

A nova Constituição deu visibilidade às comunidades que se pensava extintas após a abolição, as comunidades remanescentes de quilombo. Atualmente, estima-se a existência de mais de 2 mil comunidades remanescentes de quilombo. Mas, o número gira em torno de 1 mil comunidades, em dados oficiais.

Em 1988, o então senador da República Abdias do Nascimento coloca a discussão na pauta do Congresso Nacional e institui:

Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Mas, para conseguirem titular suas terras era preciso que laudos antropológicos fossem feitos e que a ascendência escrava fosse confirmada. A primeira resolução foi tomada no sentido de criar um órgão que desse conta de reconhecer essas comunidades. No estado de São Paulo o órgão criado foi o Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), no governo Mário Covas.

Antropólogos iniciaram um trabalho no Vale do Ribeira (SP). A primeira providência foi dar um novo sentido ao termo quilombo. Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino valeu-se da seguinte definição de quilombo: "toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se arhem pilões nele". De acordo com Associação Brasileira de Antropologia, hoje o significado de comunidade quilombola é explicado como "a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos e é utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material que lhe confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar específico". De acordo com informações da Fundação Cultural Palmares, atualmente, o governo está analisando processos de regularização de terras para os remanescentes dos quilombos, iniciativa que irá beneficiar 500 comunidades de 300 territórios. O governo federal pretende, até o final de 2008, beneficiar 22.650 famílias de 969 comunidades quilombolas em todo o território nacional.

EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: IMPASSE COM A SOCIEDADE

Apoiados nos resultados positivos do sistema de cotas nas universidades norte-americanas, o Movimento Negro se mobiliza no sentido de implantar tal prática nas universidades públicas nacionais. A resposta da sociedade civil é a pior possível.

O argumento utilizado pela mídia e pelos desavisados é o de que a entrada do negro na universidade pelo sistema de cotas seria "uma entrada pela porta dos fundos". Onde estaria o mérito do negro no esforço de passar no vestibular? Esse sistema não estaria privilegiando negros e deixando fora do sistema educacional superior os pobres e indígenas? Por que essa proteção com o negro?

O sistema de cotas ainda é tema controverso. A educação de nível superior é tida como mecanismo de transformação social e, portanto, algo a ser conquistado com muito esforço. O sistema de cotas surge, então, como uma das formas de reparação das desigualdades sociais criadas pela



Foto: Arquivo do Museu do Estado de São Paulo. Acervo do Museu do Estado de São Paulo.

sociedade desde os tempos coloniais.

Na verdade, o sistema de cotas já existe no Brasil em outras instâncias há bastante tempo. De acordo com o advogado e ex-Secretário de Justiça do Estado de São Paulo, Hélio Silva Júnior, no início do governo Getúlio Vargas, em 1931, o Brasil aprovava a primeira lei de cotas das Américas: a lei da nacionalização do trabalho, que vigorava até os dias atuais. Ainda de acordo com Hélio Silva, em 1968, o Congresso instituía, pela chamada Lei do Boi, cotas de 50% nas escolas de ensino médio agrícola e nas escolas superiores de Agricultura e Veterinária que fossem mantidos pela União, a agricultores e filhos destes e que residissem em áreas rurais. Também garantia 30% de cotas aos agricultores e seus filhos que residissem em áreas urbanas.

Sem contar o sistema de cotas para portadores de deficiência nos serviços público e privado, cotas para mulheres em candidaturas nos pleitos políticos, cotas de assentos nos ônibus públicos para idosos. Portanto, o sistema de cotas é uma realidade na sociedade brasileira em vários setores. Então, se ela já é uma realidade em outras vertentes, por que é tão difícil de se entender as cotas nas universidades públicas para afrodescendentes? O que acontece hoje é que o sistema educacional já determina uma cota implícita. Basta visitar as universidades públicas e observar, no universo estudantil, quantos estudantes negros frequentam tais instituições.

No Brasil, atualmente, quase 80 universidades públicas aplicam o sistema de cotas para afrodescendentes. Os resultados dos alunos cotistas vêm sendo avaliados ano a ano e são surpreendentes. Na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o sistema de cotas não foi instituído. Mas, em contrapartida, desenvolveu-se um projeto de nome "Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social" (PAAIS). De acordo com o reitor da instituição Prof. Dr.

O 20 DE NOVEMBRO

O 20 de novembro ganhou visibilidade quando o movimento negro organizado realizou em 20 de novembro de 1995, em Brasília, a primeira marcha Zumbi. O evento aconteceu para comemorar os 300 anos de imortalidade de Zumbi dos Palmares, o qual se tornou mais forte depois de sua morte.

Em 20 de novembro de 1996, Zumbi é reconhecido como herói nacional pela lei federal nº 9.135, e inscrito no livro de aço do Panteão da Pátria e da Democracia, em 24 de março de 1997. No Brasil, atualmente, cerca de 295 cidades em 12 estados têm a data como feriado municipal quando acontecem diversas manifestações de cunho cultural e reivindicatório.

José Tadeu Jorge, ao ver os resultados, percebe-se que estão no caminho correto. "Quando iniciamos este trabalho, em 2004, tínhamos 9% de autodeclarados pretos, pardos ou indígenas e hoje esse percentual cresceu significativamente". O reitor destaca, também, que os beneficiados do programa apresentam melhora considerável no desempenho acadêmico em relação ao vestibular. "Potencialmente, é preciso uma chance para ingressarem numa universidade", afirma.

"O resultado, sob qualquer ângulo, é ele exatamente contrário ao que os que eram contra as cotas diziam", diz Humberto Adami, presidente do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA). De acordo com Adami, o medo daqueles que são contra as cotas e diziam que o nível nas universidades baixaria, que estavam importando comportamento dos negros norte-americanos, hoje, já não tem mais sentido. "Tanto na universidade pública quanto na privada a cor mudou. As estatísticas mudaram. E os que são contra cotas não apresentam nenhuma outra solução. É a vitória do povo negro", conclui.



DANÇA DOS NEGROS - ALCOANTARA (MA)

Luiza Mahin

Princesa, Escrava e Revolucionária

Ela era uma princesa. E como tal foi criada, merecendo o respeito e a reverência que merecem as princesas. Vivia na floresta, sob o sol que banha o continente africano, continente que é berço da raça humana neste planeta.

Sua nação, nagô-jeje. Sua tribo, Mahin.

Um dia vieram os caçadores brancos. E submeteram homens, mulheres e crianças da tribo. Foram embarcados num porão de navio e, por meses, mal souberam da luz do sol.

Por fim, um dia, chegaram ao outro lado do mundo.

Foram vendidos, um a um. Muitas famílias separadas.

E ela foi servir às damas brancas na casa grande de uma fazenda. A princesa virara serva. Testemunhava o sofrimento dos seus companheiros.

Um dia, ela fugiu. Corria o ano de 1812 quando chegou à capital, Salvador, Bahia. Um negro alforriado deu-lhes roupas limpas e papéis falsos. Assim, a princesa passou a ser Luisa, e na falta de um sobrenome, adotou Mahin, o nome de sua tribo na África.

Na fazenda, Luisa aprendera a fazer os melhores quitutes da culinária da terra. E, assim, ainda sob o abrigo dos fugitivos, começou a fazer os mais deliciosos petiscos. Foi fazendo dinheiro suficiente para instalar-se numa casa só dela, que dividia com outros negros libertos.

A casa de Luisa tornou-se o grande centro de todas as rebeliões de escravos que aconteciam em Salvador.

A princesa, de serva, tornara-se revolucionária.

No final do século anterior a nação africana onde Luisa nascera, no Golfo de Benin, noroeste da África, fora dominada por muçulmanos e os povos nativos malês, por isso, falavam árabe. Havia muitos malês em Salvador no tempo de Luisa.

Agora, a princesa tinha uma equipe de moleques que entregavam os quitutes que as senhoras da alta burguesia encomendavam. No meio dos tabuleiros de guloseimas, levavam também bilhetinhos em árabe, onde se traçavam os planos para mais uma revolta.

Na madrugada de 24 para 25 de janeiro de 1835, aconte-

ceu a rebelião que passou para a história como A Revolta dos Malês. A data fora escolhida com precisão. Além de ser o dia em que se encerrava o Ramadã, o jejum dos muçulmanos, era também a celebração de Nossa Senhora da Guia, no bairro do Bonfim. E todas as atenções estavam voltadas para a comemoração religiosa.

Na liderança da revolta, Luisa.

Naquela noite Salvador foi completamente dominada pelos negros escravos. Mas os revoltosos haviam sido traídos. Os senhores brancos, informados dos planos do levante, estavam preparados para reprimir a rebelião: foram 70 mortos e mais de 500 presos.

Luisa fugiu para o Rio de Janeiro. Em 1838 foi presa e desapareceu. Ninguém sabe se foi morta, deportada ou se simplesmente conseguira escapar novamente para ir viver num quilombo.

Mas pelo menos um de seus seguidores passou para a História: seu filho Luís Gama, poeta e abolicionista, nasceu em 1830. Quando Luisa fugiu de Salvador, entregou o filho ao pai, um português. O menino era louco por navios e, um dia, o pai o levou ao cais para conhecer de perto uma embarcação.

Quando Luís se deu conta, o pai tinha sumido, soube que havia sido vendido como escravo. Em 1847 conheceu Antonio Rodrigues do Prado Jr., um estudante de Direito que o ensinou a ler e a escrever. Depois, já liberto, saiu em busca da mãe, sem nunca tê-la encontrado.

Luís morreu em 1882, sem ver, portanto, a vitória da sua luta e da luta de sua mãe, pois a abolição da escravatura no Brasil aconteceu em 1888, quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, a 13 de maio.

Luisa Mahin, por iniciativa do Coletivo de Mulheres Negras, virou nome de praça pública, em São Paulo, em 1985.

ISABEL VASCONCELLOS CAETANO, produtora e apresentadora de TV e escritora, com 6 livros publicados. www.isabelvasconcellos.com.br

ORIGENS DO VINTE DE NOVEMBRO 20

Foram necessários 35 anos! É evidente há um relativismo nessa afirmação e... exclamação. São 35 anos do que se pode chamar de período contemporâneo da resistência e das lutas negras no Brasil, quando já denominadas Movimento Negro - período contado a partir de 1971. Esse foi um ano de marcador através da primeira celebração nacional do Vinte de Novembro.

Novos tempos se iniciam desdobrando-se em três fases: 1971-78 - a virada histórica; 1978-88 - organização, ações políticas, protestos, posicionamento estratégico... e de 1988 em diante - as conquistas mais concretas e palpáveis: presença na Constituição, espaços públicos desde Fundação Cultural Palmares à Seppir, reparações via ações afirmativas (cotas, reserva de vagas, programas e áreas como saúde e educação, bolsas de estudos como as do Instituto Rio Branco), territorialidade negra, etc.

Foram necessários 35 anos de ação continuada para chegar a algum retorno significativo - muito significativo, aliás - ou para encaminhar outros, dando sequência ao trabalho resistente de gerações e gerações negras ao longo de cinco séculos. Mas, desde 35 anos com o Vinte de Novembro, ficamos apenas com as origens.

DAQUELE TREZE A ESTE VINTE

A evocação do dia vinte de novembro como data negra foi lançada nacionalmente em 1971 pelo grupo Palmares, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O Treze de Maio não satisfazia, não havia por que comemorá-lo. A abolição só havia abolido no papel, ali não determinara medidas con-

cretas, práticas, palpáveis a favor do negro. E sem o Treze era preciso buscar outras datas, era preciso retomar a história do Brasil. Nas conversas, a República, o Reino, o Estado, o Quilombo dos Palmares (Angola Janga) foi o que logo despontou na vista dos olhos sobre os fatos históricos.

A denominação Grupo Palmares nasceu do conjunto de participantes devido as considerações de que Palmares parecia ser a passagem mais marcante da história do negro no Brasilão representar quase um século de luta e liberdade conquistada e sendo também um contraponto à "liberdade" doada no dia 13 de maio de 1888, etc. Sugeriu-se a adoção e evocação do dia 20 de novembro, morte heróica de Zumbi e final de Palmares, justificando:

- não se sabia dia e mês em que começaram as fugas para os Palmares (lá por 1595);
- não havia data do nascimento de Zumbi ou outras do tipo marco inicial;
- Tiradentes também era homenageado na data de morte, 21 de abril;
- A homenagem a Palmares em 20 de novembro foi incluída no grupo na programação elaborada para aquele ano e foi procedida por duas outras - a Luiz Gama em setembro e a José do Patrocínio em outubro.

VIRADA HISTÓRICA E CONSTRUÇÃO

Uma cronologia pode demonstrar o esforço continuado, marcando o Vinte de Novembro, ano a ano até a sua total implantação no país.

1971 - Primeiro ato evocativo do Vinte de Novembro, a homenagem a Palmares em 20/11 no clube Náutico Marcílio Dias.

1972 - Sete páginas dedicadas a Palmares na revista ZH o jornal Zero Hora em 19/11. Histórico de Palmares, depoimento do grupo, redigido por Helena Vitória dos Santos Machado, poema de Solano Trindade com ilustração de Trindade Leal. Material organizado e redigido pelo componente Oliveira e Editado por Juarez Fonseca, do Zero Hora.

1973 - de 6 a 20/11, exposição "trêspintoresnegros" (Magliani J. Altair Paulo Chimendes), palestra de Décio Freitas e o espetáculo "Do carnaval ao quilombo" (música e texto).

1974 - Divulgação de manifesto através do jornal do Brasil, em matéria assinada por Alexandre Garcia (repórter também na entrevista de 13/5/73).

1975 - Encontro do grupo Palmares e grupo Afro-Sul, de música e dança, no Clube de Cultura, associação judaica.

1976 - Lançamento do livreto "Mini-história do negro brasileiro", na sociedade negra Nós os Democratas. Da tentativa de reformulação surgiu posteriormente "História do negro brasileiro: uma síntese". Nesse ano em novembro, semanas do negro em Campinas-SP com o grupo Teatro Evolução e em São Paulo com o Cegan e o Cebac. No Rio de Janeiro, conferir ações do IPCN, por exemplo, entidade nova já atenta ao Vinte de Novembro.

1977 - Ato de Associação Satélite-Prontidão, sociedade negra, com exposição da minibiblioteca do Grupo Palmares e a presença do escritor negro paulista Oswaldo de Camargo, convidado especial.

Além de assinalar o Vinte de Novembro, o Grupo Palmares realizou outras atividades. Motivado pelo exemplo de Porto Alegre foi criado em 4/8/1974 em Rosário do Sul - RS, o grupo Unionista Palmares, depois Grupo Palmares de Rosário do Sul.

A primeira fase do Grupo Palmares de Porto Alegre, encerrou em 3 de agosto de 1978. Viriam outras duas, mais adiante. Mas o Vinte de Novembro já estava implantado no país, já estava estabelecida a virada histórica e construído ao longo de sete anos um novo referencial para o povo negro e sua luta.

E o Vinte de Novembro logo receberia a adesão importante do MNUCDR com a denominação Dia Nacional da Consciência Negra. Receberia na figura do rei e herói o Fes-

tival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu), para cidades do Estado de São Paulo. E estava, através da imagem de Zumbi explicitamente, como data negra, no Grupo Tição (1977-1980), de Porto Alegre, em sua revista nº 1, de março de 1978; na seção afro-latino-América do jornal ou revista Versus em outubro de 1978, São Paulo; na literatura negra, em "Cadernos Negros" nº 1, São Paulo, o primeiro de uma grande série e com versos de Cuti, Eduardo de Oliveira e Jamu Minkafalando em Zumbi, em Ele Semong e José Carlos Limeira juntos em "O arco-íris negro", no Rio em 1978, ou em Abelardo Rodrigues de "Memória da noite", no mesmo ano em São Paulo. O Vinte de Novembro e seu espírito já estavam muito bem incorporados à vida e à luta.

O ESPÍRITO DO VINTE

O grupo Palmares primou sempre por um detalhe: ser formado exclusivamente por negros.

O Grupo Palmares sempre valorizou e destacou Zumbi como herói nacional que é, mas preferiu sempre centrar a evocação no coletivo: 20 de novembro - Palmares, o momento maior (slogan em cartaz e convite em 1973).

O espírito do Vinte é negro, popular e se aninha junto à família negra: homem negro, mulher negra, criança negra. Continuidade étnico-racial com identidade cultural negra e poder político. Conjugadamente. Uma fórmula, três princípios. No espírito do Vinte. Ou raça, cultura, poder - em três palavras.

Surgindo numa época em que eram internacionais as influências - da negritude antilhano-africana, das independências na África, do socialismo europeu e dos movimentos negros estadunidenses - o Vinte de Novembro, com todo seu potencial aglutinador, era e continua sendo motivação bem nacional. Afro-brasileira. Negra. Modelar, inspirando adoção de organismos similares em outros países com peculiaridade local e criatividade própria de cada um deles. Mais: conduzindo internamente um processo importante, necessário e, por vocação, irreversível. Sinal de que a luta valeu e vale a pena. Sinal de que negros e negras, com adesão de aliados e aliadas construímos e vivemos sim tempos novos e promissores no Brasil.

OLIVEIRA SILVEIRA, professor e poeta. Integrante do Conselho Nacional de Promoção à Igualdade Racial (2004-2007). Formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em Língua Francesa, um dos responsáveis pela escolha do 20 de Novembro como Dia da Consciência Negra, data comemorada pela primeira vez em 20 de Novembro de 1971, em Porto Alegre.

A DÍVIDA DA ESCRAVIDÃO

A ideia abolicionista surgiu no fim do século XVIII, e seus marcos iniciais foram o alvará de abolição gradual em Portugal de d. José I (leia-se de Pombal), de 1773, o *Pennsylvania Gradual Abolition Act*, de 1780, e as proibições do tráfico pela Dinamarca em 1792 e pela Inglaterra em 1807/8. A emancipação nas regiões escravistas começou 40 anos depois da revolução francesa e se concretizou em menos de sessenta anos.

No Brasil a discussão não fez parte do sonho mineiro, só começou com Antônio Carlos na revolução pernambucana de 1817. José Bonifácio pensava que o equacionamento da liberdade dos negros com sua integração completa à sociedade era uma preliminar da definição do Estado brasileiro. Era tempo de começar a “expição de nossos crimes e pecados velhos”. E insistia: educação, amparo à maternidade e à velhice, integração econômica e social têm que acompanhar a extinção do tráfico e a libertação. “Sem a emancipação dos atuais cativos nunca o Brasil firmará sua independência nacional e segurará e defenderá a sua liberal constituição. Sem liberdade individual não pode haver civilização, nem sólida riqueza; não pode haver moralidade e justiça, e sem estas filhas do Céu, não há nem pode haver brio, força e poder entre as nações.”

Sob a pressão inglesa, fizemos a lei de 7 de novembro de 1831 (Barbacena), proibindo o tráfico e emancipando os africanos: *Todos os escravos que entraram no território ou portos do Brasil, vindo de fora, ficam livres*. Ela devia significar a liberdade de pelo menos metade dos escravos, naquele momento, e de mais 1 milhão trazidos de 1831 a 1850. Era uma lei para inglês ver. Tão grande era a consciência da hipocrisia conveniente que nunca se mexeu na

lei de 1831, pois significaria reconhecer a existência da contradição. À desfaçatez das assembleias de Bahia e Minas que pediam a revogação da lei para não serem obrigados a violá-la todos os dias, somava-se, mais forte, o silêncio conveniente de magistrados e legisladores.

Mas nossas leis de resto deixavam um vazio jurídico que, literalmente, colocava os escravos fora da lei. Teoricamente quem vivia no Brasil ou era cidadão brasileiro – e portanto, sob a proteção da Constituição, não poderia ser escravizado – ou era estrangeiro ou apátrida – e a lei brasileira não podia alcançá-lo.

Permaneceu como caminho o processo que José Bonifácio dizia ser de “se tornar de pessoa a coisa”. Corta-se a elas todas as estruturas sociais, sejam as coletivas como as familiares. Rompem-se os traços de valor ético, político, afetivo. Não há qualquer esforço – nem sentido – para o desenvolvimento intelectual, social, moral. O senhor tem sobre o escravo um poder que não encontra fronteiras nos mais terríveis exemplos: o direito de ser senhor dos próprios filhos, o direito de prostituir, de fazer trabalhar sem descanso, de despedaçar famílias, de punir como quiser... Quebre-se a tragédia coletiva em um milhão de tragédias individuais: estenda-se a dor e a miséria pelas sucessivas gerações; declare-se que isto é normal – e teremos o lado humano, a infinita mancha que o Brasil ainda precisa resgatar. Ainda valem, hoje, as palavras de Nabuco: a questão do negro “versa sobre as aspirações, os sofrimentos, as esperanças, os direitos, as lágrimas, a morte de milhares e milhares de gentes como nós: que não é [...] uma questão abstrata, mas concreta, e concreta no que há de mais sensível e mais sagrado na personalidade humana”.

Mas a escravidão negra nunca conseguiu se tornar um tema do pensamento nacional. Era tratada com grande naturalidade, como um fato da vida. As raras vozes são exceções. Eusébio de Queirós esclarecia, a respeito do tráfico, em 1852, que a coligação dos interesses de proprietários rurais e traficantes era a força dominante da política brasileira. Força que segurava as discussões da liberdade, até mesmo no Conselho de Estado, com Nabuco de Araújo, Pimenta Bueno (a voz de Pedro II, pela emancipação gradual), Jequitinhonha, Souza Franco, Salles Torres Homem combatidos por Olinda, Paranhos, Eusébio. Força que fará com que os grandes passos sejam dados pelos conservadores, com Eusébio, Rio Branco e Ouro Preto.

Feita a abolição, os negros foram tratados como um fundo de tacho, sem importância bastante para receber uma atenção especial do Estado. A República os ignorou. Quando o pensamento brasileiro se voltou para eles, com o gênio de Gilberto Freire, constatou seu papel fundamental em nossa formação; mas demoramos para tratar do problema da integração social, do resgate de nossa dívida, do gigantesco problema humano que alienou entre os mais pobres dos mais pobres toda uma parte dos brasileiros, tornando o branqueamento necessidade fundamental da ascensão social. O negro continuou, ao longo do tempo, sendo tratado como um não humano, como coisa, sem direitos.

Há nisto um dilema que atravessa a vida brasileira, e todo o nosso desejo de progresso. Jequitinhonha já lembrava no Conselho de Estado que o edifício social assentava sobre a base estreita e pouco segura, a divisão em duas classes, a dos senhores e a dos escravos, e nossos males econômicos e sociais vêm desse vício orgânico.

Sem considerar o ser humano em sua plenitude, acima das diferenças individuais, não há civilização, não há Estado, não há nação. Eles não podem se fundar no roubo da liberdade ou na proscrição social ou econômica. A felicidade do homem é a função do Estado, seja ela representada pela superação do medo da morte, como queria Locke, seja pelo "welfare" que fez a democracia no século XX. O século XXI precisa resolver a igualdade, repor o valor do homem, superar, definiti-

vamente, a discriminação e a injustiça. O Brasil precisa resgatar os erros de seu passado para construir o seu futuro. A página mais vergonhosa da História do Brasil é a escravidão. E a mais bela é a consciência nacional que se formou, unânime, contra as injustiças cometidas com o africano. Foram demonstrações individuais e coletivas que marcam o sentimento de um povo.

JOSÉ SARNEY, senador e ex-presidente do Brasil.



Festa de entrega do "Oscar" brasileiro acontece em novembro





O Troféu Raça Negra, prêmio criado pela ONG Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, terá sua sexta edição no dia 16 de novembro, às 20 horas. O evento acontecerá na Sala São Paulo, na capital paulista, e contará com a presença de artistas e autoridades. A premiação, que acontece desde 2000, consagrou-se como o “Oscar” da comunidade negra pela importância de sua existência. Foi criado para homenagear pessoas independente de raça/etnia, e sim aqueles que contribuem para o desenvolvimento da comunidade negra brasileira. Nasceu por ocasião das festividades dos 500 anos do Descobrimento do Brasil e tem na premiação, uma oportunidade de valorizar o trabalho e esforço dessas que atuam em prol da inclusão do negro na sociedade.

Nesta edição serão premiadas autoridades como Miguel Jorge, Ministro do Desenvolvimento, Maria Helena Guimarães, Secretária da Educação do Estado de São Paulo, Ministro da Educação Fernando Haddad e o Senador José Sarney, entre outros.



EVENTOS

A Prefeitura Municipal de São Paulo está preparando uma movimentada agenda para a comemoração do mês da Consciência Negra. Toda a programação municipal pode ser encontrada no site www.cultura.sp.gov.br ou na Revista Em Cartaz que pode ser encontrada nos teatros municipais, nas bibliotecas públicas, na Galeria Olido e disponível também, em versão on line, no site da Secretaria de Cultura.

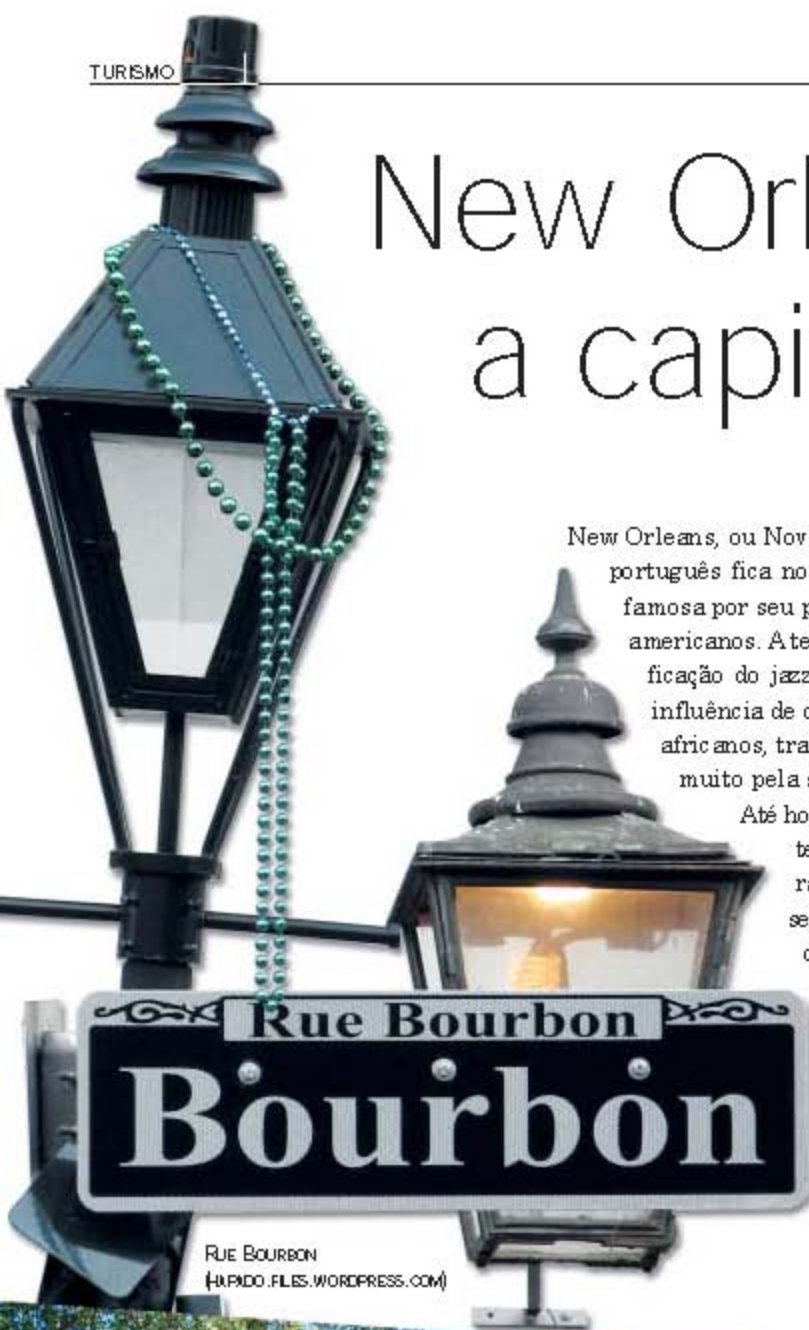
New Orleans, a capital do Jazz

New Orleans, ou Nova Orleães, como é pronunciado o nome da cidade em português fica no estado sulista da Louisiana, nos Estados Unidos, é famosa por seu povo hospitaleiro e assim chamada de "Salvador" dos americanos. A terra natal de Louis Armstrong, considerado a personificação do jazz, respira música clássica em todos os cantos e tem influência de diversos povos, como os franceses, seus fundadores, os africanos, trabalhadores dos latifúndios e os ingleses, que lutaram muito pela sua posse.

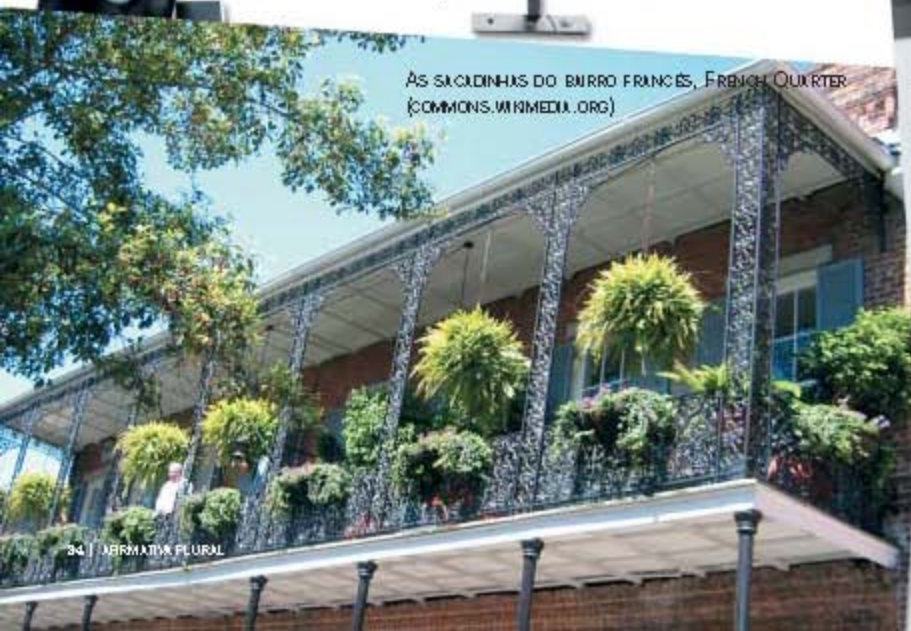
Até hoje os costumes europeus estão presentes, principalmente na culinária *cajun**. Os espanhóis também influenciaram a comida, com a cozinha *Creole**, onde adaptaram seus pratos favoritos com produtos da região. Nas águas do Rio Mississippi os turistas podem apreciar a vista e fazer passeios de barco por NOLA, nome carinhoso dado a cidade pelos orlenianos (como são chamados os americanos de lá).

O ambiente é diverso e traz aos visitantes e aos moradores a arquitetura rica do bairro francês, French Quarter (que comparando podemos dizer que é o bairro do jazz, assim como Vila Isabel é o bairro do samba no Rio de Janeiro), e o Mardi Gras

*As culinárias cajun e a creole são típicas de New Orleans, provenientes dos espanhóis e franceses



RUE BOURBON
(HUPIDO FILES.WORDPRESS.COM)



ÀS SACUDINHAS DO BAIRO FRANCÊS, FRENCH QUARTER
(COMMONS.WIKIMEDIA.ORG)



LOUIS ARMSTRONG, GRINDENOME DO
JAZZ(POR: WWW.FILMFESTDC.ORG)

(terça-feira gorda, em Francês), que é o Carnaval americano, com muitos blocos de rua e pessoas fantasiadas.

A comida bem temperada é preparada à base de frutos do mar, carne de porco, aves, patos e salsicha e em muitos restaurantes, o cliente aprecia o prato ao som do jazz. Um restaurante muito famoso do French Quarter, o Café du Monde oferece *beignets* muito bons. Esses docinhos, de origem francesa, se parecem com os nossos bolinhos de chuva e são preparados com açúcar bem fininho, tipo confeitiro. Continuando no French Quarter encontramos a fervorosa da cidade, além do jazz, a praça Jackson Square torna a entrada do quarteirão do bairro um local muito charmoso. Encontramos por ali muitos músicos, intelectuais e a vida noturna da cidade. Os prédios antigos com sacadinhas, as cartomantes e os homens-estátua também dão um charme especial para o lugar. Além da famosa Rue Bourbon, que é o coração do bairro.

A cidade musical tem como lazer os festivais, os mais famosos são: Jazz Fest, Southern Decadence e o Mardi Gras (o Carnaval já citado), que sempre acontece na terça-feira, antes da quarta-feira de cinzas. No Mardi Gras, residentes e visitantes fazem a festa e propagam uma das muitas frases faladas em francês na região: *laissez les bons temps rouler*, que significa deixe os bons tempos rolar, onde as mulheres mostram os seios em troca de colares de continhas coloridas; o roxo significa justiça, o dourado significa poder e o verde significa fé. Essa tradição vem desde o ano de 1889. Mas não é somente do turismo que vive a cidade. O centro portuário de New Orleans é o mais movimentado dos Estados Unidos e o quarto mais movimentado do mundo, fazendo com que o local seja um ponto de conexão, de che-

gada e saída de produtos da América Latina. Devido à proximidade com a Costa do Golfo, diversos são os pontos de extração de petróleo por ali, o que intensifica a produção das indústrias petrolíferas norte-americanas.

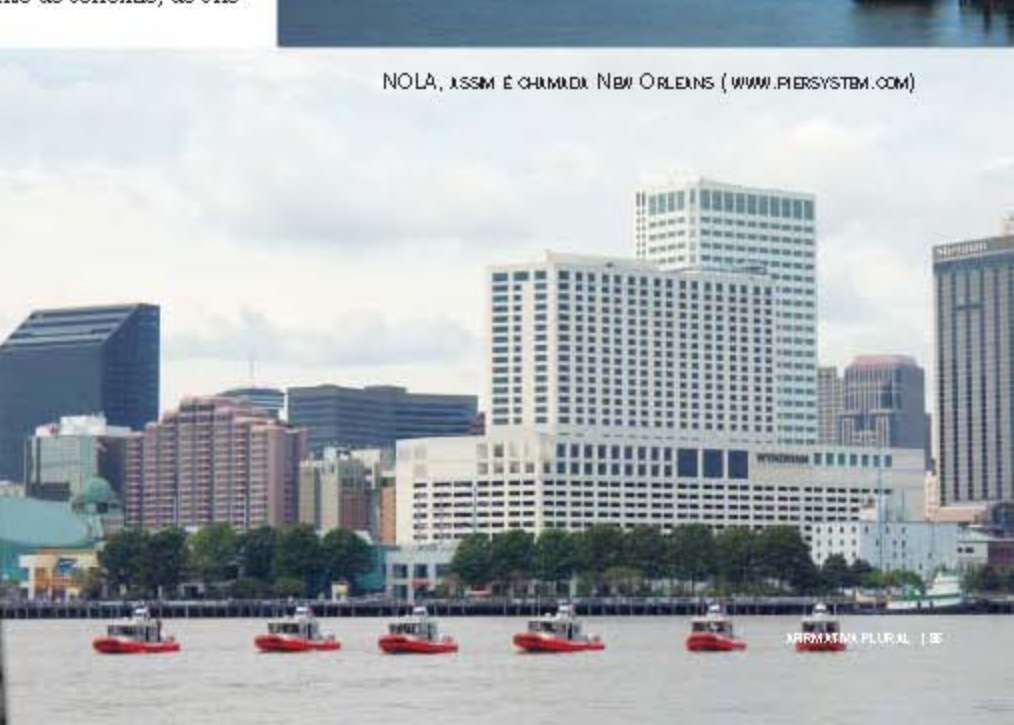
5 Curiosidade sobre New Orleans

- 1-A pronúncia do **nome da cidade** em inglês (New Orleans) é uma constante fonte de debates: você não irá errar se usar nu-ór-lins; e em alguns lugares também poderá ouvir **nóolins**.
- 2-**Cajuns** são descendentes dos imigrantes franceses que foram expulsos da Nova Scotia pelos ingleses no século XVII. Eles falam seu próprio dialeto francês.
- 3-Não siga instruções de caminhos ao pé da letra: como a cidade e as ruas de New Orleans acompanham as curvas do rio, expressões locais incluem "**riverside**" (em direção ao Mississippi), "**upriver**" (=uptown), "**downtown**" (=downtown) e "**lakeside**" (em direção ao Lago Pontchartrain).
- 4-New Orleans é um dos portos mais movimentados dos Estados Unidos e fica a 64 km do Golfo do México; o rio Mississippi teve que ser dragado para tornar-se suficientemente fundo para permitir a entrada de grandes navios.
- 5-Situada dois metros abaixo do nível do mar, New Orleans é cercada pela água: o Golfo do México (a leste), o rio Mississippi (ao sul), o lago Pontchartrain (ao norte) e a Baía de Atchafalaya (ao oeste). Inúmeros canais atravessam a área metropolitana.

VISTA DO RIO MISSISSIPPI (QUESTNER.COM)



NOLA, ASSIM É CHAMADA NEW ORLEANS (WWW.PIERSYSTEM.COM)



As praias de Maceió brilham

Maceió, capital ensolarada do estado do Alagoas é uma cidade litorânea aberta, clara, iluminada e de uma brisa inigualável. A vista dos mirantes, belíssima, se deve a bondade da natureza com o local. Enxergamos os contornos e a presença de suas lagoas: Manguaba e Mandauí (número um na produção de um marisco típico da região, o sururu), em um dos locais mais bonitos do nordeste brasileiro.

A cidade é banhada por 15 praias e estas são reconhecidas nacional e internacionalmente entre as mais belas do País, onde a cor da água do mar varia, estando ora azul, ora verde. A areia, clara e fina, ajuda a formar os arrecifes, que compõem as piscinas naturais.



PISCINA NATURAL DE PAJUÇARA

Em seus bairros, a arquitetura ainda é neoclássica e a revitalização de alguns locais pela Prefeitura de Maceió foi importante para preservação dos patrimônios culturais. Com boa infraestrutura, o turista pode caminhar tranquilamente pela orla, e desfrutar de ótimos bares e hotéis, além de apreciar o artesanato e a culinária local. O artesanato, tradição que vai além das gerações, passando de pai para filho, é rico pela cerâmica, pelos bordados, e pelas rendas (o filé, por exemplo, é um tipo de renda alagoana) que pode ser encontrado nas feirinhas de Jatiúca, Pajuçara, no Mercado do Artesanato e no Pavilhão do Artesanato, além das lojas do shopping Iguatemi e do Pontal da Barra.

Na culinária, de cores e sabores diversos, os pratos que se destacam são feitos com diversos frutos do mar como o peixe, lagosta, siri, camarões, moluscos, crustáceos, mariscos, sururu e o famoso pirão de peixe regado com a mistura suave do leite de côco e do molho de pimenta.

As frutas, saborosas e coloridíssimas, também não podem faltar. Abacaxi, jaca, pitanga, banana, pinha, caju, cajá, graviola, sapoti podem ser consumidas *in natura*, sucos, sorvetes, batidas e caipirinhas e as iguarias de origem africana e indígena, como inhame, beiju, pamonha e a tapioca podem ser degustadas à beira-mar ou em um bom restaurante, como o turista preferir.

Oito coisas para se aproveitar:

- 1- Visitar as piscinas naturais de Pajuçara e de Maragogi.
- 2- Beber uma cerveja no calçadão da Ponta Verde.
- 3- Abusar de água de côco, mais gostosa e barata do que água mineral.
- 4- Conhecer Barra de São Miguel e esticar até a Praia do Gunga.
- 5- Elogiar Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Djavan, todos ilustres filhos da terra.
- 6- Conhecer os bares e boates do bairro histórico do Jaraguá, que foi revitalizado há pouco tempo.
- 7- Dar um esbregue (bronca) se for chamado de abiscoitado (bicha).
- 8- Fazer uma refeição no povoado de pescadores de Massagueira.

Sete coisas para evitar:

- 1- Limitar-se às praias mais manjadas. O litoral norte fica ainda melhor depois do Sonho Verde, e o sul, depois do Gunga.
- 2- Aborrecer-se com chuva: ela não dura mais de 10 minutos.
- 3- A praia do Francês no final de semana é muito lotada, prefira esse roteiro na segunda-feira.
- 4- Rodar pelo centro da cidade, que vive engarrafado.
- 5- Impressionar-se com o assédio de gente pedindo esmolas.
- 6- Comprar estrelas do mar, conchas ou pedaços de coral, para não estimular o comércio predatório.
- 7- Tomar cuidado com os trechos da praia que são poluídos: Praia da Avenida, do Sobral.



ORLA DE MACEIÓ

Filhos do coração

Em todos os tempos, culturas e civilizações sempre existiram – e possivelmente sempre existirão – mulheres que, por inúmeras razões, abandonam ou entregam os seus filhos e pessoas que, por não conseguirem ter filhos biológicos ou por razões humanitárias, criam, educam, amam e reconhecem como filhos crianças cujos genes não compartilham. Embora o tema esteja mais visível recentemente pelas adoções realizadas por “famosos”, a humanidade sempre criou diversos arranjos sociais para o estabelecimento de outros tipos de dinâmicas familiares que não aquelas embasadas biologicamente.

Apesar de a adoção existir desde os primórdios dos tempos, ainda hoje há preconceitos sociais, culturais, religiosos, jurídicos e muitas pessoas repetem o estereótipo de que “filhos adotivos dão problema”. O culto aos dos “laços de sangue” é tão forte que alimenta fantasias sobre o “instinto do amor materno” e sobre a importância “da verdadeira descendência genética”. Em verdade, não devemos mitificar a essência da parentalidade biológica com a contingência da parentalidade adotiva. Os dois tipos de família têm exatamente a mesma importância e a mesma essência: os filhos por adoção são tão verdadeiros quanto os gerados biologicamente. Apesar de tudo, pesquisas científicas revelam famílias adotivas tão “normais” quanto as biológicas e algumas até muito mais especiais, ou seja, estudos recentes encontraram famílias adotivas mais comprometidas emocionalmente com seus filhos do que as não-adotivas.

Atualmente grande parte das adoções ainda é motivada por problemas de fertilidade. A visão moderna da adoção ressalta que ela não deve ser apenas um recurso para resolver problemas dos adultos, mas antes de tudo estar associada ao interesse e ao direito de toda criança de viver em família. Ainda que a motivação dos adotantes seja a resolução da infertilidade, é necessário lucidez para não se considerar a adoção simplesmente como um meio de transgredir-la: pois esta, ao contrário, evidenciará e intensificará o problema. Atualmente a adoção é compreendida como a melhor maneira para proteger e integrar uma criança em uma família substituta. Adotar é transformar uma criança em filha.

Às vezes os adotantes têm receio de não conseguirem amar ou serem amados por uma criança tão diferente. Isso é

um mito amplamente desmentido pelas pesquisas que asseguram que vínculo afetivo não depende de sangue ou de semelhança, mas de uma construção que ocorre no dia-a-dia e olhos-nos-olhos. Amor não vem gratuitamente; amor deve ser conquistado.

Mesmo entre países altamente desenvolvidos ainda existem crianças sem família, mas tal fato chega a ser chocante em regiões pouco desenvolvidas ou com distribuição de renda muito desigual como o Brasil. Há milhares de crianças sem família nesse vasto mundo, abandonadas em locais públicos ou esquecidas em instituições. No Brasil há um descaso com a questão da institucionalização de crianças, pois não há sequer dados estatísticos que informem a quantidade de crianças esquecidas – pelas famílias, pela sociedade, pelos órgãos competentes que deveriam cuidar delas – nos abrigos. Em uma das muitas visitas que fiz a instituições perguntei a Maria, 7 anos, qual seria o seu maior desejo, o maior presente que ela poderia ganhar. Maria respondeu: “Uma família”. Depois de alguns segundos, pensativa, ela completou: “Eu só queria alguém que me chamasse de filha”.



LIDIA WEBER, doutora em Psicologia Comportamental pela USP e pós-doutora em Desenvolvimento Familiar pela UnB, autora de oito livros, entre eles “Laços de Ternura: pesquisas e histórias de adoção” (Editora Juruá) e “Filhos adotivos, pais adotados” (Volvo).

A família Colombo
não pára de crescer.



A Colombo foi a primeira empresa brasileira a formalizar o sistema de cotas para afrodescendentes, oferecendo inúmeras vagas em seu quadro de funcionários. Hoje, a presença dos afrodescendentes na empresa é de 30%, mais do que o exigido pela lei. E nos orgulhamos de trabalhar para esse número continuar crescendo.


Colombo
a estilo que conquista

Terezinha Guilhermina

Medalha de Ouro nos 200m rasos atletismo / classe T11
(seu guia Chocolate) na Paraolimpíadas de Pequim 2008
deficiência cega total
16 de setembro de 2008

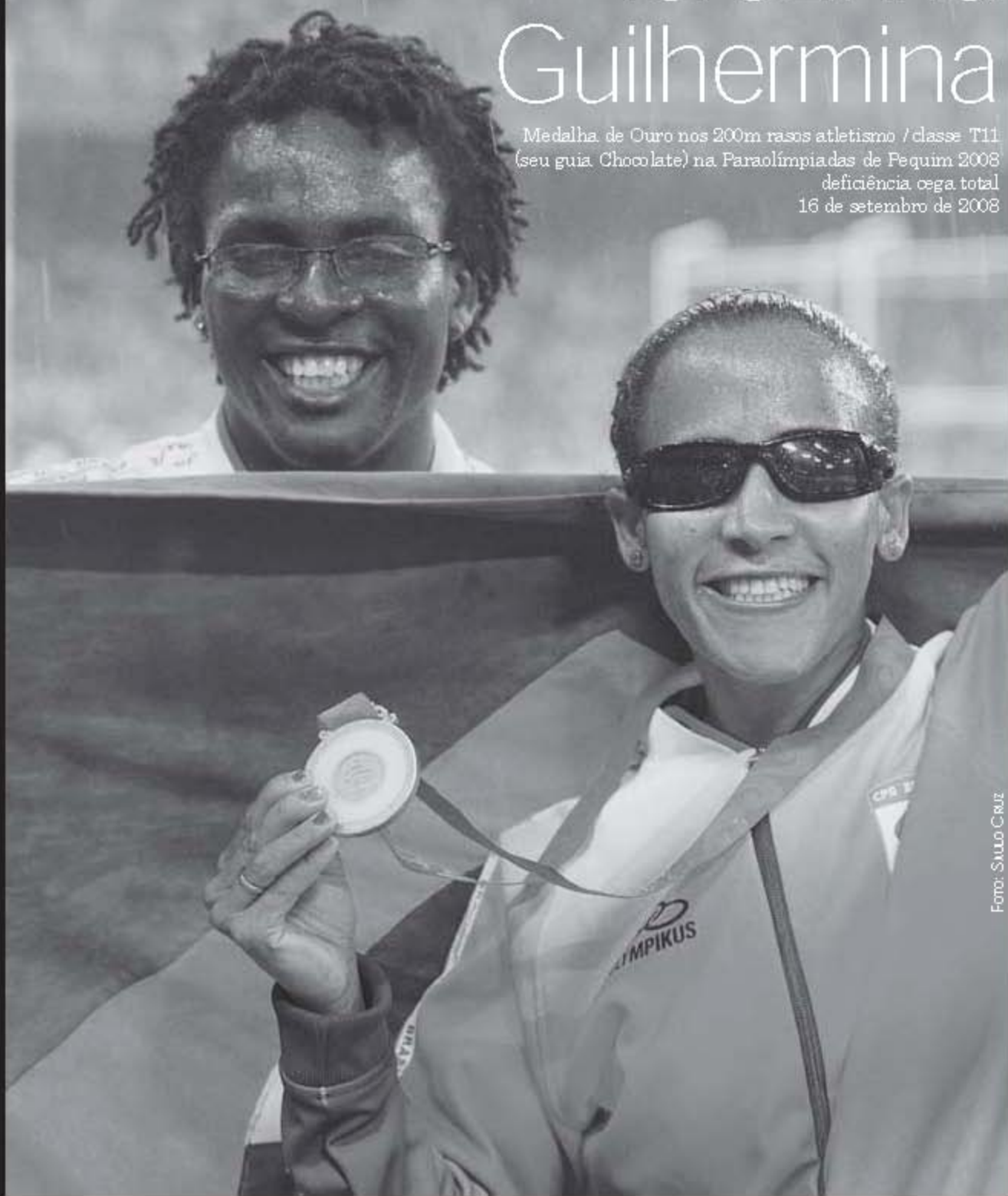


Foto: Saulo Cruz



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

Na Zumbi dos Palmares, o mercado de trabalho
já descobriu e contrata
gente de valor como você, que formamos
em...

Direito - Administração - Tecnologia em Transportes



VESTIBULAR 2009

PROVA 30/11

A diferença que soma é a que integra.
Diversidade-se na Zumbi e seja um profissional de sucesso.

ATENÇÃO em
2009 a
Zumbi estará
no campus
Tietê

Av. Santos Dumont, 1957
a duas quadras do Metrô
Armênia

Telefone: (11) 3392.6005
www.zumbidospalmares.edu.br

Com o nosso cartão, cada compra é uma
contribuição para um futuro melhor.

Peça já seu Cartão Instituto HSBC Solidariedade* e ajude
muitas instituições. porummundomaisfeliz.org.br



**INSTITUTO HSBC
SOLIDARIEDADE**

HSBC Bank Brasil S.A. - Banco Múltiplo. *Sujeito a aprovação de crédito.